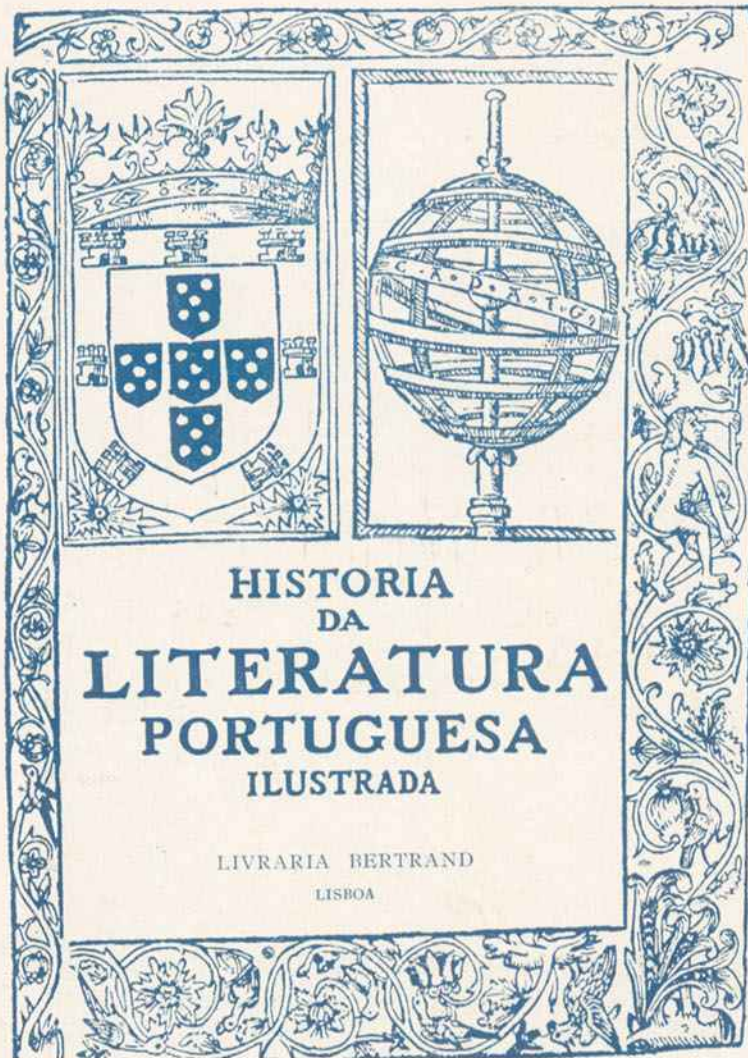


ILUSTRAÇÃO



A INTERESSANTE ESTRÉLA DE CINEMA DESSIE LOVE INAUGURANDO O CARNAVAL DE 1932



HISTORIA
DA
**LITERATURA
PORTUGUESA**
ILUSTRADA

LIVRARIA BERTRAND
LISBOA

A sair brevemente o XXXIII tomo

A MAIS BELA OBRA ATÉ HOJE

EDITADA EM PORTUGAL

PREÇOS INCLUINDO EMBALAGENS REFORÇADAS

CONTINENTE E ILHAS

Assinatura especial de cada número saído mensalmente e pelo correio contra o reembolso (só para o continente e ilhas) 118\$50

3 meses 6 meses 1 ano

Assinatura (pagamento adiantado) 36\$00 59\$00 118\$00

REGISTADO

ÁFRICA ORIENTAL, OCIDENTAL E ESPANHA 34\$50 67\$00 132\$00

ÍNDIA, MACAU E TIMOR 36\$00 79\$00 138\$00

ESTRANGEIRO 37\$00 72\$00 142\$00

Cada tomo avulso, não incluindo porte e embalagem 10\$00

HISTÓRIA ILUSTRADA DA LITERATURA
PORTUGUESA

PUBLICADA SOB A DIRECÇÃO DE
ALBINO FORJAZ DE SAMPAIO
Da Academia das Ciências de Lisboa

ALGUNS DOS PRINCIPAIS COLABORADORES

- AFONSO LOPES VIEIRA, escritor.
AFONSO DE DORNELAS, da Academia das Ciências de Lisboa
AGOSTINHO DE CAMPOS, da Academia das Ciências, professor.
AGOSTINHO FORTES, professor da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.
ALVARO NEVES, escritor, Conservador da Biblioteca do Congresso da República.
ANTÓNIO BAIÃO, da Academia das Ciências, director do Arquivo Nacional da Torre do Tombo.
AUGUSTO GIL, da Academia das Ciências, director geral das Belas Artes.
BRITO CAMACHO, escritor.
CARLOS MALHEIRO DIAS, da Academia das Ciências, escritor, director da *História da Colonização do Brasil*.
CRISTÓVÃO ALVES, secretário geral da Academia das Ciências de Lisboa.
CORLHO DE CARVALHO, da Academia das Ciências de Lisboa.
EUGÉNIO DE CASTRO, da Academia das Ciências, professor da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra.
HENRIQUE DE CAMPOS FERREIRA LIMA, da Academia das Ciências, director do Arquivo Histórico Militar.
GUALDINO GOMES, director interino da Biblioteca Nacional de Lisboa.
HENRIQUE LOPES DE MENDONÇA, da Academia das Ciências de Lisboa, professor da Escola de Belas Artes.
HENRIQUE DE VILHENA, da Academia das Ciências de Lisboa, professor da Faculdade de Medicina da Universidade de Lisboa, director do Instituto de Anatomia.
JOÃO DE BARROS, da Academia das Ciências de Lisboa, director geral da Instrução Primária, professor.
JOÃO LÚCIO DE AZEVEDO, da Academia das Ciências de Lisboa.
JOAQUIM DE CARVALHO, da Academia das Ciências de Lisboa, professor da Faculdade de Letras, director da Biblioteca e Administrador da Imprensa da Universidade de Coimbra.
JOAQUIM LEITÃO, da Academia das Ciências de Lisboa.
JORDÃO DE FREITAS, director da Biblioteca da Ajuda-Lisboa.
JOSÉ DE FIGUEIREDO, da Academia das Ciências, director do Museu Nacional de Arte Antiga.
JOSÉ JOAQUIM NUNES, da Academia das Ciências de Lisboa, professor da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.
JOSÉ LEITE DE VASCONCELOS, da Academia de Ciências, professor da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, director do Museu Ethnológico.
JOSÉ MARIA DE OLIVEIRA SIMÕES, da Academia das Ciências de Lisboa, antigo professor da Escola de Guerra.
JOSÉ MARIA RODRIGUES, da Academia das Ciências, professor de estudos cambojanos na Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.
JÚLIO DANTAS, Presidente da Classe de Letras da Academia das Ciências, Inspector das Bibliotecas e Arquivos Nacionais, Director da Escola de Arte de Representar.
LUÍS XAVIER DA COSTA, da Academia das Ciências de Lisboa, Presidente da Associação dos Arqueólogos.
MANUEL DE OLIVEIRA RAMOS, professor da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.
MANUEL DA SILVA GAIO, da Academia das Ciências de Lisboa, antigo Secretário Geral da Universidade de Coimbra.
MARTINHO AUGUSTO DA FONSECA, da Academia das Ciências de Lisboa, professor do Instituto Superior do Comércio de Lisboa.
MOSES BEN-SARAT AMZALACK, da Academia das Ciências de Lisboa, professor do Instituto Superior do Comércio de Lisboa.
P. M. LARANJO CORLHO, da Academia das Ciências de Lisboa, Conservador do Arquivo Nacional da Torre do Tombo, Director da Secção de Diplomática da Associação dos Arqueólogos.
QUEIRÓS VELOSO, da Academia das Ciências de Lisboa, Director da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.
REINALDO DOS SANTOS, professor da Faculdade de Medicina da Universidade de Lisboa.
RICARDO JORGE, da Academia das Ciências, professor da Faculdade de Medicina da Universidade de Lisboa, Director Geral da Saúde Pública.
S. COSTA SANTOS, escritor.

EDIÇÃO MONUMENTAL

A HISTORIA ILUSTRADA DA
LITERATURA PORTUGUESA

(FORMATO 32x25)

EM TOMOS MENSAIS DE 32 PAGINAS,
ÓTIMO PAPEL COUCHÉ,
MAGNIFICAMENTE ILUSTRADOS

E CONTRA

biografias completas, retratos, vistas, costumes, monumentos, rostos de edições raras, manuscritos, miniaturas e fac-similes de autógrafos, em soberbas gravuras, algumas das quais *HORS TEXTE*, a cores.

CONSTITUINDO

um precioso album em que pela primeira vez, entre nós, se reúne uma tão completa e curiosissima documentação gráfica.

ARTIGOS DE ESPECIALISADOS PROFESSORES E LITERATOS DE NOME CONSAGRADO

CADA TOMO... .. 10\$00

Como está desenvolvido!



A razão é simples: os Alimentos *Allenburys* assemelham-se extraordinariamente ao leite materno. Quando este lhes faltar ou seja pouco recomendável, não hesitem um só momento: dêem *Allenburys* aos seus bebés.

Allenburys

A Amamentação com os Alimentos "Allenburys"

MÃES!
PEÇAM HOJE MESMO
O NOSSO FOLHETO
GRATIS.



ALLEN & HANBURYS Ltd., LONDON.
Agentes Exclusivos
Coll Taylor Ltda., Rua dos Douradores 29, 1.ª, Lisboa

Economia doméstica

MODO FÁCIL
DE LIMPAR
OS METAIS
DOS MÓVEIS
SEM AFECTAR
A MADEIRA

Faz-se uma mescla de cêra, essência de terebentina e de esmeril e esfregue-se o metal com essa composição reduzida a massa, operando com um pedaço de linho macio.

ILUSTRAÇÃO

Propriedade da Livraria Bertrand, Ltd.ª

Editor: Francisco Amaro

Composto e impresso na tipografia da Sociedade Gráfica Editorial, Rua da Alegria, 30 — Lisboa

PREÇOS DE ASSINATURA

	MESES		
	3	6	12
Portugal continental e insular. (Registada).	30\$00 32\$40	60\$00 64\$50	120\$00 129\$50
Ultramar Português (Registada).	—	69\$00 63\$00	138\$00 126\$00
Espanha e suas colónias (Registada).	—	67\$50 66\$00	135\$00 132\$00
Brasil. (Registada).	—	75\$00 75\$00	150\$00 150\$00
Outros países. (Registada).	—	75\$00 84\$00	150\$00 168\$00

Administração — Rua Anchieta, 31, 1.º — Lisboa

Visado pela Comissão de Censura



Tinta a Agua Lavavel

Higiene e Economia

Mande V. Ex.ª pintar os tectos das suas Casas com a tinta «MATOLIN» e verificará a economia conseguida quando ao fim de anos notar que elles se conservam brancos, pois «MATOLIN» é inimiga das *móscas*

À VENDA NAS BOAS DROGARIAS

Pedir indicações ao Deposito Geral: Rua de S. Julião, 23, 1.ª Lisboa
Telefone: 2.2374

Novidade Sensacional
Com o PENTE ONDULADOR transforme os seus cabelos lisos em naturalmente ondulados para toda a vida ! !

Desta maneira geral procedem-se da seguinte forma: Lavam-se os cabelos e secam-se com um pente apropriado (desemburçador), pintor com a cabeça ainda húmida, com o PENTE ONDULADOR de forma que as ondas do pente sejam dirigidas para o exterior. Faz-se deslizar o pente através dos cabelos na posição indicada cêra de 10 a 15 vezes, e assim se obtêm uma linda ondulação para sempre.

PEIGNE ONDULATEUR "VIENNA"

Preço Esc. 15\$00

Exclusivo de venda:
ACADEMIA SCIENTIFICA
D. E. B. E. L. E. Z. A.
M. de CAMPOS
Av. da Liberdade,
35 — Lisboa

PRECISAM-SE
PARA TODAS AS PARTES DE
GERENTES de SUCCURSAIS

Não são precisos conhecimentos especiaes, nem armazem, nem capital liquido

Ordenado: 150 a 200 dollars, por mez

Escrever a "Novelty" á Valkenburg, (Hollanda)



O Verdadeiro Acolhimento

completa-se, oferecendo-se uma bebida agradável e que possua renome universal. A mesa de chá tornar-se-ha mais convidativa, mais distinta, se a qualidade for



CHÁ HORNIMAN

Sómente em pacotes
de 14—50—125 e 250 grâmes.

Contos, Novelas e Romances

Amor e o Tempo (O) por Dr. Augusto de Castro	15\$00	Homem dos Dois Corações (O) por Rocha Martins	3\$00
Art.º 438.º (O) por D. Carmen de Burgos, tradu- ção de Lopes de Sousa	3\$00	Matou por Amor (A que) por D. Emilia de Sousa Costa	3\$00
Cinco Mil Francos por Mês por Reinaldo Ferreira	3\$00	Minha Mulher por W. Fernandes Flores	3\$00
Colecção "Diário de Notícias" por diversos autores	7\$50	Mort de D. Juan (La) por Paulo Osório	8\$00
Drama na Sombra (O) por Ferreira de Castro	3\$00	Noite de Núpcias por Lourenço Cayola	3\$00
Ele e Eu por Augusto Pinto	5\$00	Ruínas por D. Helena de Aragão	8\$00
Fumo dos Casais por D. Maria da Nobrega	10\$00	Sombras e Claridades por D. Helena de Aragão	8\$00
		Veneno do Sol (O) por D. Fernanda de Castro	10\$00

À venda na filial do **DIÁRIO DE NOTÍCIAS**

LARGO DE TRINDADE COELHO, 10 e 11



Um dos melhores livros para crianças
últimamente publicados é

O Pretinho de Angola

POR

CÉSAR DE FRIAS

Nos sete formosos capítulos deste 32.º volume da **Biblioteca dos Pequeninos** conta-se a história comovedora do mais simpático pretinho estudioso.

Sugestivas ilustrações de Ilberino dos Santos

Preço: 5\$00

A venda na Filial do *Diário de Notícias*, **Largo de Trindade Coelho, 10 e 11**, e em todas as livrarias



“YOUPA-LA”

Aparelho para o desenvolvimento físico das crianças

Desenvolve e ensina a andar.
Protege contra todos os acidentes.
Substitui uma criada de crianças.
Diverte a criança proporcionando-lhe uma higiene completa.
recomendado pelo Corpo Médico.

ADOTADO por todas as Pouponnières e Creches em França e pela **Maternidade da Misericórdia de Lisboa, Pouponniere da Maternidade A. Bensaúde, Creche dos Hospitais Cívicos de Lisboa, Assistencia aos Filhos dos Cabos e Soldados da G. N. R. e Dispensario de Puericultura de Castelo Branco.**

Dirigir pedidos à **RUA DE S. JULIÃO, 23, 1.º — LISBOA** — Telef. 22374

VOCABULARIO ORTOGRÁFICO E REMISSIVO DA LINGUA PORTUGUESA

POR **A. R. Gonçalves Viana**

(Relator da comissão da reforma ortográfica, autor da «Ortografia Nacional» e do «Vocabulário Ortográfico e Ortóepico da Língua Portuguesa»)

Com mais de **100:000** vocábulos, conforme a ortografia oficial

EM APÊNDICE: O acôrdo ortográfico entre a Academia das Ciências de Lisboa e a Academia Brasileira de Letras.

1 VOL. COM 664 PÁG., ENCADERNADO, **15\$00**

PEDIDOS À

Livraria BERTRAND

73, RUA GARRETT, 75 — LISBOA.

PAULINO FERREIRA

ENCADERNADOR - DOURADOR

AS MAIORES OFICINAS DO PAIZ, MOVIDAS A ELECTRICIDADE

CASA FUNDADA EM 1884

Premiada com medalha de ouro em todas as exposições a que tem concorrido. — DIPLOMAS DE HONRA na exposição da Caixa Económica Operária e na Exposição de Imprensa

TRABALHOS TIPOGRÁFICOS EM TODOS OS GENEROS simples e de luxo

Orçamentos Grátis

Rua Nova da Trindade, 80 a 92 — LISBOA

Telefone 2 2074

Estoril-Termas

ESTABELECIMENTO HIDRO-MINERAL
 E FISIOTERÁPICO DO ESTORIL

■ ■ ■

**Banhos de agua termal,
 Banhos de agua do mar
 quentes, BANHOS CARBO-
 GASOSOS, Duches,
 Irrigações, Pulverisações,
 etc. — — — — —**

**FISIOTERAPIA, Luz,
 Calor, Electricidade
 médica, Raios Ultra-
 violetas, DIATERMIA
 e Maçagens. — — — — —**

MAÇAGISTAS ESPECIALISADOS



Consulta médica: 9 às 12

Telefone E 72

A dona de casa



Tem a responsabilidade dos deveres da casa, mas também tem os deveres da sociedade. E nem todos os dias está em condições de fazer frente às contrariedades da vida, especialmente quando algum mal a incomoda, quer seja dor de cabeça, de dentes, enxaqueca, nevralgias, ou os incomodos mensaes, etc. que são causas de mau humor e prostração.

Nestes casos deve ter á mão a

CAFIASPIRINA

que não só faz desaparecer as dores, mas também possui a acção reanimadora e estimulante da cafeína. Com ela podem cumprir-se as obrigações da vida com bom animo e satisfação.

Tome, pois, Cafiaspirina.

Não afecta o coração nem os rins.

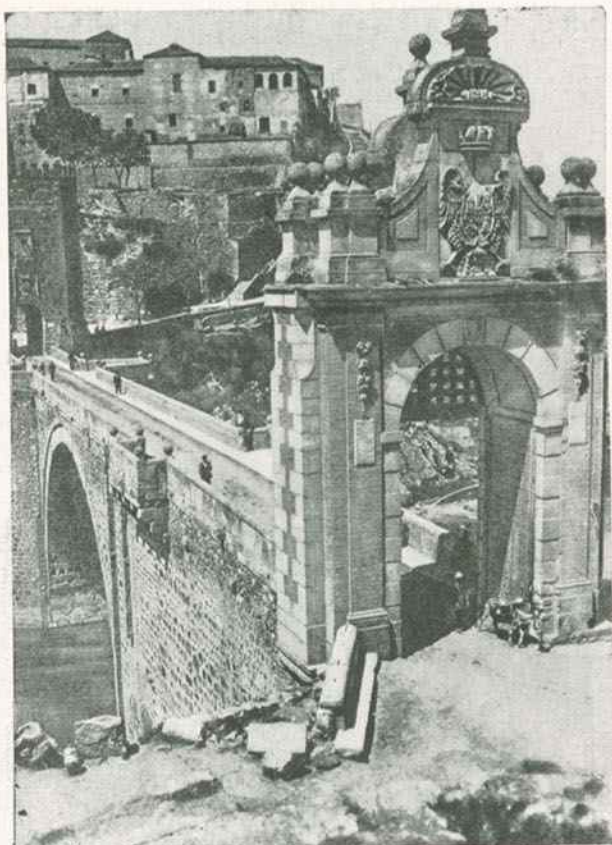


A' VENDA EM TODAS
AS BOAS LIVRARIAS

TOLEDO

IMPRESSÕES
E EVOCAÇÕES

por ANTERO DE FIGUEIREDO

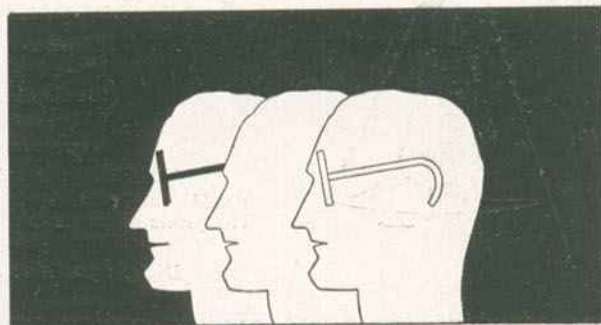


PORTA «DEL PUENTE DE ALCANTARA»

1 Volume de 226 páginas
brochado Esc. 10\$00



PEDIDOS AOS EDITORES
LIVRARIA BERTRAND
73, Rua Garrett, 75 - LISBOA



**BERTRAND
IRMÃOS, L.^{da}
GRAVADORES
IMPRESSORES
T. CONDESSA DORIO-27**

Manuel de Sousa Pinto

RAPHAEL BORDALLO PINHEIRO CARICATURISTAS



DESENHOS ESCOLHIDOS
POR
MANUEL GUSTAVO
BORDALLO PINHEIRO

1 vol. fol. Edição de luxo,
com 90 grandes ilustrações
de Bordallo Pinheiro, repro-
duzidas pela photogravura,
além d'outras inseridas no
texto. Impressão a preto e
côres sobre papel couché.

Cart. 40\$00; br. 30\$00

PEDIDOS A
S. E. PORTUGAL-BRASIL
Rua da Condessa, 80 - LISBOA

DOZE delegações americanas apresentaram à Sociedade das Nações uma proposta para ser erigido na ilha de Santo Domingo um monumento à memória de Cristóvam Colombo. E a 12.ª assembleia daquela instituição exprimiu, como era de esperar, a sua profunda simpatia com tal iniciativa.

Parece que o novo monumento será edificado no aerodromo central das Antilhas e terá a forma de um farol colossal.

O cidadão português sem importância que subscreve estas linhas associa-se de bom grado à nova glorificação do viajante iluminado que, procurando a Índia, encontrou a América, e ficou desde então sobranceiro e inabalável na história dos grandes feitos humanos, como símbolo da supremacia da boa fortuna perante a boa preparação e o bom método.

Sei que há quem diga, na própria América, que não foi Colombo que descobriu a América, mas a América que descobriu Colombo. Ele passava, na caravela *Santa Maria*, e disse-lhe a ilha de Cuba, descobrindo-o: «Eu não sou, como tu pensas, a China»; e disse-lhe a ilha de Haiti: «Eu não sou, como tu pensas, o Japão»; mas o grande iluminado não acreditou nestes autorizados desmentidos, porque, como bom iluminado, só acreditava em si próprio. E morreu em 1506 (oito anos depois de Vasco da Gama haver chegado à Índia pelo caminho certo), inabalavelmente convencido de ter descoberto não a América, para ele inexistente, mas a Índia, que sempre procurara. E o verdadeiro ovo de Colombo é este: um ovo onde devia chocar-se a velha Índia e de onde saiu, e voou muito alto, o Novo Mundo.

Não direi que o Novo Mundo haja dispensado a Colombo uma gratidão excessiva pelo facto histórico de ele o haver descoberto sem querer. A América chama-se América, e não Colômbia, nome que perpetua o do Descobridor apenas numa pequena parte do imenso Continente novo. A gratidão excessiva foi neste caso para o negociante e jornalista Amerigo Vespucci, que nada descobriu sozinho, mas se gabou de ter descoberto tudo e mais alguma coisa. Era, pois, mais justo que o Novo Continente perpetuasse, no seu próprio nome, o nome de Colombo, que o de Vespucci; mas dessa injustiça cabe a maior culpa a um livreiro de Saint-Dié chamado Waldseemüller, inventor do nome América, e à Europa que logo o adoptou e espalhou, sem mais forma de processo canonizador.

Aliás é muito difícil à posteridade ser inteiramente equitativa e certa nas suas canonizações. Os ingleses (e com eles todo o mundo culto), não sabem com

O FAROL DE COLOMBO

certeza certa, ainda a esta hora, a quem devem agradecer as comédias e tragédias de Shakespeare.

Aí tendes um grande homem de quem não nos resta, além das suas grandes obras, senão um nome, e um nome tão vão, que nem nos indigna o esforço que muitos têm feito para o trocárem por outro. A justiça póstuma é afinal tão falível como a contemporânea, e, se conseguíssemos, por espírito e afã de justiça, trocar o nome de América em «Colômbia», logo o espírito e afã de justiça se apresaria a recordar que o mais justo seria chamar à América «Toscanélia», visto ter sido numa carta de Paulo del Pozzo Toscanelli ao cônego português Fernão Roriz, que o grande Colombo foi beber a inspiração tão «americana» de descobrir o Oriente navegando para Ocidente.

E esse o rei português D. João II, o genial organizador dos grandes descobrimentos, iniciados pelo Infante Navegador seu tio-avô, tivesse aceitado a proposta que Cristóvam Colombo lhe apresentou antes de ir entender-se com os Reis Católicos?... D. João II conhecia muito bem a carta de Toscanelli a Fernão Roriz, mas tinha as suas razões muito sólidas para supor que o melhor caminho marítimo de Lisboa para a Índia havia de contornar a África, visto que o istmo de Suez não estava ainda perfurado em canal. Esse sábio rei foi infeliz, «americanamente» falando, por saber de mais. Se ele tivesse acreditado no delírio geográfico de Colombo, é muito possível que a América se chamasse hoje em dia «Joânia», e com toda a razão, porque, traíndo a sua ciência, desmentindo a sua preparação, postergando o seu método, D. João II teria conhecido o êxito e, por este só, receberia da posteridade o diploma de honra do seu merecimento e do seu valor. Verdade seja que a América desse tempo tinha tão pouco valor, ela própria, que o próprio Colombo, se em sua vida tivesse descoberto que a descobrira, se envergonharia de haver descoberto tão pouco. Para desculparmos a falta de «iluminação» de que D. João II deu provas, ao rejeitar a oferta de Colombo, precisamos de aparafusar bem nas nossas cabeças esta ideia de que no fim do século XV não existia ainda no Novo Mundo nem o dólar, nem o presidente Hoover, nem Chicago, nem casas de oitenta andares, nem o senador Borah, nem «flaps», nem «vamps». O genovês magnífico não é responsável por nenhuma

dessas maravilhas, que muito gratamente o «cobrem» de glória, persuadidas de haverem sido «descobertas» por ele. (E, se assim evocamos apenas a América do Norte, é porque o bom «yankee» se considera a si próprio como o único «Americano» autêntico, o que torna urgente a ressurreição de Colombo, para lhe descobrir, enfim, a América do Sul).

Com tudo isto, não queremos diminuir o brilho do futuro farol colombino, nem temos a pretensão de ofuscá-lo com a luzinha da nossa pobre lamparina. Basta-nos sorrir um pouco, sem malícia, das imortalidades humanas, tão próximas parentas das lotarias, que não serve para nada zangarmo-nos com elas a sério. É menos que nenhuma outra nação podem zangar-se os Portugueses contra quaisquer injustiças feitas aos seus navegadores, cosmógrafos, descobridores, conquistadores e grandes estadistas imperiais, porque eles próprios, dentro da sua própria pátria, os têm votado ao mais ingrato esquecimento, quasi todos desprovidos de estátuas ou de faróis.

O único feliz é Fernão de Magalhães, o primeiro circun-navegador do Globo, porque esse tem o seu nome perpetuado nas águas e nos céus da América: no estreito que ele foi o primeiro a atravessar e na nebulosa que os astrónomos baptisaram «nuvens de Magalhães». Mas esse mesmo não tem estátua em Espanha, embora a tenha El Cano, que só fez a metade fácil e já feita da circun-navegação estupenda. Não tem estátua em Espanha, porque não era espanhol; e não a tem em Portugal, por ter passado ao serviço da Espanha. Assim se cobrem de vergonha duas grandes nações, repudiando o herói de um dos maiores feitos humanos, que a ambas honrou grandemente.

E Portugal é a mais ingrata das duas. D. João II, o rei genial, organizador dos grandes descobrimentos; Bartolomeu Dias, que primeiro dobrou o Cabo das Tormentas; Vasco da Gama, descobridor da África Oriental e do caminho marítimo da Índia; Duarte Pacheco e D. João de Castro, homens de ciência dos maiores do seu tempo e semi-deuses da acção mais autênticos do que os da *Ilíada*; Duarte Lopes, explorador da África Central, descobridor das nascentes do Nilo e das cataratas do Congo no século XVI, «descobertas» umas e outras com universal espanto no XIX por Speke, Stanley, Livingston, etc., — nenhum desses e de outros portugueses, que com seus corpos e almas acrescentaram capítulos inteiros à história da Civilização ocidental, tem sido julgado digno do bronze e do mármore na própria terra onde nasceu...

Agostinho de Campos.

Fumar ou não fumar...

«Se em 24 ou 48 horas apparecesse o cancro, se elle contagiasse e a morte fosse rápida já ninguém fumava. Mas só anos depois de abusar do tabaco e quando se deu a deterioração do terreno, criada além dos 40 anos, é que, em regra, a lesão precancerosa ou o cancro se instalaram».

PROF. FRANCISCO GENTIL.

QUANDO OS portugueses trouxeram do Brasil a erva mascada pelos índios, nem por sombras lhes ocorreu o mal que introduziam no mundo.

O mal, ou o bem?

Depende do julgador. Sábio ou ignorante, sizado ou faceto, tímido ou confiado, assim a sentença muda de sinal.

Porque o uso da erva se torna vício, licito é supor aí a existência de um prazer. Qual? Uma ebriedade peculiar, menos viva que a provocada por outras plantas também americanas, tais a coca e o peyotl, em todo o caso suficiente para se agarrar ao corpo com força irresistível. Finca-se tão rija que parece um enxerto, ninguém sabe aonde. Dizem uns que no íntimo do nervo, em tom de avidez pela qualidade excitante; dizem outros que mero tic motriz, ou automatismo do gesto, também podendo alcunhar-se mimetismo mecânico, violentando o que vê fumar a repetir o mesmo acto.

De tanta filosofia imanente não suspeitava o francês Nicolas Nicot, embaixador de Francisco II de França na corte do nosso D. Sebastião, ao transportar de Lisboa as folhas da planta que em Paris apelidaram de Nicotiana. É menos suspeito das artes que os europeus empregariam para retirar dali novas modalidades de volúpia, introduzindo-a primeiro na venta em poeira subtil, depois queimando-a para mais fundo levar a essência cativante.

Foi esta última forma que lhe deu aceitação geral, popular e difusa em todo o globo, ao menos na fracção mais ou menos civilizada. Enquanto se manteve restrita à delicadeza pulverulenta do estorninho, não passou de galantaria de excelências e eminências junto de donas preciosas. Mais luxo que vício, quasi um requiebro de minuet, aparecia no movimento de retirar do bôlso a pitadeira de ouro, abrir, oferecer e ficar com os dedos no ar sorvendo, em geitos de quem cheira uma flor. Passa como brincadeira de moda, a prática do tabaco no século XVIII.

Importante, mesmo grave, caso social, caso médico, surge com a difusão do hábito de fumar. Com elle despontam as cigarreiras, as companhias fabricantes, as

políticas dos Estados, tôdas empenhadas em explorar o vício, como despontam os sermões dos higienistas, missionários da modernidade, prêgando contra as ruínas causadas pelo divertimento que consiste em transformar a bôca em incensório.

Diante dos pés se levantam os trabalhos. Quem houvera de imaginar nociva, mesmo perigosa, a mímica a bem dizer inocente, de acender uns resíduos de folhas sêcas e pô-las a fumegar pela chaminé do nariz?

Que uma crítica austera titulasse de idiota ou ridícula a farçoilice, a que a humanidade resolvera entregar-se, vá. Atribuir-lhe risco de morte, causador de

doenças terríveis, constitui a grande surpresa, quasi a justificação a precaução de que o diabo disparou uma tranca.

Pois muito custe, os observadores da clínica assentarem em que o abu-

so permanente da fumaça origina doenças temerosas, das que matam com as dôres piores, em idade prematura. A nicotina, colidina, tetrapiridina, ácido prussico, alcetrões e um mundo infinito de substâncias químicas de nome terrífico, insistindo como a água na pedra dura, ano atrás de ano, cançam o coração, conduzem ao ateroma, ao desgaste da memória, à dispesia, à úlcera gástrica, e pior, pior, horrível, ao cancro.

Aqui temos no que deu a brincadeira aprendida com os tupis guaranis trazida pelos portugueses, posta a correr mundo pelo diplomata francês contemporâneo do nosso Alcácer Kibuir.

Se fôsse só a artério-esclerose, a prematura fadiga cardíaca, a ferida de estômago, ainda o optimismo intrépido da natureza humana poderia ladear.

Agora o cancro!

Desde que o professor F. Gen-

til, com a sua autoridade de prior da respectiva freguezia, lançou a suspeita, fundada no parecer de outros priores do mesmo orago, assiste aos cautos o dever de considerar as razões apresentadas. Razões científicas, decisivas?

As melhores que hoje se alcançam. De definitivo sobre uma doença tão emaranhada de pontos obscuros, desde o principio a fim, pouco se conta. Pensar em que, na clínica bem tratada, com a sensatez devida, conjecturas de certo quilate valem como verdades, e tanto que algumas dêsse teor, com o tempo, chegam a definitivas.

Na conceituosa palestra que veio a público, o director do Instituto do Cancro apontou factos de muito peso. Aquele dos Basoutos vale a pena meditá-lo. E também o outro da presença do alcetrão nos resíduos combustivos do tabaco, merece atendido.

Sabe-se que os investigadores de laboratório provocam com esfregas daquele produto os cancros nos animais sujeitos a experiência. Que o alcetrão seja uma substância cancerígena não é assunto discutido. Passou em julgado como certo e seguro.

Se o tabaco derrama na língua, no lábio, por toda a mucosa a que chega, alcetrão quente, ninguém o tomará como inofensivo.

Quem redige estas linhas foi fumador e deixou de sê-lo porque a natureza, em experiência repetida, lhe mostrou o assassinato que o cigarro estava praticando. O estômago revoltou com dôres durante anos o avisou do mal provocado. Abandonou o vício, o mal-estar cessou, e o peso cresceu de dez quilos. Mais tarde regressou ao uso do cigarro e, volvidos anos, a perturbação antiga recrudescceu.

Suspendida de novo a fumaça, a vícera calinou e os dez quilos perdidos voltaram à normalidade.

São muitos os queixosos de mal semelhante, também afundados no vício, que ouvindo relatar o incidente, logo pretendem saber a arte ou artimanha empregada para sacudir a estúpida tirania.

O preguntado, entre grave e irónico, responde que uma única receita eficaz existe para deixar de fumar. Consiste ela, pura e simplesmente, em não fumar, desde o instante em que a inteligência e o bom gosto mostrem a evidência como é e em que consiste o mal de fumar. E quem por este processo se não cure tenha-se por incurável.

O preguntado, entre grave e irónico, responde que uma única receita eficaz existe para deixar de fumar. Consiste ela, pura e simplesmente, em não fumar, desde o instante em que a inteligência e o bom gosto mostrem a evidência como é e em que consiste o mal de fumar. E quem por este processo se não cure tenha-se por incurável.

Samuel Maia



PROF. FRANCISCO GENTIL



No hall do Carlton, em Londres. Às 8 horas da noite. Três inglesas elegantes, entre os trinta e os quarenta anos — LADY BRADFIELD, MRS. MOODY e MRS. GIBSON — braços nus, ombros nus, jóias, vão sentar-se a uma das mesas, conversando. LADY BRADFIELD é alta, loira, escultural, aristocrática, desdenhosa; MRS. MOODY, loira também, olhos azuis, lânguida, tem a candura de certos retratos de Romney; MRS. GIBSON, olhos e cabelos pretos, pele doirada, corpo nervoso, movimentos rápidos, parece mais uma italiana do que uma inglesa. — Os criados passam, solenes, sobre o grande tapete silencioso.



MRS. MOODY — Os nossos maridos eram mais amáveis se não nos fizessem esperar tanto.

LADY BRADFIELD — Ainda não é a nossa hora de jantar.

MRS. GIBSON — Quem lhes tira o clube, tira-lhes tudo.

MRS. MOODY — Passamos a vida à espera deles.

LADY BRADFIELD — Eu acho agradável esperar pelo meu marido.

MRS. GIBSON — Esperar, seja por quem fôr, é sempre desagradável.

LADY BRADFIELD, a um criado que se aproxima — Vermouth cocktail.

MRS. MOODY, também ao criado — Martini — Toma um cocktail, mrs. Gibson?

MRS. GIBSON — Tomo sempre. Estou proibida pelos médicos. (Ao criado) Champagne-cocktail.

LADY BRADFIELD — Se está proibida pelos médicos, porque toma?

MRS. GIBSON — O maior prazer da vida é desobedecer. Gosto imenso de tudo o que é proibido.

MRS. MOODY — Todas nós. (Acendendo um cigarro) E os nossos maridos também.

MRS. GIBSON — Os nossos maridos são horríveis. Não acha, Lady Bradfield?

LADY BRADFIELD — Talvez. Mas que se há de fazer, se não temos outros?

MRS. MOODY — Há uma verdadeira crise de maridos. Sobretudo em Londres. São poucos e maus.

MRS. GIBSON — Eu perdoo-lhes todos os defeitos. Só não lhes perdoo a infidelidade.

LADY BRADFIELD — É precisamente o defeito que eles apreciam mais. (Abrindo a cigarreira de ouro) Não fuma, mrs. Gibson?

MRS. GIBSON — Não. Os médicos deixam-me fumar. Não me apetece.

MRS. MOODY — O homem é um animal essencialmente infiel. É o que o distingue do cão.

marido. E como os médicos me proibiram as excitações de nervos, faço-lhe todos os dias uma cena de ciúmes e transformo-lhe a vida num inferno.

MRS. MOODY — Eu, não. Vivo com meu marido no mais afectuoso desacôrdo.

MRS. GIBSON — Nunca se zangaram? Que sensaboria!

MRS. MOODY — A vida é tão curta, mrs. Gibson! Só me lembro de ter tido com meu marido uma explicação desagradável. Foi quando soube que ele fazia a corte à Josefina Baker. Lá pretas, não!

MRS. GIBSON — Não me parece que façam uma grande diferença das brancas.

LADY BRADFIELD — Às vezes, até são mais bonitas. Eu acho bonita, a Josefina Baker.

MRS. MOODY — Que horror!

MRS. GIBSON — Felizmente, os médicos proibiram o chocolate a meu marido.

MRS. MOODY — Era um incômodo para mim. Quando meu marido me dava um beijo, eu ia logo a correr ao espelho ver se tinha alguma máscara na cara.

LADY BRADFIELD — Não são elas que destingem, somos nós. Olhe, o meu cocktail já está cor de rosa.

MRS. GIBSON — Rose-cocktail. Gosto muito. — Só Lady Bradfield é que ainda não nos falou de seu marido.

LADY BRADFIELD — Tenho estado a ouvi-las. Mrs. Gibson e mrs. Moody teem uma

maneira diferente de compreender a felicidade no casamento.

MRS. MOODY

— E qual lhe parece melhor, Lady Bradfield?

LADY BRADFIELD — Parecem-me ambas más.

MRS. GIBSON — Pois eu, se tivesse uma filha, havia de a ensinar a ser ciumenta como eu sou.

MRS. MOODY — E eu, quando a minha filha fôr crescida, hei de aconselhá-la a ser indiferente, como eu tenho sido.

LADY BRADFIELD — Por êsse caminho, nenhuma delas pode ser feliz.

MRS. GIBSON — E lady Bradfield está convencida de que há mulheres felizes?

LADY BRADFIELD — Estou convencida, porque o sou.

MRS. GIBSON — Os meus cumprimentos a sir John Bradfield.

MRS. MOODY — Quer dizer que sir John Bradfield é um marido ideal.

LADY BRADFIELD — Tem defeitos, como todos os homens. Mas eu creio que a felicidade no casamento depende mais de nós do que dos nossos maridos. É preciso saber ser feliz, mrs. Moody.

MRS. MOODY — Meu marido não tem

MRS. GIBSON — Não tem conta as vezes que meu marido me tem enganado. Engana-me com um ar de inocência perfeitamente revoltante. É um

Alta sociedade

monstro. E é pena, porque é um bonito rapaz.

MRS. MOODY — Os feios são os peores. O meu é feio e engana-me tôdas as semanas, com uma pontualidade inglesa.

LADY BRADFIELD — É um gentleman. Podia enganá-la todos os dias, mrs. Moody.

MRS. MOODY — Aos sábados, diz-me que vai passar o week-end a Eastbourne com um amigo, e eu sei que êsse amigo usa saias e pinta os olhos de azul.

MRS. GIBSON — E mrs. Moody deixa-o ir sozinho?

MRS. MOODY — Não o quero contrariar. Nós não casámos para nos contrariar um ao outro.

MRS. GIBSON, quando o criado serve os cocktails — Pois eu, ainda que Eastbourne fôsse no fim do mundo, ia atrás do meu marido e fazia um escândalo.

MRS. MOODY — Para quê? Prefiro ficar em Londres e aproveitar o meu week-end o melhor possível. Também é justo que eu tenha os meus flirts, não é verdade?

MRS. GIBSON — O meu flirt é o meu

razão de queixa. Sou tão condescendente, que lhe deixo fazer tudo quanto elle quer.

LADY BRADFIELD — É pouco.

MRS. GIBSON — O meu, também não. Gosto tanto d'ele, que o atormento com ciúmes.

LADY BRADFIELD — É demais. Nós não devemos dar aos nossos maridos, nem tanta liberdade que elles se desprendam, nem tão pouca que elles se aborream. Os homens são grandes crianças. E, muitas vezes, são crianças doentes. Precisamos de os educar, e, sobretudo, de os entreter, para que elles se sintam bem ao pé de nós.

MRS. MOODY — Eu confesso que não tenho getto nenhum para nurse.

MRS. GIBSON — Meu marido já está muito crescido. Já não está em idade de brincar com bonecas.

LADY BRADFIELD — Pois olhe, mrs. Gibson. O nosso primeiro dever e sabermos ser as bonecas dos nossos maridos. Se não soubermos, elles arranjam outras mais agradaveis, mais risinhas ou mais elegantes do que nós, e está tudo perdido. Temos de ser, ao mesmo tempo, bonecas para os divertir e mais para os aconselhar. Todos elles, mesmo quando já tem cabelos brancos, estão ainda na primeira infância. Se elles fazem travessuras, não podemos, nem abandoná-los, nem ser demasiado severas. Nem seguir o seu processo, mrs. Moody, nem o seu, mrs. Gibson.

MRS. GIBSON — Então, qual?

LADY BRADFIELD — Tratá-los. Em geral, quando os nossos maridos nos enganam é porque estão doentes.

MRS. MOODY — É curioso. Nunca ouvi dizer isso a ninguém.

MRS. GIBSON — E seu marido, lady Bradfield, tem tido boa saúde?

LADY BRADFIELD — De vez em quando, adoece, como todos os homens. Mas são incómodos ligeiros, que passam depressa. Só teve, que me lembre, uma doença grave.

MRS. GIBSON — Loira ou morena?

LADY BRADFIELD — *Gentlemen prefer blondes*. Dessa vez, esteve bastante mal. Chegou a cair de cama. Mas tratei-o, e elle curou-se.

MRS. MOODY — Eu não tenho grande interesse em curar meu marido. Mas gostava de conhecer a receita.

LADY BRADFIELD — É simples, mrs. Moody. Quando os nossos maridos cometem uma loucura, nós devemos perguntar a nós próprias se a culpa será apenas d'elles.

MRS. GIBSON — Às vezes, é delas.

LADY BRADFIELD — E, quasi sempre,

é nossa. Se nós fizermos o nosso exame de consciência, havemos de reconhecer que as infidelidades dos nossos maridos tem em geral uma causa a que nós não somos estranhas. Fomos nós que, ou não soubemos ser ternas para elles, ou des-



curámos o nosso lar, ou nos esquecemos de que o primeiro dever duma mulher casada é conservar a sua auréola e traar da sua beleza, como duma flor. O homem — eterna criança! — só procura outra boneca, se a que tem em casa não sabe encantá-lo nem divertir-lo. Quando sir John Bradfield adoeceu (duma doença perigosíssima que tinha vinte anos, umas pernas muito bem feitas, e que dançava bailados egípcios nas *Midnight Follies*) eu reconheci que era também um pouco culpada das levandades d'ele, porque, vivendo quasi exclusivamente para as minhas alegrias de jóvem mãe, não me tinha lembrado de que devia viver sobretudo para meu marido. E, como a culpa também era minha, em vez de lhe fazer cenas de ciúmes, de o aborrecer, de o abandonar, voltei a cuidar de mim, dos meus encantos de mulher, a ser *coquette*, a perturbá-lo, a reconquistá-lo pouco a pouco, a tecer em volta d'ele a minha teia doirada de sedução e de ternura, e tão bem o tratei — pobre d'ele! — que daí a pouco sir John estava curado e já se importava tanto com a bailarina egípcia como eu me importo com a múmia de Tutankamon. — Porque não experimenta o meu processo, mrs. Gibson?

MRS. GIBSON — Porque eu não sou a culpada das loucuras de meu marido. Sou a vítima.

LADY BRADFIELD — Tem a certeza disso?

MRS. GIBSON — E, quando elle me engana, não tenho vontade de o seduzir. Tenho vontade de lhe bater.

LADY BRADFIELD — Pois, quando elle a engana, é que precisa mais da sua ternura e do seu amparo moral.

MRS. MOODY — Eu também não concordo com as suas ideas, lady Bradfield. A infidelidade não é tal uma doença do homem. Meu marido, quando adoce, mete-se na cama, e quando me engana está de perfeita saúde.

MRS. GIBSON — Não aceito a situação de boneca. Eu não sou boneca de ninguém. Eu sou uma mulher.

LADY BRADFIELD — Neste mundo, mrs. Gibson, somos todos bonecos uns dos outros.

MRS. GIBSON — A mulher, hoje, vota e tem os mesmos direitos do homem.

LADY BRADFIELD — Nem por isso é mais feliz.

MRS. MOODY — Lady Bradfield está convencida de que os homens são crianças. Se fôsem crianças, eram inocentes. Ora, eu acredito em tudo menos na inocência de meu marido.

LADY BRADFIELD — Faz mal, mrs. Moody, porque seu marido acredita na sua inocência. (*Três ingleses elegantes, de casaca, assomam no hall*) Olhe. Elles aí veem.

MRS. MOODY — Espero que lady Bradfield não desmoralizará os nossos maridos, dando-lhes a conhecer as suas ideas.

MRS. GIBSON — Senão, elles passam a vida a fazer loucuras e a dizer que as culpadas somos nós...

LADY BRADFIELD — Descansem. Estas coisas não se dizem aos homens... (*Dando a mão a beijar aos três ingleses, que se aproximam*) Boa noite. Porque vieram tão tarde?

Júlio Dantas



Na Rússia Soviética

O que um engenheiro conseguiu vê e ouvir e que tantos desejam ocultar...

III — (Conclusão)

A Ilustração publica hoje o terceiro artigo da série consagrada aos aspectos da actual Rússia soviética. É o último documentário, que apresenta aos nossos leitores traços reais das condições em que se vive e se trabalha naquele país.

O assunto, de uma oportunidade flagrante, tem apaixonado tôdas as esferas sociais do mundo, e agora, que anos e anos já estão passados desde a implantação do governo social, é tempo que todos nós tiremos as verdadeiras conclusões dos factos apontados.

O curioso relato do engenheiro alemão Johann Philipp, que hoje terminamos, focou a Rússia actual sob os seus principais aspectos da vida social. O leitor foi levado para trás dos bastidores misteriosos de Moscovo, penetrou nas regiões mais afastadas dos grandes centros, assistiu à descrição das misérias sociais de todo um povo que se sacrifica ao ideal de um punhado de «mencurs», incompatíveis com os sentimentos humanos e os princípios de cultura de toda a maioria esmagadora do Universo.

Como o salientámos, desde o primeiro destes artigos publicado na Ilustração, o relato de Johann Philipp não tem pretensões a constituir um estudo detalhado da Rússia dos nossos dias. Limita-se, como dissemos também, a um corte transversal através as condições de vida e de trabalho naquele país. Cenas isoladas, diferentes observações, naturalmente também as conclusões delas tiradas, são, na essência, o principal assunto da série destes artigos.

Este último completa, eloquentemente, a verdade acérrica da realização do tão discutido e complicado plano quinquenal.

EFFECTIVAMENTE, estava ainda tudo no papel... nos tais planos que me tinham mostrado em Moscovo. Porque, no local da obra, a desilusão sofrida ainda foi maior...

Constatei tudo, menos traços de qualquer

trabalho. Meia dúzia de barracas, uma estrada mal delineada e mal começada. Junto ao rio, uma pedreira, algumas vagonetas abandonadas a meio de uma linha Decauville... Havia, realmente, pedra em abundância para uma grande obra, mas encontrava-se toda amontoada, visto as vagonetas continuarem no meio da linha sem força motriz que as conduzisse até à máquina que as havia de partir.

A poucos passos encontrei a serralharia. Junto a ela construiu-se, vagarosamente, um coberto destinado a uma futura oficina mecânica.

Mentalmente passei a calcular o tempo que, na Alemanha, levaria a fazer aquele trabalho todo... Quatro semanas, quando muito. Ali, naquela região da Rússia, tinham começado com aquilo no mês de Abril, e o calendário mareava então a data de Setembro!

Passo aos escritórios. O engenheiro Fomenko acompanha-me e elucida-me com tôdas as deferências.

— Desejava vêr os planos...

— Os planos?

— Sim...

— É que... compreende... o plano definitivo da obra ainda está... — explica um pouco confuso o camaradinho Fomenko — ...ainda está...

— Aonde?

— Na América.

— Na América?! Então não compreendo bem! Os senhores bão-de saber, pelo menos, o que estão para aqui a construir...



SOLDADOS DO EXÉRCITO VERMELHO DURANTE UMA FOLGA DO SERVIÇO

— Naturalmente... — elucida Fomenko. — Sim, sabemos que vamos construir aqui uma grande fábrica de cimento... mas os planos para essa fábrica ainda estão a ser delineados por um engenheiro americano.

— Muito bem... — esforço-me por ter mão nos meus nervos. — Mas os senhores por força que devem estar na posse de um plano qualquer...

— Há aí uns traçados...

— Mostre, se faz favor.

É vêm os tais traçados. Uma folha de papel com um rectângulo desenhado e as respectivas medidas, quinhentos por mil metros. Refere-se à futura fábrica. Mas Fomenko informa-me que recebem ordens para reduzir essas dimensões. Resultado: tôdas as medidas, escalas e cálculos passam a estar em discordância com os cálculos iniciais. Se nem sequer se sabe a que profundidade se devem cavar os alicerces para a futura fábrica!

Entretanto caiu a noite...

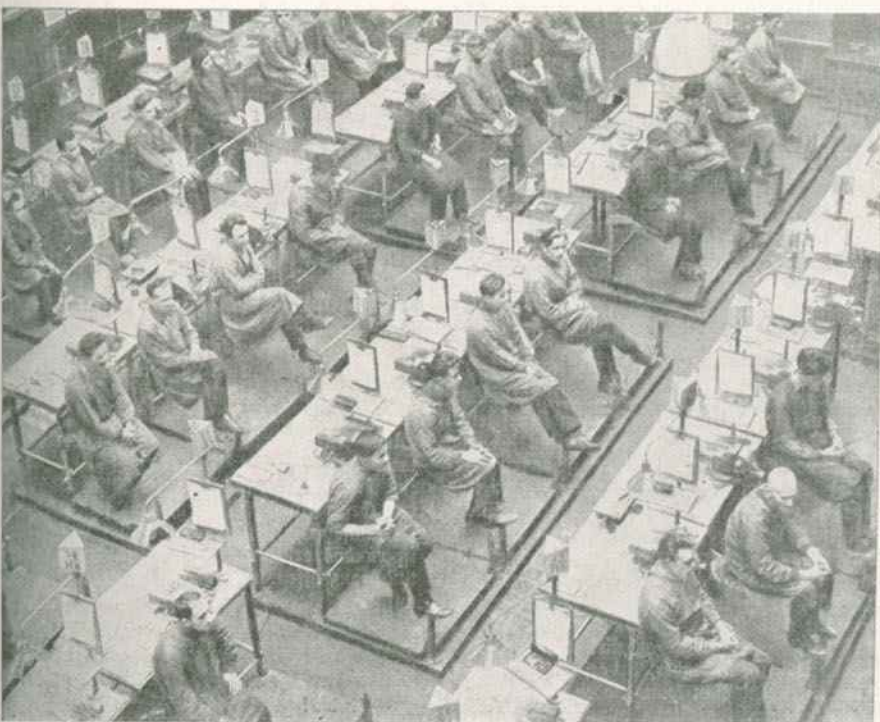
Fomenko despede-se:

— Durma bem! — apressa-se êle a dizer-me.

Dormir bem? Eu? Ante a perspectiva aterradora de umas obras tão complicadas? Até parecia troça...

Bom ou mau grado meu, comeci com a minha nova tarefa. Com o decorrer do tempo fiz várias e diferentes observações que ficam aqui arquivadas, resumidas até.

Entre o meu pessoal havia um tártaro de cabeça rapada à navalha que mais assemelhava uma bola de bilhar. Possuía um bigode à chinesa, comprido e triste... Triste era o



UM CURSO DE SERRALHARIA MECÂNICA EM MOSCOVO

homem dos pés à cabeça, e muito mais triste a sua história. Trabalha de manhã à noite de pé nas mãos e carrega incessantemente as viaturas de terra. Ninguém o considerava especialmente, e ninguém lhe ligava grande importância, até que, certo dia, o nosso homem recebeu um telegrama...

Um telegrama para Scheichmuroff! Era qualquer coisa de importante... e o mais importante é que o destinatário não sabia ler, razão suficiente para que apellasse para os seus colegas e, num abrir e fechar de olhos, toda a gente ficou sabendo o que dizia o tal telegrama...

Era dos filhos, que viviam em Kasan, e que apelavam, em última instância, para o pai, por não saberem o que haviam de fazer à vida... Sem vintém, sem pão, sem nada...

Pai manda urgentemente dinheiro

Scheichmuroff, apesar da sua aparência de bruto e de insensível aos dramas desta vida, não ficou indiferente ao apêlo dos filhos. Os olhos encheram-se-lhe de lágrimas, as formidáveis mãos, calosas e cobertas de uma epidemie que já assemelhava mais o couro, entraram de tremer...

— Os meus filhos, senhor! Os meus filhos...

E aquele homem que eu notara desde o primeiro dia pela sua submissão, pelo seu ardor ao trabalho, pela sua enorme resignação, parece outro. Vai de grupo em grupo com o telegrama na mão, gesticulando, tremendo a voz alterada, um estranho brilho no olhar...

— Dinheiro! Dinheiro... Preciso de dinheiro para os meus filhos!

Os companheiros olham-no entre condoídos e indiferentes, e a opinião geral responde-lhe:

— Então! Mete um vale por conta da tua fêria!

Eu mesmo, na minha ingenuidade, me ofereço para o acompanhar junto ao nosso director vermelho...

— Arranja-se a que você meta um vale! — digo-lhe eu condoído com a sua sorte.

— Vale? En?... Meter um vale? Ah! Ah! Ah!

Hesito, temendo que Scheichmuroff sofra um repentino ataque de loucura... e consolo-o:

— Então, depois vai descontando do que ganhar!

— Essa tem graça!

— Então, é a coisa mais natural em face do telegrama que recebeu...

— Mas que é do dinheiro...? Se há três meses não recebo vintém!

Não acredito. Mas logo, em minha volta, uns vinte olhares me confirmam que o homem tem razão. Ainda assim, vou com êle até ao director. Scheichmuroff, vencida a ti-

midez e ditas algumas palavras preparatórias, vai direito ao seu fim:

— Preciso de dinheiro... Os meus filhos não têm dinheiro, estão à fome... Está aqui o telegrama...

— Dinheiro?! — o director vermelho olha o meu operário, de alto a baixo, como quem não acredita no que ouve.

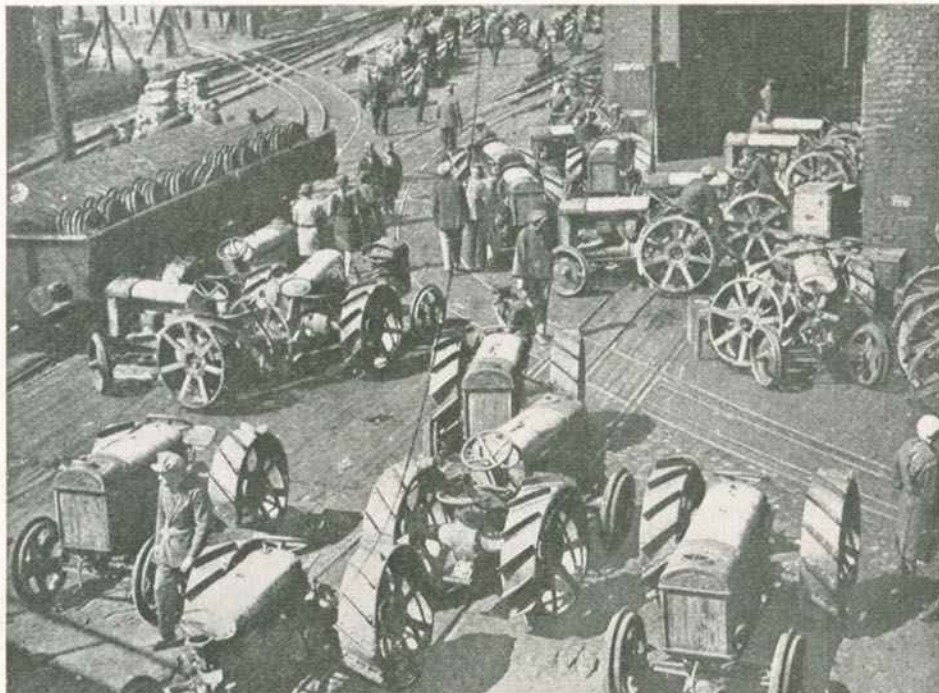
— Efectivamente — intervenho eu — Scheichmuroff recebeu êste telegrama. O caso é urgente. O homem é merecedor que se lhe conceda pelo menos um pequeno pagamento sobre o que se lhe deve... é dos mais trabalhadores, dos mais disciplinados, está sempre pronto a tra...

O director vermelho mede em largas passadas o aposento e passa a olhar-me também a mim com uma certa ironia que me desconcerta:

— Então o senhor vem pedir dinheiro, não para si, mas para um outro!?

— Condoí-me da sorte do desgraçado e julguei que a minha interferência...

— Tem graça! — exclama êle. — Como



PÁGIO DA SECÇÃO DE MONTAGEM DE TRACTORES NA FÁBRICA PUTOLOW DE LENINGRAVO

quiere o senhor que eu pague... se eu não tenho dinheiro!

Durante segundos fico atônito a olhar para êle. Depois é o próprio director vermelho que corta o silêncio:

— Vá-se embora Scheichmuroff. Não lhe posso valer... — e voltando-se para mim: — E o senhor engenheiro vá aprendendo... Aqui não há comiserações, nem protecções... Aqui cada um se governa conforme puder!

Abandono o gabinete do director absolutamente perplexo. Nos meus ouvidos ainda se repercutem as suas palavras finais: *Aqui cada um se arranja conforme puder!*

Bonito princípio! Mas então, se o pagamento das fêrias está em atraso há três meses, como é que essa gente toda que trabalha sob as minhas ordens, se arranja? Cada um se deve governar — disse o director — mas pergunto eu: como?

— Não contive a minha curiosidade e as minhas averiguações esclareceram-me. Todos

aqueles operários recebiam, por conta das suas fêrias, senhas de racionamento para a *Stolowaja*, ou seja, para a cantina... Ao menos, assim, não morriam à fome.

Pasméi e, ao mesmo tempo, sorri intimamente: ora aqui estava um processo prático de pagar ordenados sem recorrer ao dinheiro sonante!

* * *

Crise material e crise humana. Para nos desempenharmos do programa que nos fora indicado, necessitávamos em *Werhne Salda* de três mil e quinhentos operários. O máximo que se conseguiu apurar, limitou-se a oitocentos homens. Já não quero pensar na dificuldade que havia em albergar toda essa gente. O problema principal era angariar quem trabalhasse.

O local das obras, situado muito longe da estrada principal, dificultava-nos o recrutamento de forças para o nosso trabalho, principalmente de carpinteiros.

Dêstes artistas necessitavam-se mil e duzentos, e só se conseguiu uma percentagem que pouco excedia os dez por cento...

De tal forma, defendiamos exclusivamente dos engajadores. Cinco ou seis dêstes cavalheiros viajavam, constantemente, por todas as linhas dos caminhos de ferro, recrutando trabalhadores... Pensei, não poucas vezes, nos milhões de desempregados que existem por todo o mundo!

O interessante é que os próprios engajadores se queixavam da dificuldade em recrutar pessoal. Além do scepticismo que o povo russo opõe às obras do Estado so-

viético, há sempre a grande dificuldade de transporte dêsses operários que tenham sido contratados a algumas centenas de quilômetros de distância do local das obras. O engajador envia um telegrama:

Mandem dinheiro passagens cento vinte operários.

Mas o director vermelho coça desesperadamente a cabeça... Que é do dinheiro?

E alguns dias depois, outro telegrama elidida-nos:

Virtude falta dinheiro outro engajador levou meus operários...

* * *

Arquivo, a seguir, um outro caso. Vai sem comentários. Talvez seja preferível assim:

Um belo dia que eu me encontrava com Fomenko no escritório, bateram à porta.

— Entre!

Apareceu uma velhota que ficou indecisa, a dançar de um pé para o outro, diante das nossas secretárias.

—Então, que temos?!

—É que eu... Ai, senhores, eu nem sei se deva...

Ao cabo de muita insistência e de algumas palavras agradáveis conseguimos, finalmente, que ela nos diga do que se trata. Era possuidora de um pequeno jardim à volta da mísera cabana em que habitava. Esse jardim confinava com os terrenos das obras. Quando se mandou proceder à construção da cavaliária, parte desta edificação ocupara o jardim da velhota...

—E agora, meus senhores, fico sem as batatas e sem a hortaliça que lá semei...

—E depois?

—Depois... eu vinha... sim, não-de desculpar... mas eu vinha para saber se... se alguém me indemnizava... Sim, porque eu agora já não tenho nada meu...

Fomenko intervém:

—Mas está claro que a indemnizam! O valor de tudo quanto estiver metido na terra há-de lhe ser restituído!

—Bem!—suspira a velhota. O seu olhar volta-se para a janela por entre a qual se vê a neve que cai lá fora. —Muito bem... *Dostoiânje!* Adeus!

Abre a porta, sai.

Durante instantes, Fomenko e eu entreolhamo-nos, e logo voltamos ao nosso trabalho. Mas pouco depois, Fomenko comenta:

—Eu tive pena dela, mas, na verdade, que direito de indemnização lhe assiste, se a terra, toda a terra da Rússia pertence a nós todos?!

Parece-me que nem eu, nem ele, chegámos a uma conclusão, a tal respeito, que nos satisfizesse.

* *

Decorreu o tempo e tudo quanto se encontrava armado no local das obras nada mais era do que de construção provisória. Foi como que um período de pacata sonolência, de que acordámos, por fim, ao recebermos a agradável nova de que chegava de Moscovo um engenheiro russo com o programa detalhado para as obras a efectuar durante os próximos três meses.

Finalmente!

Chegou o engenheiro e logo de entrada explicou:

—O mais importante é a construção da oficina mecânica n.º 2!

Essa oficina, relativamente ampla e perfeita, deveria ser já construída definitivamente em cimento armado, e o homem de Moscovo esclarecia com grandes ares:

—Condição essencial que a respectiva construção esteja terminada no dia um de Abril!

Estamos em Dezembro... temos, portanto, mais do que tempo para o nosso novo trabalho. Contudo, há uma pequena dificuldade; onde é que devemos construir a nova oficina?

O engenheiro de Moscovo olha para mim como quem não quer compreender bem. E eu esclareço:

—Sim, porque o plano geral das obras ainda não chegou... e nós não podemos adivinhar qual a parte do terreno que foi destinada para a sua edificação!

—É claro...—concorda o colega de Moscovo.—Claríssimo... A gente não sabe ao certo em que ponto devemos de construir a oficina mecânica número dois... mas o principal é que ela esteja pronta no dia 1 de Abril!

Durante instantes olhamos para o primitivo traçado em nosso poder... Lá está o lindo rectângulo representando a fábrica... Mas para onde vai a oficina mecânica número dois?

Talvez o encarregado do projecto, lá na América do Norte, o saiba, e no que o colega de Moscovo concorda absolutamente comigo é que Nova York está muito longe. Que fazer, portanto?

—Eu sou um homem prático!—diz o outro.—Sabe que mais? Construímos a oficina aqui neste *cantinho*... Que lhe parece?

—É indiferente o *cantinho* que escolhermos—respondo eu—o que, em todos os casos, subsiste é o receio de escolhermos o *cantinho* errado para onde o autor do projecto

lá da América tenha destinado uma dependência absolutamente diferente...

—Não faz mal!—responde o outro.—Constrói-se a oficina. No dia primeiro de Abril tem que estar pronta; é o govêrno dos Sovietes que o quere!

Não digo nem mais uma palavra. Marca-se o local. Delineiam-se os trabalhos de excavação a que há a proceder. São ainda assim dez mil metros cúbicos de terra que temos que remover dali e para esse trabalho dispomos de somente cinquenta homens. Além disso, é preciso notar, a temperatura desceu a vinte e cinco graus abaixo de zero e o solo gelou até uma profundidade de metro e meio...

Que nos resta a fazer senão dinamitar? Em um de Abril tem que estar tudo pronto... Mas não vale a pena estar a saturar o leitor com os pormenores de um trabalho semelhante em condições tão difíceis. Voltei-me para o meu colega russo e pedi:

—Dá-me o plano para a oficina, sim?

—O plano? Então não é o senhor que o tem?

—Eu não tenho nada! Em Moscovo mandaram-me para aqui e disseram-me que cá viria encontrar tudo, mas na verdade não encontrei nem nada!

—Pois eu cá é que não sei dêle... Mas não faz mal. Temos as dimensões. Improvisa-se...

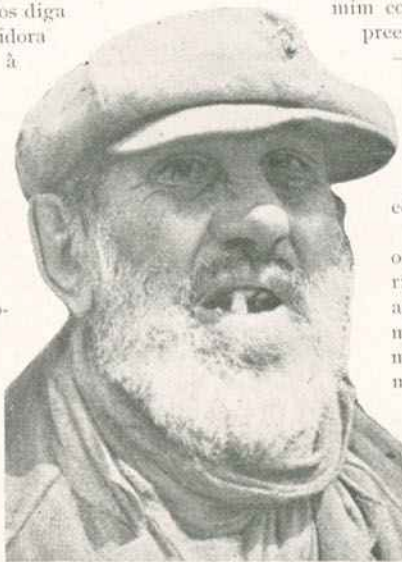
—E o material?

—Requisita-se...

—Mas como havemos nós de requisitar material se não dispomos dos dados, dos números, dos cálculos?! Lembre-se que vamos construir uma oficina mecânica... Não é caramanchão nenhum, e sei lá eu, sem planos e sem cálculos, se devo pedir cem toneladas de ferro, e quanta quantidade de cada qualidade e tamanho? Isto de requisitar ao calhar é uma loucura!

O russo, ao meu lado, sorri:

—Não se impacienta, colega! Faça como nós: sente-se com lápis e papel na mão, olhe durante minutos para o tecto, depois escreva alguns números... os que lhe parecerem...



TIPO DE OPERÁRIO RUSSO SEM TRABALHO



O HOMEM E A MULHER ELEGANTES APARECEM, QUASI QUE EXCLUSIVAMENTE, SÓ NOS ANÚNCIOS DAS LOJAS. NOVENA E NOVE POR CENTO DA POPULAÇÃO RUSSA USA BONE OU LENÇO NA CABEÇA

— Bem. Admitamos que eu faço um cálculo pelo largo, que encomendo duzentas toneladas de ferro mas que, afinal de contas, acabo por necessitar somente oitenta toneladas?! Fico com uma sobra de cento e vinte toneladas, e o senhor bem sabe que os regulamentos não permitem que nós requisitemos material em quantidade excedente à estritamente necessária!

— Sei tudo isso! — intervém o meu colega. — É sei também que o meu amigo não corre risco em requisitar as duzentas toneladas de ferro, porque a verdade é que ninguém na Rússia lhes fornece...

O homem tinha razão. Encomendei aquela quantidade. Depois fiquei à espera, e se lá tivesse ficando, era natural que ainda hoje aguardasse o fornecimento.

Um dos inúmeros empregos burocráticos da indústria russa é o dos técnicos para defesa do trabalho. Destinam-se, naturalmente, a pessoas que sejam da *côr* e privilegiadas.

A nomeação para esse cargo deve ser precedida de um curso que habilita a mestre de obras e que transmite ao candidato alguns conhecimentos de mecânica em geral. Os técnicos assim habilitados, passam, depois, a fiscalizar o funcionamento das máquinas e dos trabalhos e têm que prestar assistência ao operariado.

Quando deixei a Rússia, trabalhavam nas obras que eu a seu tempo dirigia, mil operários. Havia quatro técnicos para a defesa do trabalho e registaram-se umas duas dezenas, mais ou menos, de acidentes, também, mais ou menos graves, mas em nenhum caso os tais fiscais ou qualquer um de nós pôde prestar auxílio ao camarada sinistrado pela razão simples de não existir nem uma só ligadura. Já não falo em algodão, em material para pensos urgentes, nas mais simples drogas farmacêuticas. Nada disso existia. Três dos acidentes resultaram mortais. O fiscal da assistência encolhia os ombros e filosofava:

— Nitschewo! Não faz mal! Temos tanto pessoal...

O médico de Werehne Saldá vivia à distância de vinte minutos do local das obras. Além disso, queixava-se que não lhe forneciam o material necessário para o exercício da sua profissão e que se encontrava impossibilitado de fazer os mais simples pontos naturais na cabeça rachada de qualquer camaradinho.

Desta maneira, todos os feridos tinham que ser transportados para o hospital de Saldá, que distava doze quilômetros dali e era servido por uma péssima estrada.

De uma ocasião, um dos meus operários adoeceu gravemente. Com enormes dificuldades conseguí-me meio de transporte e lá se despachou o homem para o hospital. Mas o médico de serviço, — por sinal era uma médica — era uma grande adepta do regime das oito horas de trabalho... Como naquele dia já completara aquelas horas de serviço, limitou-se a declarar que só no dia seguinte é que podia observar o sinistrado.

Não me esquecerei nunca da entrada do hospital de Werehne Turinsk, onde se amontoavam todos os resíduos de algodão e ligaduras usadas... Acreditem: mesmo os temperamentos mais fortes não resistiriam àquele nojento aspecto...

Vou terminar as minhas notas.

Quando, por parte do governo dos Soviéticos, veio a ordem de se suspenderem os trabalhos por absoluta falta de material, já o meu interesse pela Rússia actual diminuira consideravelmente. As misérias a que assistira, o sacrifício de todo aquele povo humilde, bárbaramente explorado por um ideal político, as condições de trabalho, tudo enfim, me levava a voltar ao meu país.

Por experiência própria, constatei que não valia a pena uma pessoa interessar-se por certas coisas... Repetidas vezes tentei com provas irrefutáveis, com a ajuda de números, de cálculos, de planos esboçados por mim mesmo, provar às altas entidades a cujo serviço trabalhava, que determinadas cons-



«...PENSO N'ESSE ENORME POVO COM MILHÕES E MILHÕES DE GENTE, SEMPRE HUMILDE, PACIENTE E BEM DISPOSTA...»

truções não eram possíveis. Outras vezes tentava explicar-lhes que determinado fim só poderia ser atingido desde que se procedesse desta e daquela maneira...

Tudo em vão. Olhavam-me desconfiados e acusavam-me de oportunista ou de inimigo do regime.

— Cumpra as ordens!

— Mas como hei-de cumpri-las, se é absolutamente impossível?! Qualquer criança que vá à escola nunca poderá aprender a ler e a escrever se não lhe derem um livro, um lápis, um papel! Como querem que eu faça milagres sem operários, sem material, sem planos de construção?!

O comissário soviético com quem eu falava, estremeceu, lançou-me um olhar desdenhoso e quis saber, sarcástico:

— O camarada a apostar que não é bolchevista?

Respondi com toda a paz de espírito:

— Sou simplesmente engenheiro!

Valou-me, dessa vez, o meu director velho. Chegou-se ao comissário e segredou:

— Então, você sabe, melhor do que nós todos, como as coisas são! O alemão é criatura séria, fico por ele!

— Diga-lhe então — retorquiu o outro —

que aprenda a estar calado se não quer correr o risco de o tomarem como inimigo da situação...

Compreendem que me dei por satisfeito. O primeiro pretexto serviu para eu fazer as malas, e quando me encontrei dentro do expresso (?) da Sibéria, respirei, aliviado. Acabou-se!

Acabara, com efeito, o meu sonho... Sono? É provável que o classifique de pesadelo... porque aquela viagem, a não ser o conhecimento de causa que me trouxe, para que contribuiu senão para me mostrar a realidade das coisas e me tornar num descrente em face de certa propaganda que visa apresentar-nos escuros capítulos da História da Humanidade sob um aspecto, por assim dizer, azul celeste?!

Pensei no dia da minha partida da Alemanha, em todas as ilusões que me tinham animado àquela viagem... E, afinal, que se me fôra dado ver, além da encenação forçada em Moscovo e em mais algumas cidades importantes? Miséria, privações, fome!

Mas que admirável índole a desse povo, ao mesmo tempo! Lutando com um sem número de dificuldades, quantas vezes os não vi a rir, a cantar, a dançar como que afugentando as negras visões...

Olhei uma vez mais para a paisagem dessa enorme Rússia que passava diante do meu olhar. Mete pena! Uma terra daquelas, enorme, tão povoada, tão abundante em riquezas naturais... para ali ao abandono, com todas as forças aproveitáveis, todas as energias, todos os meios, completamente ao desbarato. Todo um povo de sacrificados aos interesses de algumas centenas de exaltados, de burocratas e de verdadeiros oportunistas, que enchem em Moscovo as repartições e se sentam diante de enormes folhas de papel, de caneta na mão para traçarem com a menor responsabilidade possível — empurrando sempre a culpa para as costas do próximo — a triste história da Rússia actual!

A verdade é esta, podem acreditar! São milhões de desgraçados a quem pregaram um ideal muito lindo, que sustentam essa percentagem relativamente grande de mais espertos do que eles. E há entre esses milhões de sacrificados, homens que não temem as responsabilidades, que querem trabalhar para comer, que querem tirar-se daquele lódo, que querem viver!

E os responsáveis, acobardando-se, endossando uns aos outros a respectiva culpabilidade, fugindo para um mundo de sonhos inverosímeis... enquanto o povo passa fome.

O meu companheiro Karl, o gordo por alcunha, não se cansava de excluir:

— É como esta gente ainda tem ânimo e forças para trabalhar!

Tinha razão o gordo. É um povo de sacrificados, na verdade, mas um povo de boa índole, que se sabe sujeitar... que sabe sofrer...

Um povo sempre humilde, paciente e bem disposto, apesar de tudo. Assim fôsse orientado num ideal mais humano, mais nobre, mais aceitável principalmente.

Tradução libérrima e adaptação de

João de Morais Palmeiro.

O leitor acredita em fantasmas? Nós nem ao de leve... No entanto, a palavra lá se encontra no dicionário enciclopédico e, se rebuscarmos em velhos alfarábios e livros de crónicas do passado, iremos encontrar elementos interessantes que nos permitem, nesta época em que o sobrenatural já não peza tanto na balança da credence popular, elaborar uma longa e completíssima lista de aparições. Com ela poderíamos entreter os ócios de uma noite de inverno e, se a tanto a instintiva maldade humana nos conduzisse, amedrontar os espíritos nervosos de meia dúzia de contemporâneos nossos que ainda acreditam nas almas do outro mundo...

Preferimos, contudo, ficar com o desprezencioso propósito de arquivar, aqui, leves apontamentos acêrea dos principais fantasmas, das mais populares aparições, que amedrontaram os mais remotos dos nossos antepassados. Hoje em dia que os *fantasmas* da actualidade se tornaram numa espécie de factores arrelativos de ordem material e fazem parte da tão decantada *crise* que o mundo atravessa, havemos de confessar que as almas penadas do passado entraram em manifesta decadência e lutam, por sua vez também, com uma grande crise de crentes e de adeptos ao partido.

Façamos-lhe portanto a crónica, que é como quem diz: o entérro.

Para começar com método, aqui temos o primeiro agrupamento: os fantasmas pronunciadamente burgueses. São de boa índole, geralmente, e quando os chamam não se fazem rogados. Para que apareçam, costumam os interessados sentar-se à volta de uma meza de pé de galo e apoiar, sobre o seu tampo, as extremidades dos dedos das mãos. De entre a assembleia, geralmente a pessoa mais nervosa dirige-lhes perguntas às quais os senhores espíritos respondem, delicadamente, com um certo número de pancadas.

Dada a sua vulgaridade e a forma pressurosa com que ocorrem a todos os chamamentos, estes fantasmas depressa aborreceram o público; ultimamente, só têm contribuído para passatempo de alguns grupos de pessoas divertidas, para se disfrutar algum temperamento humano simples de mais e, de quando em quando, para algum finório explorar o histerismo e a demasiada credulidade do próximo. É notório que estes fantasmas não souberam defender os respectivos interesses.

A seguir, outro agrupamento:



FREDERICO I DA PRUSSIA ACORDA, EM SOBRESSALTO, QUANDO DA APARIÇÃO DA DAMA BRANCA NO PALÁCIO DE BERLIM

FANTASMAS

ALMAS PENADAS E LOBISHOMENS

o dos fantasmas encarregados de certas e determinadas funções. A perfeição da técnica actual, os diferentes inventos e os progressos da ciência moderna, quasi que acabaram com estas aparições da idade-média. Eram quasi tudo fantasmas com voz humana que mudavam de traje conforme as necessidades e que, afora as oportunidades em que apareciam para vingar as vítimas, fazer justiça, castigar um tirano ou reclamar uma herança indevidamente retida, eram de hábitos os mais naturais e humanos possíveis. A Humanidade, aperfeiçoando-se, acabou quasi de vez com eles. De quando em quando, aparece algum recalitrante, mas lá está a polfeca para o meter na ordem, e o jornal para pôr o caso em pratos limpos.

Estes fantasmas eram puramente de ocasião. Lembram-nos dois casos. O primeiro relativa mente do ao célebre detec tivo americano Allan Pin-



kerton que, por volta de 1897, costumava arrancar as confissões aos verdadeiros criminosos instalando, disfarçadamente, junto às camas d'esses cavalheiros, um tubo acústico. De noite, e depois de haver colocado à cabeceira da pessoa de quem desconfiava um retrato da vítima, Pinkerton recorria ao tubo acústico e começava em nome desta, com voz cavernosa que elle pretendia imitar como que se viesse das regiões etéreas, a reclamar justiça. Em oito ou nove casos em que empregou este processo, Pinkerton conseguiu deitar a mão ao verdadeiro culpado.

O outro caso é dos mais vulgares e banais, mas verifica-se, ainda assim, frequentemente em Portugal. São as pessoas que pretendem sentir o diabo no corpo. Em 1931, numa pequena povoação entalada entre os contrafortes da Serra

da Estréla, vimos nós um rapaz de que diziam que tinha o diabo dentro d'ele. Logo de entrada se percebia o lôgro... Ignoramos se o administrador daquele concelho lhe applicou, como prometera, a devida cura... no entanto, a família daquele rapaz que sentia o diabo às cambalhotas dentro de si mesmo, conseguiu governar a vidinha durante algum tempo, e a credence popular lá lhe facilitava a existência sem grande sacrificio...

Chegámos, finalmente, ao último agrupamento: o dos fantasmas com atestado de origem e possuindo, não o bilhete de identidade da lei, mas, pelo menos, os seus nomes ligados à História, o que, confessemos, já é uma boa recomendação.

A sua fama e a sua importância alcançaram-na por haverem, em muitos casos, anunciado acontecimentos de verdadeira importância histórica, tendo interrompido, não poucas vezes, o sono de grandes e notáveis personalidades.

A aparição mais importante e mais universalmente conhecida d'este género, foi a da Condessa Kunigunda de Orlamuende, mais popularmente designada por *Dama Branca*. Vagueava este aristocrático fantasma pelas salas do palácio imperial de Berlim, e tornou-se na sombra negra dos Hohenzollern, ainda que, afirmam haver, algumas vezes, a *Dama Branca* anunciado alegrias e felicidades.

O imperador Ferdinando II, um dos primeiros que a viu em 1864, faleceu no dia seguinte. Frederico I também a viu e pre-

AQUI ESTÁ O GOLEME DE PRAGA... OU, PELO MENOS, A INDEFINIÇÃO QUE LHE DEU EM ACTO. CINEMATOGRAFICO DOS SOSSOS DIAS

tendeu-se naquele tempo que ela lhe anunciara a morte. Se bem que todos a temessem, todos também nos castelos imperiais de Berlim ou de Potsdem, ansiavam por a vêr, por lhe falar... Mas a *Dama Branca* não esquecia a sua nobre linhagem e só falava aos reis ou aos imperadores. Certa noite que um págem mais resoluto se lhe atravessou no caminho e perguntou — Senhora, onde ides? —...o aristocrático fantasma, não querendo privar senão com os da sua igualha, limitou-se a desfechar um golpe na cabeça do págem com o molhe de setecentas chaves que sempre levava na mão e que a credice popular dizia pertencerem a tôdas as portas dos castelos imperiais. O págem não resistiu àquele golpe e morreu.

O próprio Frederico II da Prússia que, segundo a crônica dos seus contemporâneos, detestava o sexo fraco, não conseguiu evitar uma forçada entrevista com a *Dama Branca*.

O curioso é que a *Dama Branca* teve uma forte concorrência, porque logo apareceram, por tôda a parte, outras *Damas Brancas* a fazerem das suas. Entre elas, as mais acreditadas foram as almas penadas da Condessa Agnes von Orlamuende e da Condessa Berta von Lichtenstein. Existe um relato da época, da autoria do cronista Buechslein, que regista as principais aparições das três *Damas Brancas*, descrevendo minuciosamente todos os detalhes e circunstâncias em que elas se efectuaram. O curioso nessa crônica é ela estar selada com o sinete e o reconhecimento oficial dos altos poderes do Reich daquela época.

Muitas são as personalidades históricas que pretenderam ter visto a *Dama Branca*. Entre elas conta-se Napoleão, que a culpava do insucesso da campanha na Rússia.

Outro fantasma histórico se bem que menos popular, é o *Golem*. Este possuía até nome próprio e chamava-se Josef. Atribuem-lhe a epidemia da peste que rebentou na época de Rudolfo II, em Praga. O fantasma errava pela cidade, ora aparecia nesta ou naquela casa e a sua visita representava, sempre, uma vítima a mais da terrível doença.

Este fantasma tcheco-slovaco, pretendem os cronistas, tinha formas perfeitamente humanas, assemelhava uma estátua e atravessava as ruas de Praga, nunca ninguém sabendo de onde aparecia e por onde se sumia. Ultimamente, Josef Golem serviu de tema principal para um realizador cinematográfico produzir uma

das muitas fitas projectadas nas telas dos cinemas do nosso mundo.

Wagner immortalizou a lenda do *Navio Fantasma*. Shakespeare também



UMA REPRESENTAÇÃO GRÁFICA DO CÉLEBRE «NAVIO FANTASMA» QUE INSPIROU WAGNER PARA UMA DAS SUAS MAIS CONHECIDAS ÓPERAS

não desprezou o assunto, e o seu *Hamlet*, enquanto a técnica teatral não se lembrou de o apresentar na encenação e com a indumentária do século XX, produziu calafrios nas espínguas de muitos espectadores.



...PARA QUE APAREÇAM OS FANTASMAS PRONUNCIADAMENTE BURGUESES, COSTUMAM OS INTERESSADOS SENTAR-SE À UMA MESA DE PÉ DE GALO E...

Há ainda o *Judeu errante*, uma alma penada conhecida de velhos e novos, que deve ter, na imaginação de todos, percorrido o orbe terrestre em tôdas e nas

mais variadas direcções. Deu assunto vasto para as produções variadas de poetas e prosadores, inclusive até de humoristas; haja em vista a espirituosa *blague* que a respeito desta aparição é da nossa risonha vila de Caminha, o inesquecível André Brun, com tanta felicidade, criou...

E há a estranha aparição de um fantasma liliputiano, que os alemães designam por *Klabautermann* e que aparece a bordo de qualquer veleiro quando alguém, por acaso, assobiar. Estabeleceu-se, assim, ser de mau agouro que sobre qualquer navio à vela alguém assobie...

Aqui têm, em resumo, a crônica dos fantasmas e das almas penadas do passado... Quem, na actualidade, ainda acreditará nêles? Nem o leitor, nem nós...

Chega, por isso, a parecer inútil o tempo que gastámos com este assunto... Chega mesmo a parecer esta crônica deslocada e falha de interesse... Se ninguém acredita já em fantasmas, se a ciência moderna acabou de vez com êles, se, finalmente, uma comissão especial de investigadores, criada recentemente em Munich, assevera e prova que qualquer fantasma, mesmo aqueles com atestado de origem histórica, tôdas as aparições fantásticas, almas penadas e lobis-homens têm uma explicação natural e não constituem, actualmente, assunto para grandes espantos... para que pensamos nós ainda em coisas destas?!

Ora essa! A paixão humana por estas vidas e pelas façanhas dos fantasmas e almas do outro mundo, continua a pesar de todos os desmentidos, de tôdas as provas em contrário.

O interesse mórbido de uma grande percentagem dos nossos contemporâneos é facilmente suscetível se lhes dissermos que a *Costureira* voltou a dar sinais de si, que na casa misteriosa da Rua Saraiva de Carvalho se repetiram aparições, ou que somos capazes de entrar em comunicação com o espírito do imperador Maximiliano...

Haja em vista os nossos amigos ingleses que são dos povos mais dados a histórias de fantasmas.

No ano passado mil e quinhentos subditos britânicos requereram autorização para passarem uma noite na célebre Torre de Londres...

Enfim, expliquemos, a Humanidade precisa, de quando em quando, de sensações desta natureza, e que seria do mundo sem

espíritos bons ou maus, sem fantasmas, sem almas penadas, sem esperança e sem fantasia?

J. de M. P.

Noticias da Quinzena

ANTERO DE FIGUEIREDO

O livro da quinzena: «Toledo, por Antero de Figueiredo. Trata-se duma obra literária notável que tem assegurado um grande êxito, já por se tratar dum livro saído da pena prestigiosa de Antero de Figueiredo, já pelo assunto que versa, a todos os títulos interessante, e, que está tratado soberbamente, tanto como linguagem, como pelo vigor do colorido. É um livro de impressões sobre a histórica cidade espanhola e nas suas páginas se encerra tudo quanto nela há de português. Antero de Figueiredo lega, neste novo volume, mais um livro notável à literatura portuguesa. A apresentação da obra pertence à acreditada e conceituada Livraria Bertrand, reputada casa editora.



PEDRO FREITAS BRANCO

Não é fácil triunfar em Paris. Aos que isso sucede — hoje em dia — pode dizer-se, à forma plebeia, que metem uma lança em Africa. Pedro Freitas Branco, batuta que Lisboa musical conhece, triunfou em Paris. Foi aplaudido delirantemente na Sala Pleyel daquela cidade, onde dirigiu a orquestra Lamoureux, na sua máxima força. Mais de seis mil pessoas aclamaram o maestro português. Foi uma honra para Portugal e uma consagração para o jovem músico, que bem depressa vê o seu nome guindado no meio artístico mundial. É assim que devemos representar o nosso rincão além fronteiras. É a melhor propaganda a fazer da nossa terra.



SÁ E OLIVEIRA

COMPLETOU 27 anos de existência o antigo Liceu da Lapa. Houve, por isso, festa no Liceu. Pedro Nunes, sucessor do outro. Fêz também 27 anos que o reitor sr. dr. Sá e Oliveira,

encetou uma obra de educação, modelar em todos os campos, por onde seja encarada. A extraordinária competência pedagógica de Sá e Oliveira começa a dar frutos na nova organização do Liceu Normal de Lisboa. Assim o disse o ministro da Instrução ao proferir o seu discurso na sessão inaugural da abertura das aulas:

«O Liceu Normal de Lisboa é uma obra que fica porque sômos unânimes em afirmar que este Estabelecimento de Ensino é qualquer coisa de bom, não só pela sua modelar organização, mas ainda pela extraordinária competência do dr. Sá Oliveira, que o dirige com o seu alto critério pedagógico».

A NOSSA CAPA

Depois de impressa a capa do presente número da *Ilustração* verificámos que uma imprevidência de revisão transformou o nome da célebre «vedeta» Bessie em Dessie.

Os nossos prezados leitores, habituados a estas pequenas faltas, decerto terão verificado o engano e perdoarão ao nosso revisor como nós já lhe perdoámos, embora convencidos de que foi partida de Carnaval.

JOÃO VAZ

João Vaz pertenceu a uma pleiade de artistas que ficará na história da arte portuguesa. Foi um mestre, um consagrado. Fêz uma obra. A sua exposição retrospectiva, na Sociedade de Belas Artes, mostrou-nos o valor duma época, em que a pintura em Portugal foi qualquer coisa de grande, de muito grande mesmo. Nas vastas salas da S. N. B. A. estiveram expostos 120 quadros do saudoso pintor, que seus filhos, numa justa consagração, reuniram, a fim da actual geração poder apreciar a obra grandiosa de João Vaz, que foi executada durante 50 anos de vida do grande mestre da nossa pintura.



João Vaz mereceu esta homenagem póstuma dos seus filhos. Havia o dever de visitar essa exposição, já como preito à figura eminente do mestre, já para se apreciar religiosamente essas imortais marinhas saídas do pincel de João Vaz.

ILBERINO DOS SANTOS

ESTE talentoso artista acaba de publicar um interessante Album de Caricaturas de figuras de destaque no nosso meio. Ao valioso trabalho do nosso dis-

tinto colaborador nos referiremos especialmente no próximo número.

JOSÉ CARLOS DA SILVA

ESTE nosso ilustre amigo, membro do Conselho de Administração da Empresa Nacional de Publicidade, foi sujeito a uma melindrosa operação, pelo que teve de recolher ao Hospital da Ordem Terceira de Jesus. Sabemos, porém, que se encontra livre de perigo e a caminho duma franca convalescença, o que nos aprez registar.

O DESARMAMENTO

O sr. comandante Fernando Branco, ministro dos Negócios Estrangeiros, partiu a semana passada para a Suíça, onde foi presidir à delegação portuguesa à Conferência do Desarmamento. O vice-presidente é o ilustre professor sr. Caeiro da Mata. Na Suíça está sendo, neste momento, debatido um dos problemas mais importantes para a vida das nações e para o futuro da humanidade. Na ausência do sr. comandante Fernando Branco ficou gerindo a pasta dos Estrangeiros o ministro da Marinha.

O general sr. Ivens Ferraz, figura prestigiosa do nosso exército,



também faz parte da delegação portuguesa, não pôde seguir para a Suíça, em virtude de se encontrar doente. A *Ilustração* deseja, ao ilustre oficial, prontas melhoras.

NÃO ENTENDEMOS...

A policia anda, e muito bem, apreendendo folhetos em que a nudez fortissima da verdade constitue elemento suggestivo de appetites obscenos. Mas estas publicações clandestinas só aproveitarão os demoralizados que as procuram e não assaltam de surpresa os ingenuos. Acontece, porém, e é isto que não entendemos, que num cinema chic da capital, aonde vão meninas e crianças, o écran nos apresenta mulheres, em danças de sedução, inteiramente nuas, ruborizando e ofendendo os incautos que a tal espectáculo levam despreocupadamente as suas familias.

Francamente, não entendemos...

ESTER LEÃO

A nota teatral da quinzena foi a representação do original «Na sombra», de Ester Leão, ar-



tista culta e moderna e que tem o seu nome já marcado no teatro português.

A peça foi recebida pela critica com geraes aplausos.

SEMANA DA UVA

COM uma modelar apresentação, que só honra as classes gráficas portuguesas, acaba de se publicar a conferência realizada no «hall» das termas do Estoril, em Setembro do ano passado, pelo sr. dr. João Raposo de Magalhães, director clínico daquelas termas, a quando da inauguração da Estação Uval do Estoril. É uma curiosa «plaquette» que representa um patriótico esforço de propaganda.

ANTONIO DA FONSECA

PARA o alto cargo de presidente do Tribunal de Contas foi nomeado o sr. dr. António da Fonseca, que há anos vinha exercendo o lugar de director geral da Junta do Crédito Público. O sr. dr. António da Fonseca, que foi uma das figuras mais em destaque no Parlamento, foi várias vezes ministro e encontrava-se em Paris, como representante de Portugal, quando do movimento de 28 de Maio, onde foi substituído pelo sr. comandante Armando Ochoa.



Os originals enviados à *Ilustração* quer sejam ou não publicados não se devolvem. Também não se aceita colaboração que não tenha sido solicitada.

A *Ilustração* não aceita nem solicita bilhetes de teatro ou cinema.



dá pesca

Ramada Curto está escrevendo uma peça a que pôs o título: *A Cadeira da Verdade*.

Se o notável dramaturgo espera um bom sucesso, devia antes chamar-lhe: *A Cadeira de S. Gens*.

«Conselhos aos automobilistas».

Quem vai a guiar um automóvel sempre que pratica um erro deve desfazê-lo o mais rápido possível. Assim, sempre que atropelar alguém, deve fazer imediatamente marcha atrás.

— Ainda não há três dias que morreu tua mulher e já andas no regabofe?

— Então, estou no meu luto de mel!

— Abusar do álcool, dizia um amador de Bacco, é utilizá-lo noutra coisa que não seja bebê-lo.

Um sujeito robusto, mas muito seismático, vai consultar um médico.

Pergunta o médico:

— Dorme bem?

— Óptimamente.

— Come bem?

— Lindamente.

— Respira bem?

— Admiravelmente.

— Não sente palpitações?

— Nunca.

— Está muito bem. Vou dar-lhe uma receita e vai ver que é um instantinho enquanto acabamos com isso tudo.

— Como está tua sogra?

— Está melhor, mas ainda há uma esperança.

— Eu tenho sangue azul nas veias.
— Ó demónio!... E porque não vais ao médico?

No colégio:

— Qual é o sujeito de uma oração?

— Não sei.

— Repare bem. «Eu ando a cavalo num burro». Nesta oração «eu» é o sujeito. Compreendeu?

— Compreendi.

— Muito bem; então diga-me agora: qual é o sujeito de uma oração?

— É um homem que anda a cavalo num burro.

Fui no do sado ao lógico cominho «Qui não fôsse bezundo e pergunta encanto de criança e chegámos em rafa o «Quino»

— Ó tio, por girafa tem o pesprido?

— Então o mecompreende que fôsse mais curto à cabeça.

Dali fomos vér — Ó tio, as zetas com riscas são brancas com

— Não sei, meca coisa que lhe mar é que são — Porquê?

— Porque an vestidas de ris Por último focas.

— Porque é está tão tris

— Não sei, ta-se ao guar

Veio o guarda

— A foca está o marido apare grande infeção

— É morreu?

— Não senhor, ram-no daqui para fóra por ser um «foco» de infeção.

Há pessoas que quando tomam café não há meio de dormirem, mas, em compensação, há outras que quando dormem não tomam café.

— Os meus amigos sabem como se tira um elefante do rio?

— Não sabemos.

— Pois é muito simples, declarou o velho africanista, tira-se molhado.

Um novo rico redige o anúncio pedindo uma ama para o filho recém-nascido:

ARTISTA CRIADORA

PRECISA-SE ROBUSTA E SAUDÁVEL

Eu costume, todos os anos, mascarar-me na madrugada de quarta-feira de cinzas. Dou assim uma satisfação à sociedade que se diverte e que ao ver-me recolher de bigode postiço e nariz de cartão, fica julgando que eu andei três dias no pagode. Porque eu, confesso-o, tenho vergonha de não achar graça ao Carnaval e de passar essa época de desvaivada alegria fechado em casa como nos dias de revolução, a que também não acho graça nenhuma.

Ora este ano resolvi mascarar-me de general alemão, aproveitando uma velha farda que encontrei no teatro onde tenho uma peça em cena. Mas a farda, apesar de alemã, estava «russa» e precisava ser reparada. Levei-a a um alfaiate que a reparou mas que ficou furioso comigo. Isto, somente, por eu ter declarado que não pagava as reparações.

Numa das últimas semanas houve quatro banquetes de homenagem.

Um corretor da Bôlsa, que foi a todos, comentava:

— Eles praticam as acções, nós contraímos as obrigações e no fim gastamos o dinheiro todo com as inscrições.

Falava-se de pessoas económicas.

— Eu, disse um do grupo, tenho um amigo que esperou pelo verão para comprar um termómetro, unicamente porque no inverno o mercúrio não chega nem a meio da coluna e no verão está quasi até acima.

— Não é nada, volveu um outro. Um primo meu é tão agarrado ao dinheiro que, no dia de Reis, quando todos levam para casa um bolo-rei com uma fava dentro, ele leva uma fava com um bolo-rei dentro. E ainda, por cima, corta a fava de maneira que o bolo-rei lhe sai sempre.

O Instituto dos Altos Estudos na Academia das Ciências



O INSTITUTO DOS ALTOS ESTUDOS DA ACADEMIA DAS CIÊNCIAS FOI INAUGURADO POR UMA NOTABILÍSSIMA CONFERÊNCIA DO ILUSTRE PRESIDENTE DAQUELA DOUTA AGRREGIAÇÃO, SR. DR. JÚLIO DANTAS. A NOSSA GRAVURA REPRESENTA O BRILHANTE ACADÉMICO LENDO A SUA LIÇÃO

O banquete de homenagem ao ilustre magistrado dr. Vasco Borges

A MESA DA PRESIDÊNCIA E UM ASPECTO DA ASSISTÊNCIA



À AGITAÇÃO NA ÍNDIA

TEM-SE agravado, ultimamente, a campanha nacionalista que alastrou pela Índia. A prisão de Mahatma Gandhi junta-se a da sua mulher, cujo retrato publicamos. Madame Gandhi, apesar



de uma grande actividade levada a efeito a favor das ideias e das profissões por seu marido, durante muito tempo conseguiu fugir à justiça. É esta a primeira vez que a prenderam, quando o Mahatma, em pouco menos de um ano, foi encarcerado por duas vezes. Gandhi, como todos os índios, casou muito novo: com a idade de quinze anos, e a sua mulher apenas com treze.

AS AGRURAS DA POPULARIDADE

GRETA Garbo que de há muito se evidenciava, na sua vida particular, por uma grande modestia, pretendeu nos primeiros dias deste ano ir a Nova York sob um rigorosíssimo incógnito. Para esse fim, tomou as mais variadas precauções, inclusive a de escolher uma toilette das mais vulgares e um chapéu de abas que lhe cobria parte do rosto. Resultaram, contudo, em vão os seus esforços. Desde a sua chegada à capital dos Estados Unidos, Greta Garbo não teve um momento de descanso, sendo constantemente assediada pelos jornalistas e fotógrafos, que a perseguiram passo a passo, e a artista chegou à conclusão que menos trabalhoso e incómodo teria resultado a sua viagem sem a preocupação do incógnito...



OS PREÇOS BAIXAM

A crise actual leva a maioria dos negociantes por todo o mundo a procurar vender as



suas mercadorias, já não dizem a todo o preço, mas, pelo menos, em condições muito mais favoráveis. Pode constatar-se que o processo de vendas a prestações foi substituído com muito

maior vantagem pela baixa dos preços. Na nossa gravura vê-se a fachada de uma loja de calçado, em Paris, que instituiu o sistema de venda de todos os seus modelos ao preço único de cinquenta e nove francos cada par. Esta baixa importou em cinquenta por cento dos preços anteriormente cotados e foi recebida com geral agrado.

DESCENDENTES DE GOETHE?

COMO os leitores decerto não ignorarão festeja-se este ano na Alemanha o centenario de Goethe, o imortal autor do Fausto. Coincide com as vésperas desta comemoração o facto de haverem sido entregues a uma instituição de caridade, em Viena de



Anstria, dois rapazinhos, respectivamente de cinco e sete anos de idade, dando pelos nomes de Fritz e Teodoro Goethe, e pretende o avô de ambos, seu único parente, que os dois órfãos são descendentes, em linha recta, do grande Goethe. As autoridades vão investigar; no entanto, o caso suscitou reparos e críticas por parte de quem pretende explicá-lo como sendo pura chantage...

O novo Vice-Rei da Índia

PARA fazer cumprir as medidas de combate à desobediência na Índia, foi nomeado Vice-Rei nas possessões britânicas, o conde de Willington, sendo-lhe transmitidos poderes especiais para abafar, o mais possível, as tentativas de rebeldia. Conseguirá a Inglaterra, desta maneira, o seu desideratum?

UM NOVO ESTÁDIO EM FLORENÇA?

O estádio atlético inaugurado ultimamente em Florença, ocupa uma área de cinquenta mil metros quadrados, tendo sido tólas as suas tribunas e dependências construídas de cimento armado. A sua lotação comporta trinta e dois mil lugares sentados. Brevemente, será ali inaugurado o monumento em honra dos jogadores de football italianos — interessante escultura da autoria de Mário Moschi — que reproduzimos na gravura junta e classificada, honrosamente, numa recente exposição.



HITLER

CONTINUA a apaixonar extraordinariamente os meios políticos internacionais a tão discutida personalidade de Adolfo



Hitler, caudilho nacionalista alemão que aspira à presidência da República da Alemanha. Entre ele e o chanceler Brüning estabeleceu-se agora uma situação bastante delicada, persistindo Hitler em acusar o chanceler de uma política confusa e ruínosa. Segundo as suas próprias declarações, Hitler pretende seguir a experiência de Bismarck, única, no seu entender, que pode ainda salvar a Alemanha da ruína. Apesar de tudo e da forte campanha contrária que lhe movem os seus adversários, Hitler continua sendo o fulcro dos principais acontecimentos políticos germânicos. Resta saber se conseguirá guindar-se ao poder, ou se acabará, como aconteceu já por repetidas vezes na sua carreira política, por cair no mais atroz dos ridículos... Vamos por esta hipótese...



Crise de Milionários

É interessante saber-se que, havendo em 1928, em todos os Estados Unidos da América do Norte, quarenta e três mil cavaleiros cujas fortunas lhes conferiam a sonante designação de milionários, esse número baixou, em 1929, para trinta e oito mil, e em 1930 já só atingia dezanove mil. Informamos, por isso, os apaixonados das estatísticas que, nestes últimos anos, vinte e três mil quatrocentos e noventa e seis milionários voltaram àquilo, provavelmente, por onde começaram: engraxadores de calçado ou vendedores de jornais... É caso para se pensar e, quanto mais não seja, tirar um ensinamento.

Um Inquérito...

O Morningpost, de Londres, dirigiu aos seus leitores o pedido de informarem a redacção daquele jornal sobre quais as

PELO MUNDO FÓRA

secções do periódico que mais os interessavam. O resultado deu, como mais populares, as seguintes secções, que classificamos por ordem de maior interesse por parte do público: As notícias propriamente ditas. Os artigos de fundo. A reportagem gráfica. A secção comercial e financeira. A secção desportiva. A vida elegante e as notícias da corte. Finalmente: a secção feminina.

EM PARIS

ANDRÉ Bellesort tem entusiasmo o meio intelectual com as suas conferências.

O TEATRO

NO ESTRANGEIRO

MARCEL Pagnol, o célebre autor de Topaze, cujas raras qualidades de dramaturgo se tornaram a evidenciar na peça Marius, deixou-se arrebatado pelo entusiasmo desta última e acaba de estreitar no Théâtre de Paris uma nova obra que é a continuação daquela, Fanny, um novo triunfo para Pagnol, trata do regresso



de Marius, sendo, em suma, um interessante e alegre complemento dessa outra peça que apaixonou todo Paris. Na gravura que publicamos vê-se uma das mais interessantes cenas de Fanny, com os artistas Harry Baur, Grane Demazis e Charpin.

UM INVENTO ORIGINAL

O engenheiro alemão J. Tilling construiu um curioso aparelho para lançamento, a grandes



distâncias, por meio de um foguetão, de recipientes especiais contendo cartas urgentes. Pretende o inventor poder determinar, com toda a precisão, o local onde o tubo com a correspondência ligado a um pára-quadras, vem a cair. Brevemente se tentará comunicar, desta maneira, entre a Alemanha e a Inglaterra.

PELO MUNDO FÓRA

A DEDICAÇÃO DE UM ARTISTA

O célebre violinista, de fama mundial, Fritz Kreisler, possuía um cão chamado «Rex», a quem dedicava a maior das amizades.



Como o animal morresse, Kreisler cujo desgosto excedeu a tudo quanto se podia calcular, organizou em Nova York um concerto a favor do enterro do seu querido cão que foi sepultado com pompas e honrarias pouco vulgares, tendo muitas pessoas enviado grande quantidade de flores.

AS SUAS ÚLTIMAS PALAVRAS

O advogado inglês Freke Palmer faleceu repentinamente no decurso de um banquete em Londres depois de haver terminado um discurso. As suas últimas palavras dirigidas a um dos convivas foram: «É o meu discurso, que tal?».

O FIASCO DE UM ALQUIMISTA

Como se sabe, um tal Dunikowski, de nacionalidade grega e que pretendia e asseverava ser capaz de produzir ouro de seus minerais, fôra preso pela policia de Paris sob a acusação de serem fraudulentas as suas pretensões. Após repetidas instâncias do preso foi-lhe presente a uma comissão de peritos para que na sua presença provasse a veracidade das suas anteriores declarações, o que naturalmente não conseguiu nem sequer confirmar a base principal da sua teoria.

Volton, por isso, Dunikowski, cujo retrato publicamos, para o calabouço onde terá tempo de sobra para acabar o seu lindo sonho de transformar os minerais em ouro...

Bôa graça e... reciprocidade

LÊ-SE no «Fowler» de Londres: «Há dias, no metropolitano, houve um sujeito que se levantou para oferecer o seu lugar a

uma senhora. A senhora desmaiou... Logo a seguir, e depois de haver recobrado os sentidos, quando a senhora se apressou a agradecer a amabilidade ao tal sujeito, êste desmaiou por sua vez.



Mrs. Hoover

A esposa do presidente Hoover que, de há muito, se vinha salientando por obras de assistência social, acaba de tomar parte no desempenho de um filme cinematográfico que foi projectado em Nova York em benefício das classes sem trabalho.

«MISS» ESPANHA 1932

Como representante da beleza feminina da Espanha, foi eleita *Rainha* para o ano corrente, a simpática senhora Tereza Daniel que, aos agradáveis predicados do seu físico, alia ainda a popularidade de ser filha do muito conhecido maestro Daniel, autor das partituras de inúmeras zarzuelas e operetas populares. Tereza Daniel representou, galhardamente, no escrutínio final, a provincia da Catalunha.



UMA ANEDOTA HUNGARA

Do «Pester Lloyd» de Budapeste, recordamos: Um pai levou o filho ao cinema ver uma fita de Charlot. À volta para casa, pergunta o miúdo: «Escuta, pai! Quando o Charlot morrer, também vai para o céu?» «Está claro que sim!» «Oh! Isso então é que Nosso Senhor vai apanhar uma barrigada de riso!»



Um formidável bacalhau

A nossa gravura representa um bacalhau pescado recentemente em Karmumba e que pesava oitocentos quilos, ultrapassando o seu comprimento, como se vê, a altura normal de um homem. Afirmam os entendidos que bacalhau assim jamais ali fôra pescado.

O EX-IMPERADOR DA CHINA

A *Illustração* publica, a seguir, o retrato do ex-imperador Hsuantung e da imperatriz, sua esposa, a respeito de quem ultimamente se avolumou o boato de que voltaria a assumir o alto cargo a que renunciara em 1912.

É curioso saber-se que o ex-soberano havendo nascido em 1906 foi proclamado imperador com a idade de somente dois anos! Em 1922 contraiu matrimónio com a filha de um nobre da Mandchúria. Pretendem aqueles que exigem a sua reintegração e a volta ao antigo império celestial, que o povo chinês não possui a cultura suficiente para compreender o regime republicano.



CINCO TÊSES

A revista alemã «Das Tagebuch» publica um curioso e oportuno resumo das teses defendidas pelos diferentes países no que respeita o pagamento das dívidas de reparações. Eis-las:

Franga—Os saldos europeus devem permanecer sem ninguém lhes tocar. Se a América desistir, seguimos-lhe o exemplo.

Inglaterra—Deve ficar um saldo a débito da Alemanha, e sobre a respectiva participação devem entender-se os credores entre si.

Itália—É necessário que todos desistam dos seus créditos.

Alemanha—Combinem o que quiserem. Nós é que não pagamos!

América—Estamos por tudo. Só não desistimos daquilo a que temos legítimo direito!

UMA PRISÃO DIVERTIDA

A última sensação da excentricidade dos americanos consiste nas repetidas representações teatrais levadas a efeito pelos prisioneiros da célebre cadeia de Sing-Sing. De entre os diversos condenados, os mais dados à arte dramática encarnam-se dos diferentes papéis de



A CARICATURA NO ESTRANGEIRO



BILL NOLMAN

A solução mais prática, segundo um casal de americanos, para a efectivação do célebre plano soviético dos cinco anos.

(Caricatura de Bill Holman no «Lis»).

uma comédia ou opereta. O público é constituído pela *élite* de Nova York, que aprecia excentricidades desta natureza. Curioso é o letreiro colocado à entrada e que aconselha todos os espectadores: «...a não ostentarem jóias de valor, a não darem gorjetas, a não trazerem armas de fogo nem álcool, e, sobre tudo, a depositarem nos escritórios da direcção as suas carteiras e o seu dinheiro». É o caso de dizer-se: Homem prevenido...

Explicando...

EM Espanha tem-se discutido, ultimamente, o caso dos caminhos de ferro daquele país não renderem o suficiente. Explica o «Heraldo de Madrid» que o facto não deve suscitar

admiração desde que se saiba que qualquer funcionário público, já para não citar os membros do parlamento, dos tribunais, e outras personalidades em destaque—qualquer empregado de repartição por mais modesto, usufrui o privilégio de viajar nos comboios ou absolutamente de graça, ou pagando simplesmente um centimo por cada quilómetro.



A irmã do «Kaiser»

A CABA de falecer, com a idade de sessenta e um anos, a rainha-mã da Grécia, irmã do ex-Kaiser, e esposa do rei Diá-

doch Constantino que subiu ao trono em 1913 e que, com ela, por duas vezes abdicou do poder. A falecida era mãe do rei Jorge II da Grécia e do rei Alexandre.

Fruto proibido...

INFORMA o *New York American* que nos E. U. a vida corre mal para todos menos para aqueles que vivem do contrabando do álcool.

• ACTUALIDADES •



DURANTE A ÚLTIMA QUINZENA EXIBERAM OS SEUS TRABALHOS DE PINTURA OS SEGUINTE ARTISTAS: FAUSTO SAMPAIO, ANTÓNIO SOARES, JOSÉ LEITE E FREDERICO AIRES



UMA COMISSÃO DE HABITANTES DA MURTOSA, ESTARREJA E DOUTRAS LOCALIDADES DO DISTRITO DE AVEIRO VEM A LISBOA, PROPOSTADAMENTE, EM TRÊS CAMIONETAS, TRAVAR JUNTO DOS SRS. MINISTROS DO INTERIOR, DO COMÉRCIO E DA GUERRA, DAS REPARAÇÕES DO TRONÇO DA ESTRADA QUE LIGA AQUELES DOIS CONCELOS. NA GRAVURA VÊ-SE A COMISSÃO NO TERREIRO DO PAÇO

UMA EXPOSIÇÃO DE AUTOMÓVEIS

No stand da rua da Escola Politécnica, 39, pertencente à firma A. M. Almeida, L.^{da}, inaugurou-se uma interessante exposição de automóveis Morris, marca acreditadíssima em Inglaterra. A inauguração assistiram, além do embaixador de Inglaterra, sir Claud Russel, os srs. A. H. W. King, consul do mesmo país, e secretário; R. Garland Jayne, presidente do conselho executivo da Câmara de Comércio Inglesa; George Douglas Grant, gerente da Companhia dos Telefones; F. C. Sellers, director da Companhia Vacuum; S. H. Williams e J. A. Goldie, que foram recebidos pelo gerente daquela casa, o sr. António de Medeiros e Almeida.

A fábrica Morris, que é hoje detentora de 60 por cento da produção automobilista inglesa e emprega mais de 800 mil operários, pode orgulhar-se de ter apresentado os mais lindos carros da época e que farão, sem favor, um verdadeiro êxito mundial.

Os modelos que se encontram em exposi-



UM ASPECTO DA EXPOSIÇÃO DOS AUTOMÓVEIS «MORRIS»

ção, das 10 às 19 horas, são os seguintes: Morris-Minor, 2 lugares; Morris-Minor, salão com tecto de abrir; Morris-Eight, coupé sport com 4 lugares; Morris-Eight, salão;

Morris-Cowley, salão com tecto fixo; Morris-Meior, salão com tecto fixo; Morris-Oxford, salão; Morris-Isis, coupé sport e Morris-Isis, salão com 5 lugares.

O CARNAVAL DE OUTROS TEMPOS



A geração de hoje — a camada dos 20 aos 30 anos — já não conheceu o Carnaval do tremoço e do pastel de nata...

O nosso Beniel, o repórter-fotográfico, que no jornalismo de há vinte, trinta anos, foi um «água», e onde marcou bem vincadamente a sua passagem, cedeu-nos, do seu arquivo, os três clichés que publicamos nesta página.

O primeiro mostra-nos o Largo das Duas Igrejas, em pleno domingo gordo de 1905, no momento da passagem do automóvel pertencente à sr.^a D. Josefina Burnay e a seu marido o sr. Jorge Burnay — figura de destaque no meio sportivo daquela época. O seu carro, vistosamente engalanado, alcançou, nesse ano, o 1.^o prêmio do Concurso do Chiado.

O segundo, representa o desfile dos «Zés-Pereiras», na Avenida da Liberdade, na tarde de terça-feira gorda, em 1906, e no terceiro cliché pode observar-se um dos trabalhos executados, em pleno largo do Camões, junto do teatro D. Maria, hoje Nacional, pela célebre cêgada «A dansa dos Turcos», que fazia acrobacia arriscada e aparatosa. A fotografia foi feita na segunda-feira gorda de 1907.

Já lá vão quasi trinta anos. Tudo isso desapareceu. O Carnaval de hoje — e principalmente o depois da guerra — em nada se parece com êsse, que morreu pouco a pouco...

Tudo isso acabou... O Entrudo está hoje reduzido aos bailes infantis, aos teatros e a um ou outro mascarado que ainda se afoita a aparecer nas ruas...

Para cúmulo do ridículo, há casas particulares que dão baile, só aos que levam farnel para a noite...

A alegria do lisboeta resume-se actualmente em ver os outros não se divertirem... São mais os mirones do que os dançantes...

Apesar de tudo — e em todos os tempos — é sempre desejada a quarta-feira de cinzas, o dia em que não se encontra nas ruas — como dizia o saudoso André Brun — nem sequer o nosso amigo «Vivalma»...

Hoje nem mesmo nesse dia se festeja o chamado — antigamente — Carnaval dos actores. Era o seu dia de descanso, o seu dia de Entrudo, o dia de irem almoçar e jantar às hortas...





017 — «A FILARMÓNICA DA TERRA» — (Foto do sr. Edgar dos Santos — S. Pedro do Sul)

Concurso fotográfico
entre amadores
organizado pela
"Ilustração"



020 — «NA SERRA DO JEREZ» — (Foto do sr. Alfredo Barbosa — Amarante)



023 — «MANOS AMIGOS» — (Foto do sr. Edgar dos Santos — S. Pedro do Sul)



018 — «NO PARQUES» — (Foto do sr. Alfredo Barbosa — Amarante)



021 — «NA SERRA DO JEREZ» — (Foto do sr. Alfredo Barbosa — Amarante)



024 — «NO PARQUES» — (Foto do sr. Alfredo Barbosa — Amarante)



019 — «OS CAVADORES» — (Foto do sr. José Manuel Rodrigues — Lisboa)



022 — «ENSABOAR E LER» — (Foto da sr.ª D. Maria da Piedade — Lisboa)



025 — «UM PINO» — (Foto do sr. Augusto P. Monjardino — Porto)

O nosso concurso fotográfico

Como já noticiámos, tôdas as provas que, pela sua perfeição, sejam dignas de ser reproduzidas, serão publicadas, mas quando não sejam flagrantes de movimento, essas provas só concorrerem aos prémios da «sorte».

Indispensável é que essas fotografias nunca tenham sido publicadas e não sejam de tamanho inferior a 6 x 9 nem superior a 18 x 24. As fotografias que satisfaçam as condições do concurso serão reproduzidas com o seu número de ordem.

As fotografias deverão trazer a respectiva legenda e o nome do amator concorrente.

Prémios de originalidade e perfeição

1.º prémio — Esplêndido **Cine-Kodak**, oferta da **Casa Kodak**, sociedade cuja respeitabilidade e processos de trabalho a tornam justamente a mais importante e afamada do mundo.

2.º e 3.º prémios para as duas fotografias imediatamente classificadas, também pela sua originalidade; estes dois prémios são representados, cada um, por **18 volumes das obras de Alexandre Herculano**, encadernadas em percalina, no valor de **268\$00**.

Prémios da "Sorte"

1.º prémio — Mil escudos, para a fotografia cujo número de publicação seja igual aos três algarismos finais do número contemplado com o grande prémio da lotaria de Santo António.

2.º prémio — Um exemplar da **História da Literatura Portuguesa**, organizada por Albino Fôrjas de Sampaio, edição luxuosa em papel couché, ricas gravuras e encadernação em pele, **3 volumes, 570\$00** — para a fotografia cujo número seja igual aos três algarismos finais do número contemplado com o 2.º prémio da mesma lotaria.

3.º e 4.º prémios — Para as fotografias cujos números sejam iguais aos três finais das aproximações ao grande prémio da mesma lotaria.

A cada, uma colecção da **Antologia portuguesa**, organizada pelo ilustre escritor Agostinho de Campos — **24 volumes, encadernados, do valor de 384\$00**.

Mais 10 prémios

Mais 10 prémios para as fotografias cujos dois números finais sejam iguais aos dois algarismos finais do número premiado com o 1.º prémio da grande lotaria de Santo António.

Estes prémios são constituídos por **livros à escolha**, das edições da **Livraria Bertrand, de Lisboa**, no valor de **50 escudos para cada um**.

Assim, a Ilustração facilita aos amadores fotográficos um meio de apresentarem os seus trabalhos e a possibilidade de alcançarem apreciáveis recompensas; e a todos os nossos leitores, que o não quiserem ou não puderem fazer, o ensejo de admirarem boas fotografias com aspectos da nossa terra.



026 — AZAMBUJA — «CALMARIA» — (Foto do sr. J. Salazar Carreira — Lisboa)



029 — «REI DESTROINADO» — (Foto do sr. José Maria Rodrigues — Lisboa)



027 — «LENDO O JORNAL» — (Foto do sr. José Manuel Rodrigues — Lisboa)



030 — «UM CASAL FELIZ» — (Foto do sr. Pedro Monjardim — Estoril)



028 — CALDELAS — «UM AGUISTA» — (Foto do sr. Alfredo Barbosa — Amarante)



031 — «SALTIMBANCO DAS FEIRAS» — (Foto do sr. José Manuel Rodrigues — Lisboa)

Vida Elegante

Festas de caridade

NA ESPLANADA MONUMENTAL

O «chá dançante» de caridade que se realizou na magnífica Esplanada Monumental, à Avenida Álvares Cabral, ao Rato, na tarde de sábado, 23 do corrente, gentilmente cedido pelo seu proprietário, a favor da benemérita instituição Orfanato-Escola Santa Isabel, que está lutando com verdadeiras dificuldades na manutenção dos seus internados, e levado a efeito por uma comissão de gentis senhoras solteiras pertencentes à nossa primeira sociedade, da qual faziam parte as seguintes: D. Eugénia Maria de Araujo Perestrelo de Vasconcelos, D. Heta Herold, D. Isabel Briffa Roque de Pinho (Alto Mearim), D. Isabel Pinheiro de Melo (Arroso), D. Maria Alice Rebêlo Maia, D. Maria Braamcamp Freire (Almeirim), D. Maria Carlota de Lancastre, D. Maria Isabel Braamcamp Freire (Almeirim), D. Maria José Burnay, D. Maria de Lourdes Rebêlo Maia, D. Maria Luísa Burnay, D. Maria Luísa de Melo e Castro Trigo, D. Maria Luísa de Orey, D. Maria da Luz de Melo e Faro (Monte Real), D. Maria da Nazaré Centeno Górgão Henriques, D. Maria Tereza Burnay e D. Rita Corrêa Henriques (Seisal), constituiu um verdadeiro acontecimento mundano.

— Na mesma Esplanada realizou-se também com uma extraordinária concorrência, a primeira das três «matinéas dançantes» que as sr.^{as} D. Emilia Neto Afonso de Pereira Coutinho e D. Maria Luísa Monteiro de Mendonça, coadjuvadas pelo sr. Gonçalo Pereira Coutinho, levam a efeito a favor dos pobres e dos desempregados. Houve «chá dançante» abrilhantado por duas exímias orquestras «jazz-band» e concurso de crianças mascaradas, para que havia artísticos prémios, constituindo o júri que fez a classificação das crianças mascaradas as sr.^{as} Ministra da Marinha, Embaixatriz do Brasil, Ministra da Bélgica, Marquesa de Sousa e Holstein, Condessa de Avilez (D. Maria), Viscondessa de Maiorca, Viscondessa de Santarém, D. Beatriz de Lancastre, D. Carolina Monteiro de Mendonça, D. Emilia Neto Afonso de Pereira Coutinho e D. Maria Luísa Monteiro de Mendonça.

Nas Belas Artes

Revestiu grande brilhantismo a «matinée de caridades» que se realizou no vasto hall da Sociedade Nacional de Belas Artes, à rua Barata Salgueiro, organizada por uma comissão de gentis senhoras solteiras da nossa primeira sociedade, cujo produto se destina a favor de várias famílias necessitadas e de outras obras de caridade.

Durante o intervalo da dança, que foi abrilhantada por uma exímia orquestra «jazz-band», exibiram-se em estrado colocado no meio do vasto hall as melhores discípulas da notável professora de dança senhora de Britton's, danças clássicas, internacionais e rítmicas, que receberam da selecta assistência que enchia por completo o vasto hall frenéticos aplausos.

Casamentos

Na paróquia de Santa Isabel, realizou-se o casamento da sr.^a D. Maria Teresa de Sousa Xavier Cordeiro, gentil filha da sr.^a D. Maria Amélia de Sousa Xavier Cordeiro e do sr. Jorge Xavier Cordeiro, já falecido, com o sr. dr. Artur Eugénio Gouveia de Carvalho, filho da sr.^a D. Lucinda Eugénia de Matos Gouveia e Carvalho e do sr. dr. Artur Gomes de Carvalho.

Serviram de madrinhas as sr.^{as} D. Berta Guerreiro de Sousa, avó materna da noiva, e D. Clotilde Val-Flor de Brito Chaves, e de padrinhos os srs. dr. José Gouveia de Carvalho, irmão do noivo, e Manuel Moreira Matos Roiz.

O acto religioso foi celebrado por Sua Excellência Reverendíssima o sr. Arcebispo de Miltilene, que fez antes da missa uma brilhante alocução, sendo acolitado durante a missa pelo cônego dr. Alvaro dos Santos, prior de



A SR.^a D. AMÉLIA GARIBALDI LEITE BASTOS E O SR. LUIS GASPAR CORVINEL MOREIRA, APÓS O SEU CASAMENTO

Terminada a cerimónia religiosa, durante a qual o sr. Jamet executou no órgão vários trechos de música sacra, foi servido no elegante palacete dos pais do noivo, à Avenida Duque de Loulé, um finíssimo lanche.

— Realizou-se na paróquia de S. Sebastião da Pedreira o casamento da sr.^a D. Amélia Garibaldi Leite Bastos, interessante filha da sr.^a D. Carolina Garibaldi Vences Valente e enteada do sr. Mário Vences Valente, com o sr. Luis Gaspar Corvinel Moreira, filho da sr.^a D. Maria Júlia da Silva e do ilustre clínico sr. dr. Corvinel Moreira.

Serviram de madrinhas as sr.^{as} D. Filomena Vences Valente e D. Maria Amélia Corvinel Moreira, tia do noivo, que se fez representar pela avó do noivo, sr.^a D. Adelaide Emilia Saraiva Moreira, e de padrinhos os srs. João Contente Vences e Gaspar Augusto Corvinel Moreira, tio do noivo, que se fez representar pelo sr. João Batalha Manzoni de Sequeira.

Terminado o acto religioso, foi servido na residência dos pais da noiva um finíssimo lanche, partindo os noivos depois para Manique, onde foram passar a lua de mel.

D. Nuno.



OS NOIVOS, SR.^a D. MARIA TEREZA DE SOUSA XAVIER CORDEIRO E O SR. ARTUR EUGÉNIO GOUVEIA DE CARVALHO, ACOMPANHADOS DOS PADRINHOS E CONVIDADOS, POR OCASIÃO DO SEU CASAMENTO

Santa Isabel, e pelo mestre de cerimónias Reverendo dr. Honorato Monteiro.

As «lavandas» serviram as srs. Conselheiro Fernando de Sousa, avó materno da noiva, dr. Afonso Lopes Vieira, dr. Guilherme de Brito Chaves e o pai do noivo. Sua Santidade dignou-se enviar aos noivos a sua benção.

Cinema

Revista das estreias

DE todos os elementos do espectáculo cinematográfico — realização, decorações, argumento — o que mais profundamente influencia os seus destinos junto do público é a interpretação. Compreende-se que assim seja, muito embora sólidas razões possam ser opostas a essa predileção. Dentro dos seus moldes actuais o cinema tende a dar ao protagonista uma importância exclusiva. Tudo se concentra em redor duma personagem central cujos movimentos e sentimentos constituem a própria acção do filme. E enquanto novas fórmulas artísticas, mais modernas e mais próximas da realidade, não sucederem às actuais concepções, a interpretação continuará tendo uma larga importância e, por vezes mesmo, uma absurda importância.

Entre as estreias das duas semanas que acabam de decorrer, dois filmes marcaram, duma forma notável, pela superioridade da sua interpretação — *A Divorciada* e *Ruas da Cidade*.

Norma Shearer, a excelente actriz norte-americana, foi a intérprete inigualável do primeiro. O seu trabalho faz-nos recordar esse outro filme, *O preço dum beijo*, que primeiro nos revelou a linda actriz, frágil, amorosa e profundamente emotiva. Tendo interpretado, entretanto, vários filmes e sempre com justeza e perfeição, Norma Shearer não voltara a atingir o nível dessa sua primeira produção. Desta vez, porém, ultrapassou-o. O que no primeiro filme era comédia, é neste drama. Onde se pretendia fazer sorrir, procura-se agora emocionar. O talento da grande actriz supera estes obstáculos. Vemo-la agitar-se sacudida por violentas dores morais ou enebriar-se duma fugaz felicidade. E tanto num como noutro caso o seu poder emotivo é assombroso. A intérprete dá ridícula secretária particular de *O preço dum beijo* ficou mais distante talvez da perfeição quando nos fez sorrir nesse seu primeiro filme, do que agora comovendo-nos com a expressão do doloroso conflito moral em torno de que se desenvolve a acção de *A Divorciada*.

Mas o justificado êxito de Norma tem ainda outras razões. É, que, entre todas as atrizes,

ela criou um lugar muito seu, um lugar que não nos parece fácil contestar-lhe. Norma personifica a mulher amorosa, moderna mas profundamente feminina. Tem como nenhuma outra o encanto da fragilidade. É a mulher-boneca que apetece amimar; e que não desperta sentimentos violentos mas que se deseja

Indicada de começo como provável sucessora de Clara Bow, esta actriz embora sob alguns aspectos secundários inferior à famosa intérprete de *Aquilo*, em breve se evidenciou uma intérprete muito mais humana e expressiva. O seu trabalho neste filme é, nalgumas cenas, magistral. Na cena da visita à prisão, Sylvia actua como só raras artistas sabem fazê-lo. A expressão da sua dor não pode ser facilmente excedida.

Ambos os filmes a que acabamos de nos referir, embora marcassem principalmente pela interpretação, tem também a recomendá-los outras qualidades. *A Divorciada*, quanto realizado em moldes teatrais em que o diálogo ocupa lugar primacial com manifesto prejuizo das características próprias ao cinema, tem uma realização sóbria, está situado num ambiente equilibrado e agita com inteligência um delicado problema da moral moderna — a igualdade de direitos e deveres entre os cônjuges em face do adultério. A sua acção tem algumas passagens de grande intensidade dramática, outras dum realismo honesto, à boa maneira americana.

Por sua vez *Ruas da cidade*, construído sobre um tema artisticamente inferior — um episódio da vida dos gangsters e *bootleggers* — tem a valorizá-lo uma notável realização. Memoulian, um realizador pouco conhecido, fez dum argumento mediano um filme superior. Extraiu do conflito o que nêle havia de profundo. E sob o ponto de vista propriamente cinematográfico o seu trabalho é excelente. A alucinante corrida de automóvel pode ser, para nós, a sua prova de exame para realizador de grande categoria.

Milton, em *O Rei da Graxa*, foi o grande sucesso popular da

quinzena, que fez acorrer ao S. Luís quasi todos os que o viram em *O Rei dos Borlistas*. A comparação entre os dois filmes não podia deixar de se fazer. E tal como o público a fez, se não é desfavorável ao conhecido artista, também não acrescenta grandemente ao seu prestígio. Resta reconhecer que nos fez rir, e essa é uma razão muito para atender.

Manuel L. Rodrigues.



JOAN MARSH, UMA BELDADE ENTRE AS BELEZAS NATURAIS DA CALIFÓRNIA

adorar, cercando-a de dedicações e cuidados. O seu prestígio está, pois, em ser a esposa-ideal que faz sonhar todos os homens seqüiosos da felicidade dum lar perfeito.

Sylvia Sidney, que vimos interpretando *Ruas da cidade*, mostrou ser outra grande actriz, com extraordinárias faculdades de expressão e uma compreensão profunda da psicologia dos personagens que interpreta.

NOTA DA QUINZENA

Desenhos animados

Não é nova, no nosso país, a ideia de realizar filmes de desenhos animados. Conhecemos, pessoalmente, artistas desenhadores a quem o problema tem tentado e que só devido a dificuldades materiais não revelaram ainda no écran os seus recursos.

Tentadora como é, a ideia apresenta-se, ao primeiro exame, cercada de factores favoráveis. A maquinária necessária à feitura dum desses filmes é bastante reduzida, se a compararmos com a empregada num grande estúdio. O mesmo se dá com a iluminação das cenas, as decorações e tudo o que no orçamento dum filme vulgar mais pesa. Também a interpretação, problema angustioso para todos os realizadores, encontra neste género de obras a solução que o leitor conhece.

Poderia concluir-se disto que a produção de filmes de desenhos animados convém, mais do que nenhuma outra, à indústria nacional que há de nascer um dia. Há, porém, diversos aspectos deste problema que merecem ser tomados em consideração.

Em primeiro lugar, o custo destes filmes não é tão reduzido como a uma primeira impressão optimista se afigura. Na América, onde uma extensa divisão do trabalho permite atingir resultados insuperáveis, o custo de produção dum desses filmes de duas bobines que completam os programas dos nossos cinemas atinge muitas vezes mil libras, isto é, cento e tal contos da nossa moeda. A grande expansão da indústria americana permite, de resto, obter uma compensação favorável destes gastos. Mas o mesmo não sucede para a produção nacional que correria, por isso, o risco de resultar deficitária.

Um outro aspecto do problema se nos afigura digno de ponderação — o factor psicológico. Não nos custa acreditar que haja entre os desenhadores portugueses artistas capazes de explorarem os imensos domínios da fantasia que o cinema sonoro em si contém. Mas neste caso não basta a imaginação e o talento do desenhador para criar obra palpável. Os desenhos animados são, antes de tudo, produto duma paciência sem limites, dum trabalho intenso e sistematizado. Num película de cerca de 200 metros resumiu-se, muitas vezes, um labor de semanas ou de meses. É isto na América, onde uma legião de desenhadores trabalha, simultaneamente, no mesmo filme.

Ora são estas qualidades — paciência e vontade metódica — aquelas cuja falta mais se faz sentir entre nós, povo de entusiasmos vertiginosos e desânimos fulminantes. O que não quer dizer que ninguém exista capaz de tentar, com êxito, a empresa.

Se assim fôr, tanto melhor. Estaremos sempre dispostos a encorajar o esforço e a elogiar a boa vontade. Mas será bom recordar que os desenhos animados não foram e para eles não existe, portanto, a barreira do idioma. Os filmes de desenhos portugueses, se os chegar a haver um dia, terão de competir em originalidade e perfeição com os filmes de todo o Mundo.

Isso é muito difícil. Os artistas portugueses dirão se vale a pena tentá-lo.

Sylvia Sidney, a grande actriz de *Ruas da Cidade* a que noutra lugar nos referimos, é filha duma russa e dum romeno. Aos quinze anos sua mãe abandonou a Rússia e embarcou para a América onde se dedicou à profissão



JOHN BARRIMORE E SUA MULHER DOLORES COSTELLO, CUJOS ÚLTIMOS SUCESSOS BEM MERECEAM SER CONHECIDOS EM PORTUGAL

de desenhadora, adquirindo uma certa nomeada e fundando um atelier que foi bastante conhecido. Aí se casou, tendo Sylvia nascido pouco tempo depois, em 1910.

A admirável intérprete de *Nani*, que constituiu o principal êxito da quinzena que termina, conta, portanto, vinte e um anos apenas, e o mais brilhante futuro lhe deve estar, por certo, reservado ainda no fonocinema.

Não deixa de ser curioso o modo por que se obtém, algumas vezes, dos animais que exibem perante a câmara determinados actos.

Num dos grandes sucessos de Ruth Chatterton, *Once a Lady*, vê-se um cão vir comer à mão dum dos actores. Mas o animal, habitualmente dócil, manifestava uma certa aversão em realizar uma cena tão simples.

Alguém lembrou trazer para o estúdio um

enorme cão, que passou a devorar dum trago as rações do pobre animal, sem que este, dada a diferença de proporções, pudesse esboçar qualquer protesto. Os resultados não se fizeram esperar muito. Perseguido pela fome, o pobre cão não mostrou desta vez dificuldade alguma em interpretar o que dêle se pretendia.

De outra vez, no filme *Rich Man's Folly*, queria-se que uma vitela soltasse os seus característicos mugidos entre frases dum diálogo de Frances Dee e Robert Ames.

Fazer uma vitela exprimir-se na sua linguagem primitiva, em ocasiões bem definidas, não é fácil. Alguém notou, porém, que ela o fazia espontaneamente sempre que deixava de ver a mãe. Bastava, portanto, esconder nos momentos oportunos a vaca. Um espelho foi preparado de tal modo que reflectia a imagem da vaca, podendo ser desviado até a tornar invisível aos olhos da vitela. O expediente deu resultado e se o leitor chegar um dia a ver no écran esta cena, poderá apreciar o excelente efeito cómico que disso se tirou.

Nem sempre, porém, as coisas se resolvem tão facilmente. Num outro filme — *Working Girls* — figurava ao fundo da cena um papagaio cuja função era apenas decorativa. Durante muitos ensaios o animal observou, atento, tudo o que fazia e dizia o realizador. E no meio duma cena largou de súbito um estridente «cortem», palavra com que o realizador, usualmente, interrompe as cenas, fazendo parar os operadores e apagar os arcos voltaicos.

Escusado será dizer que a cena se inutilizou e que o papagaio perdeu de vez as probabilidades de actuar num filme.

Lil Dagover, a bela actriz alemã, embarcou há poucos meses para Hollywood atraída por um excelente contrato. A Imprensa americana acolheu-a, festivamente, e durante algum tempo foi ela a sensação do público cinéfilo norte-americano.

Afinal, depois de interpretar um único filme, Lil Dagover acaba de regressar à Alemanha. Este regresso tem toda a aparência de definitivo, embora se faça crer que ela voltará em breve à América. Pelo meio bisbilhoteiro de Hollywood correm histórias de desmaios, lágrimas e discussões que fazem atribuir à bela actriz germânica um temperamento tão caprichoso como o de Pola Negri nos seus tempos de ídolo das multidões.

Em tudo isto o que nos parece mais plausível é que o talento e a sensibilidade da artista não se adaptaram ao meio medíocre e positivista de Hollywood. O caso não é, de resto, novo.

IDEIAS DE PAZ

Os filmes de guerra

e a sua missão pacifista

TERÃO os filmes de guerra exibidos até hoje contribuído para a propagação de ideias pacifistas?

Esta questão, cujo alcance social e moral é importantíssimo, não pode ter ainda hoje uma resposta bem clara e definida. Realizados embora, muitos desses filmes, dentro dos mais elevados critérios de justiça e humanidade, não está, contudo, inteiramente demonstrado que a sua exibição não venha despertar ódios, reavivar tendências ancestrais de predomínio e conquista.

Alguns destes filmes, pela forma superficial como foram tratados, estão mesmo muito longe de poderem exercer uma acção proveitosa para a disseminação de ideias de paz e concórdia. É o caso, por exemplo, de *A grande parada*, filme que só pela sua típica mediocridade gozou largo tempo dos favores do público. Recordem-se, em abono do que dizemos, algumas passagens da marcha pelo bosque dos «heróis» do filme. Um atirador inimigo escondido entre os ramos duma árvore faz fogo. Uma bala certa abate-o, e o público rejubila. Não se sugere que se matou um homem no cumprimento dum dever abominável — mostra que se matou um inimigo, e que a sua morte era necessária e lógica.

Todo o filme está, de resto, recheado de pormenores idênticos que criam no espectador esse estado de espírito característico que faz do homem o inimigo de outro homem.

Um facto semelhante verificámos em *Asas* e mais tarde em *Patrulha de Alvorada*. Em ambos se encontra o *Inimigo* e nada se faz para fundamentar essa ideia justa que consiste em aproximar, comparando-os, homens

que se batem por causas diferentes, mas cujas necessidades, misérias e sofrimentos são idênticos.

Em *Patrulha de Alvorada*, filme cujo muito merecimento técnico e de interpretação é independente do conceito fundamental que lhe criticamos, podem citar-se vários pormenores que definem e reforçam o que dissemos. É o bombardeamento dos postos inimigos, por exemplo, visão espantosa que desenvolve no espectador esse desejo feroz de destruição e morte. É o rictus satânico do comandante da esquadrilha inimiga, marcando bem a diferença entre o *vilão* e o *herói*. As cenas da captura e camaradagem estabelecida com um

autores transparece ainda, embora em *A oeste nada de novo* um pouco atenuado, nas imagens que dois hábeis realizadores para eles compuseram. Pabst fez de *Quatro de Infantaria* um documentário de horrores. O som não lhe interessou para reproduzir o ruído do canhão. Serviu-lhe para registar gritos de dor, maldições de corpos dilacerados, estertores de moribundos. Milestone, por seu lado, deu à obra de Remarque uma transposição justa em imagens. Fixou de maneira superior a leucra colectiva dos homens que se aniquilam na defesa de princípios que lhe são estranhos e não podem compreender. Deu-nos além disso uma reprodução exacta da vida nas trincheiras, no dizer dos que conhecem os horrores da «frente».

Em ambas estas produções, a sensação dominante é talvez de horror. O espírito de luta desaparece quasi totalmente, para dar lugar à repulsa inteligente, que marca o triunfo da razão.

Todavia, há ainda neste caso um ponto a considerar. Uma grande percentagem dos espectadores que hoje frequentam os cinemas nada sabe da guerra. Mais de treze anos são passados sobre a gigantesca conflagração. As gerações que hoje despertam para a vida não conheceram, por isso, a guerra. Irão todas essas obras fazê-las evocar acções heroicas, bombardeamentos, duelos de aviação? Não é impossível e há aí um perigo a que é necessário fugir.

Fica, portanto, de pé a angustiada pergunta:

Servirão os filmes de guerra as ideias pacifistas?

A afirmativa parece-nos contestável mesmo para os melhores. A própria predilecção do público pelos filmes de guerra, que está longe de se ter esgotado, afigura-se-nos um mau sintoma.

Poderão os filmes de guerra demonstrar o absurdo da carnificina? Ou virão exarcebar a loucura imperialista que assola a Europa?

A dúvida subsiste, a nosso ver. O sentimento execrável que lança os povos contra os povos não obedece à razão. Demonstrar o seu absurdo é talvez inútil; evocar-lhe os horrores pode ser contraproducente.



MARIAN MARSH NUM TÍPICO COSTUME ESCOSES

aviador inimigo não são suficientemente vigorosos para anular o que muitas outras imagens tendem, talvez, inconscientemente, a desenvolver.

Já não pertencem a este número *Quatro de Infantaria* e *A oeste nada de novo*. Ambos estes filmes se basearam em romances que são formidáveis libelos contra a guerra. E o espírito de humanidade que agitou os seus



Soliloquios e Comentários

E STÁ à porta o Carnaval. Antigamente, neste tempo, uns sujeitos de bom gosto instalavam-se nas varandas dos prédios do Chiado e, quando passava algum chapéu de côco, despejavam-lhe em cima uma ou duas arrobas de tremoço. Era uma pândega. Depois havia umas *cocottes* feitas de meia folha de papel de côr, meio quilo de areia e 125 gramas de pedra miúda, que se arremessavam e que davam, a quem as apanhava, a sensação de um sóco de Santa Camarão. Havia cartuchos de pós de gôma, cartuchos de pós de sapato, luvas cheias de terra, ovos e laranjas, seringas cheias de água suja, o diabo, mas que divertia as gentes e animava as artes. Um paisano que tivesse que atravessar a cidade em dia de Carnaval não sabia como voltaria ou se voltaria. Mas o que sabia é que vinha perdido de riso, esbofado, e tendo-se divertido como um bruto. Trazia o côco amachucado e furado, um dos olhos emoldurado numa equimose violeta, o fato rto e sujo de pós, o colarinho arrancado, os botões partidos, os bolsos deitados a baixo, é certo. Mas divertira-se. Quando lhe pregaram com a primeira *cocotte* êle ficou azul. Quando lhe deram com a laranja em cheio nos olhos viu tudo vermelho. Depois a cada nova *cocotte*, ou a cada manápula de terra que lhe apalpava as costas, êle via tudo furta-côres. Ah! mas êle não tomava aquelas graças à má parte! Não, êle não era tão pouco civilizado que não percebesse que aquilo era um convite a que êle gozasse a vida e se divertisse também. E vai daí êle comprava *cocottes*, cartuchos de pós, tremoços, setas, um bengalão e uma caraça. Com êste arsenal êle atirava-se aos parceiros com a mesma fúria com que um faminto se atira a um frango assado. E à noite sentia que sim, que se tinha divertido a valer, quando não acabava no hospital por ter apanhado uma tareia (a bomba e a pistola são invenções modernas), ou na Boa-Hora.

Hoje não é assim. Um sujeito sai e já sabe que se não metem com êle e que até pode passear o chapéu alto com que há vinte anos pediu a mão da esposa, que o recolhe virgem de tombos e amolgadelas. Isto agora é outra coisa. É polido, pacato, policiado. E diz um velhote meu visinho que usa boina e nesse dia sai de côco para ver o que lhe sucede, que isto hoje «já não é Carnaval: É uma grande massada. Se até já nem se pode mascarar, uma pessoa!»

N IETZSCHE escreveu há muitos anos: «A terra está cheia de supérfluos, e os que estão de mais prejudicam a vida».

Foi talvez por ter lido isto que a Alemanha desencadeou a Grande Guerra. Mas os supérfluos proliferaram. E a vida ficou pior.

U M crava que anda às corôas, vê um sujeito ao telefone pedir o número: — Ó menina, dá-me Norte, 2, 5, 0, 0. Dois mil e quinhentos, menina!

E logo êle—Olha, pede antes cinco mil réis, que são dois mil e quinhentos também para mim.

U M jornalista que pede cinco mil réis aos amigos que encontra, topa alta noite com um caricaturista boémio, a quem faz o pedido da oração:—V. tem cinco *malhos* que me emta, que é da ilha, responde na seguinte maneira:

—Aqui não tenho, mas tenho em casa.

E lá vão os dois, a pé, até caas bandas do mundo, 4.º

Chega tista diz ao esperer, pois *lhos* da jaço. Passa de hora e vem, com tatarar-se ante o pasmo intrigado do literato.



Eram realmente cinco *Malhos*. Cinco números de *O Malho*, revista ilustrada que se publica no Rio de Janeiro.

PROSA ALHEIA

«E U sem ser sábio, já sei há muito tempo em que lugar esteve situado o Paraíso... Foi num lugar que nunca houve—num trecho da geografia do sonho, numa zona fantástica do país do Irreal: porque somente ali pode ter havido felicidade completa, pão gratuito, inocência absoluta e saúde perfeita.»

Escreveu-o Olavo Bilac. Mas digam-me vocês, qual de nós é que o não sente?

P ENSAM êles: O que me calhava era casar rico. Bonita ou feia, não importa.

Pensam elas: O que me calhava era casar rica. Velho ou novo, não importa.

Às vezes casam ricos. Êles passam a procurar a romântica sonhadora que o casamento lhes não trouxe. Elas, a procurar a



alma gémea da sua, que às vezes está num primo, num amigo do marido ou num alferes que lhe passa à porta todos os dias.

E divorciam-se. Quando não vivem bem.

D EZ anos! Sabes tu, Hermengarda, o que é passar dez anos amarrado ao próprio cadáver?»

Bons tempos! Quanta coisa morta, esquecida, saudosa! O carroção, a tipóia, as esperas de toiros, a ascensão do esférico, o galego recadeiro, a dança da luta, a cegada histórica, os vendedores ambulantes, a procissão do S. Jorge, eu sei lá...

E hoje, quanta coisa nova capaz de matar de pasmo a Hermengarda, se ela se lembrasse de ressuscitar?! O telefone, a telegrafia e telefonia sem fios, os eléctricos e automóveis, as granadas de mão e os *tanks*, as máscaras anti-gás e os torpedos aéreos, os gases lacrimogénios e os homens de pulseirinha, os dirigíveis e as mulheres que fumam, Alvedos Reis e as grafonolas...

Só uma coisa não mudou na vida. A Morte. Essa é que continua como no tempo em que Hermengarda dava volta à cabeça de uma geração de literatos.

A França diz que se a Alemanha não pagar, ela não pagará. Pode ser, mas não deve ser verdade. Então se ninguém paga para que serve o dinheiro? E se há dinheiro, porque é que ninguém paga?

E XISTE um jornal que vive sem artigos de fundo, casos da rua, folhetim e crónica do estrangeiro, e ao qual, apesar disso, não faltam leitores.

O Diário do Governo.

É ainda Casanova quem afirma que «os que riem muito são muito mais felizes que os que não riem nada; porque o riso desopila o baço e cria bom sangue». É verdade. Mas o pior é que êle diz também «mas para tudo é preciso motivo e ocasião».

Quanta gente vive assim e morre sem ter sido feliz. Tem o riso, é certo, mas, como ao carasco a quem faltassem vítimas ou ao caçador que não lobrigasse caça, falta-lhe o motivo e a ocasião.

É apenas por isso, por lhe faltar esta simples e ínfima coisa, que muita gente não é feliz.

Albino Forjaz de Sampaio

deSports

Qual foi a origem do foot-ball?

peçie de reserva pronta a suprir qualquer desfalecimento das linhas anteriores.

As linhas laterais do terreno eram designadas sob os nomes de *muro* uma delas, e a oposta *fosso*.

A bola era posta em jôgo por uma pessoa estranha às *equipes* e que, para bem definir a sua neutralidade, envergava uma blusa

porque tôdas as linhas dianteiras haviam sido desbaratadas e o seu papel assumia importância capital como defensores e, sempre que lhes fôsse também possível, como iniciadores de contra-ataques.

Aos jogadores era, portanto, autorizado correr com a bola, tentando avançar o mais possível na direcção do campo adversário, passando-a depois, por meio de pontapés ou sôcos, aos companheiros melhor colocados para prosseguir a acção.

As placagens eram permitidas, até mesmo a rasteira, embora este último recurso não fôsse considerado de grande elegância.

O portador da bola expunha-se a rudes ataques, pois além de poder ser agarrado, os adversários tinham o direito de lhe bater, se não quisesse largar a bola.

Os encontros assumiam por vezes excessiva violência, sobretudo quando os adversários desportivos o eram também no campo político; o ardor da peleja acirrava-se então pelas rivalidades sociais e conduzia às peores agressões.

Num livro de Guerrazi, «O cêrco de Florença», encontramos a descrição de um exemplo frizante desta animosidade pouco desportiva.

Os florentinos, a-pesar do cêrco da cidade pelas tropas do príncipe de Orange, não tinham querido abandonar a prática do calcio e o autor descreve-nos nas suas páginas uma emocionante partida disputada no dia 17 de Fevereiro de 1529.

Entre os jogadores figurava Dante de Castiglione, médio da *equipe* verde e um dos chefes do partido político que, apoiando-se na opinião popular, lutava contra o que chamavam a tirania dos Mediceis; no *team* oposto, o dos brancos, destacava-se na linha avançada Morticino degli Antinori, jovem aristocrata que gozava de toda a simpatia da nobreza, núcleo do partido contrário.

Apoz várias peripécias que é inútil relatar, Antinori, que era audacioso, rápido e ágil, conseguiu apoderar-se da bola. Apertando-a bem contra o corpo, corre veloz, finta, esquiva e rompe caminho por entre os avançados contrários; tem agora que atravessar a linha de médios, valendo-se, para isso, de intermináveis desvios, correndo em tôdas as direcções. Aproxima-se da vedação contrária sem, contudo, alcançar distância ou posição favoráveis ao lançamento da bola; um único caminho se lhe afigura viável, entre a linha do *muro* e Dante de Castiglione, o atleta adversário que o espera a pé firme.

Antinori corre direito a êle, baixa-se repentinamente na esperança de evitar ser apinhado na passagem, mas as mãos poderosas de Castiglione caem sobre êle como massas e agarram-no.

Trava-se então entre os dois homens uma luta feroz. Sem largar a bola Antinori bate, arranha, morde, sacode-se com desespero. Castiglione responde da mesma forma e por fim, excitado pelo duelo selvagem e pelos gritos do povo que aplaude e incita o seu campeão favorito, levanta o adversário nos dois braços possantes e lança-o mais a bola



bi-partida com as côres dos dois adversários. Este indivíduo atirava a bola de encontro a uma placa de mármore colocada a pouca altura a meio do *muro*; a bola ressaltava para o meio das duas linhas avançadas e o jôgo começava.

O fim a atingir era a vedação que limitava o campo no tópo oposto, considerando-se marcado um ponto quando a bola lançada por um pontapé ou sôco ia cair atrás dessa vedação, sem que contudo se elevasse acima da altura normal de um homem.

Para alcançar a meta recorriam os jogadores a *dribblings* rápidos dos avançados ou a ataques combinados dos três- Quartos que para tal recebiam a bola dos médios quando êstes conseguiam apoderar-se dela apoz as formações entre avançados.

Os defesas eram a última barreira da *equipe*; quando a bola chegava até êles, era

extraordinária popularidade universal do jôgo do *foot-ball*, justifica a curiosidade daqueles que procuraram estabelecer para tão grande senhor uma árvore genealógica, investigando nos velhos alfarábios rastos dos seus antepassados ou vestígios da sua origem.

Considerado hoje como um jôgo de essência britânica, o *foot-ball* deve-lhe realmente a sua regulamentação característica, mas parece ter possuído raízes mais remotas noutros países da Europa continental.

Em Maio de 1930 a cidade de Florença organizou grandes festas em honra do jôgo da bola redonda, cuja paternidade reivindica. No decurso desses festejos reconstituiu-se um encontro tal como era praticado no século XVI, conforme as regras que até nós chegaram pelo livro de Giovanni di Bardi, intitulado: «Discorso sopra il giuoco del calcio fiorentino», e publicado em 1580.

O *foot-ball*, designado pelo nome de «calcio», que ainda hoje lhe é atribuído pelos italianos, é naturalizado fiorentino.

A falar verdade parece averiguado, como mais longe veremos, que já se jogava nessa época à bola em Inglaterra, mas com características de violência que tornavam desagradável às camadas sociais mais cultas a prática do jôgo.

A Itália dera-lhe uma feição diferente e o «calcio» era praticado pela aristocracia, conhecido na época dos Mediceis uma aura brilhantíssima.

Devemos reconhecer que entre o *foot-ball* actual e o jôgo do século XVI existem apenas vagas similitudes, podendo quasi dizer-se que um e outro estão apenas ligados pelo emprêgo comum de uma bola redonda. Quanto às regras, eram as de então um mixto dos actuais *association* e *rugby* como os nossos leitores vão poder avaliar.

«O calcio é um jôgo público praticado por dois grupos de indivíduos a pé e desarmados, que se esforçam corajosamente por conduzir além do limite do campo oposto uma bola cheia de ar, e tendo unicamente os jogadores em mira a honra de vencer.» Esta é a tradução tão exacta quanto possível da definição dada no seu tratado arcaico pelo conde di Bardi, que assegurava assim peremptoriamente: o amadorismo integral dos seus contemporâneos.

O terreno de jôgo media 172 braçadas (cada braçada corresponde a 0,3583) e devia ser cercado por uma vedação de duas braçadas de altura.

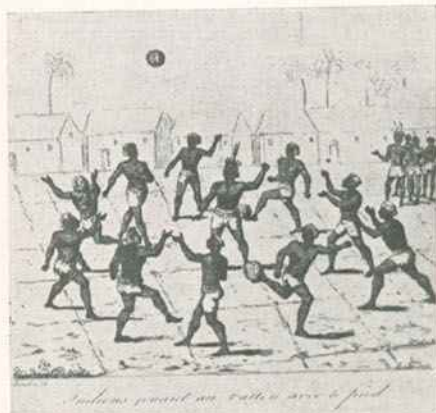
Cada grupo era formado por 27 jogadores, armados na formação seguinte:

15 *innanzi* (avançados), constituindo a linha de ataque.

5 *sconciatori* (médios), cuja missão era segurar e impedir a acção dos avançados contrários na posse da bola, e encarregar-se da sua transmissão aos companheiros quando os avançados a disputavam em formação.

4 *datori innanzi* (três- Quartos) que recebiam a bola dos médios e procuravam enviá-la aos avançados colocados mais perto da meta.

3 *datori addietro* (defesas) que eram o último reduto da *equipe* e constituíam uma es-



O «FOOT-BALL» NA GUIANA HÁ UM SÉCULO

para fora do terreno de jogo, onde o desgracado vai cair num turbilhão de poeira.

Esta origem italiana do *foot-ball* deve ascender a uma velha tradição herdada do império romano.

Está averiguado que o jogo da bola fazia parte da educação atlética grega.

Consistia então na disputa, por um certo número de atletas, de uma hexiga de porco cheia de ar ou de areia, procurando cada um levá-la com o auxílio dos parceiros e apesar dos esforços dos adversários, até um ponto determinado.

Os romanos, submetendo a Grécia ao seu domínio 150 anos A. C., apaixonaram-se pelos jogos físicos que viram praticar, importando-os para Itália e cultivando-os com ardor.

O jogo da bola ou *harpastum*, agradou particularmente aos soldados pelas suas características de violência, pois encontravam na sua prática um meio excelente para preencher as aborrecidas horas dos acampamentos, desenvolvendo simultaneamente qualidades de resistência, vigor e combatividade.

Os legionários que estacionaram mais tarde nas regiões da Gália transmitiram por sua vez à raça indígena aquilo que os seus antepassados haviam aprendido na Grécia, deixando uma tradição que depois reviveu nalgumas províncias do oeste da França, no jogo popular da *soule*.

Os bretões receberam com agrado a prática do *foot-ball* e ensinaram-na aos povos vizinhos, sendo provavelmente verdadeira a versão que indica os guerreiros de Guilherme o Conquistador como os introdutores do *harpastum* no solo da Grã-Bretanha.

Que tenha sido esta ou outra a forma inicial, a verdade é que menos de um século após a invasão normanda, o *foot-ball* estava em plena voga em Inglaterra, sendo citado numa crónica datada de 1175, onde se relata que na semana do Entrudo os rapazes de Londres se reuniam certa tarde no campo para se entregarem ao conhecido jogo da bola,

Em 1695 um viajante francês, o sr. Misson, publicou em Paris um livro intitulado «Memórias e observações de uma viagem a Inglaterra», onde fala do *foot-ball* nos seguintes termos: «Durante o inverno o *foot-ball* é um exercício útil e encantador. Trata-se de uma bola de cabedal grosso, do tamanho da cabeça de um homem, e cheia de ar. É levada pelas ruas fora aos pontapés por aquele que a pode alcançar; não tem outra ciência.»

A descrição, no seu excessivo laconismo, é pitoresca e característica; pode supor-se o que seria nas estreitas ruas da cidade, peçadas de lojeças, mostruários, transeuntes, cavaleiros e embasbacados, a avalanche de um grupo de homens, correndo a tóda a velocidade na perseguição de uma bola pesada. Se um outro grupo surgia em sentido oposto a luta travava-se sem mais preâmbulos e o espectáculo, por curioso que fôsse, devia certamente causar certa perturbação nos passeantes e disturbios no improvisado campo de jogo, cujos habitantes não deviam apreciar-lhe o encanto que seduziu o sr. Misson.

O jogo organizado conhecia duas modalidades;



O «FOOTBALL», EM FLORENÇA, JOGAVA-SE EM PLENA PRAÇA PÚBLICA

des; o *hurling at goals* era disputado por quarenta a sessenta jogadores divididos em dois campos, que procuravam levar a bola à balisa adversária, constituída por dois paus que uma distância de três a quatro metros separava. O comprimento do campo era aproximadamente de cem metros.

A outra variante, *hurling over country*, era jogada como o nome o indica através os campos pelos rapazes de várias aldeias que se aliavam e desafiavam.

As balisas eram figuradas por árvores ou casas distantes alguns quilómetros, e a vitória pertencia ao grupo que conseguia primeiro levar a bola ao local designado.

Por muito rude que isto possa afigurar-se, temos que reconhecer nestes

hábitos o esbôço ainda fruste do *dribbling*, que foi o elemento impulsivo da regulamentação do actual *association*.

A dureza dos terrenos onde era praticado o jogo tornava perigosas as placagens e quedas, levando os praticantes a procurar conduzir a bola unicamente com os pés, proibindo o emprêgo das mãos.

A tradição destes princípios foi conservada nalgumas escolas, onde a prática do *foot-ball* manteve uma seqüência que o salvou do esquecimento na crise de decadência que atravessou em fins do século XVIII, pelo abandono da simpatia popular.

Não se podem definir as regras de então, pois variavam de escola para escola, servindo a designação genérica de *dribbling-game* para abranger tódas essas modalidades.

O aparecimento dos primeiros clubes, à roda de 1860, e os encontros que começaram disputando entre si as escolas, fizeram sentir a necessidade de uma regulamentação uniforme, que foi estudada por comissões de jogadores, as quais estabeleceram uma base, fundando a *Football Association* que ainda

hoje dirige tecnicamente o jogo que nos interessa.

O *foot-ball* atingiu assim a sua feição moderna, aperfeiçoada por sucessivas alterações que conduziram à forma actual de jogar.

Nos primitivos tempos o ideal de uma *equipe* era possuir bons dribladores atacantes. Junto ao guarda-rede ficavam apenas dois jogadores encarregados da defesa e todos os restantes componentes do grupo se lançavam ao ataque, sem funções nem lugar definidos.

Pouco a pouco foi-se reconhecendo a conveniência de reforçar a defesa, equilibrando-a com o ataque, e chegou-se à formação contemporânea, perfeita e lógica.

Destas muito breves considerações pode concluir-se que o *foot-ball*, apreciado sob a sua feição actual de jogo associativo, deve à Inglaterra uma paternidade incontestável.

Se o examinarmos, porém, unicamente como um jogo em que se dão pontapés numa bola, a coisa muda de aspecto. Vimos que ele tem sido de tódas as épocas, e

gravura que reproduzimos, publicada há cem anos na revista *France Pittoresque*, e nos mostra os índios da Guiana jogando com os pés uma bola, prova que o polemos também considerar oriundo de todos os povos.

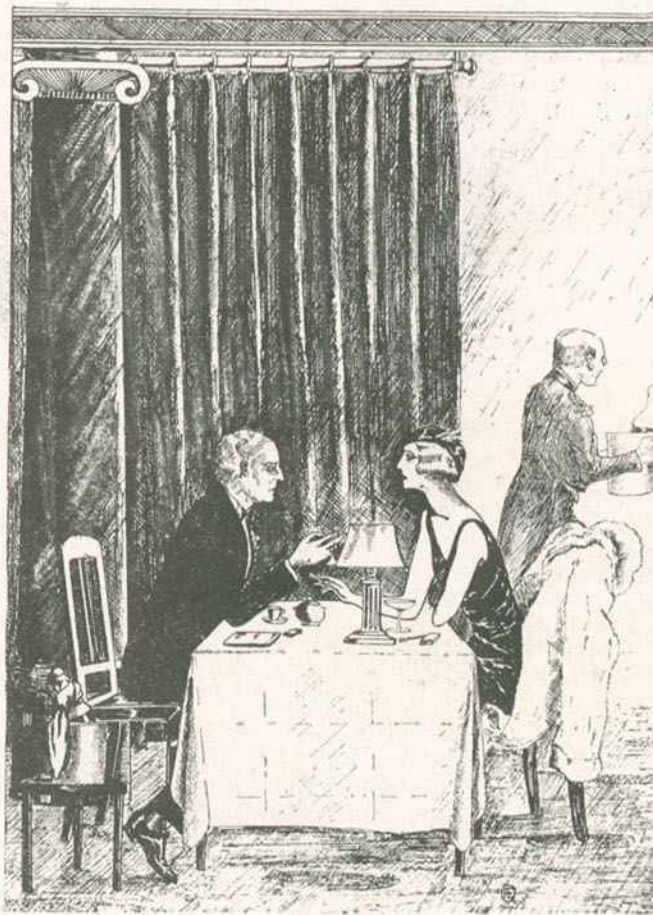
Esta origem universal do jogo da bola seria a justificação da moderna prática mundial do *foot-ball*.

J. Salazar Carreira



SAÚDE MORTAL

diado. As noites eram terríveis. Tentava encolher os ombros, olhava-se ao espelho e sorria :



—Mulheres? O que falta são mulheres!

E tomava um livro e lia horas a fio sem compreender o que lia. Calmo e com naturalidade, como se ela estivesse ausente, escrevia-lhe longamente, cartas normais, cartas magníficas, cartas terríveis, cartas abjectas, e, mal pousava a pena rasgava as cartas com cuidado e recomeçava outras.

A solidão infinita rondava em torno d'ele, pesada como um monstro triste!

Nessa noite do oitavo dia jantara só, e bem, o horror não lhe tolhera um único dos seus sentidos. O horror era nele como um sexto sentido, nada tinha que ver com as suas sensações, estava ali, metido nele como uma cunha de aço numa fenda de rocha.

Nessa noite, depois do jantar e de gastar três horas num teatro, onde o pesadelo se tornou monstruoso porque a orquestra tocava músicas que ela tocava, entrou ao acaso mas deliberadamente num clube que mal conhecia. Deram-lhe uma mesa, serviram-no e beber sem sede e comeu sem fome e não sentia mal estar ou aborrecimento; olhava em volta, examinava as coisas e fumava. Na

sua alma a grande pesada cobra do horror móvia-se cautelosa.

Entre o ruído enervante, as discordâncias do jazz, a névoa lenta do fumo dos cigarros, a confusão de gente que falava, que ria, que dançava, as manobras dos criados de librê, lívidos na luz velada, descobriu dois grandes olhos pintados que o fixavam curiosos com uma vaga interrogação. Desviou a vista, tornou a levantá-la, os grandes olhos pintados fixavam-no mais ainda e uma boca escarlate abriu-se num sorriso de promessas.

Uma estranha necessidade percorreu-lhe o corpo todo. Falar a uma mulher! Falar a uma mulher! Mergulhar os seus olhos nos olhos duma mulher e sentir contra a sua a boca duma mulher!

Cravou o seu olhar nos grandes olhos pintados. Minutos depois tinha-a ali, sentada à sua mesa.

Era uma pequena sem importância, bonita até um certo ponto, uns grandes olhos sérios, um cabelo bem penteado, mãos finas de pele fina. Modestamente vestida mas acertadamente e sóbria de gesto, de tom e de palavra. Simpática, um pouco triste, esforçando-se sem fé por parecer alegre e desembaraçada e mal o conseguindo. Agradável à vista, uns lindos braços nus. Por dentro pouca coisa... uma pequena qualquer sem interesse profundo; uma de tantas, marcando passo no sórdido atoleiro para onde destino e miséria a tinham atirado. Ora dum, ora doutro, com as suas crenças dum dia, as suas paixões de um mês, as suas necessidades

de sempre e a eterna preocupação da renda dos dois quartos, quarto e saleta, a pagar no fim do mês.

Junto à mesa um rapaz passou, alto, delgado, pálido, bem vestido de mais, bem penteado de mais que ao passar lhe escorregou um rápido olhar equívoco de perfeita compreensão, e ela num relâmpago dos seus grandes olhos pintados pareceu entregar-se-lhe tóda, servilmente. Na sua frente, à mesa, o homem bebia whisky e a conversa nasceu entrecortada, sem arte nem graça. Pouco a pouco, contudo, uma estranha mudança fazia-se dentro d'ele. Memórias e imagens passavam devagar, gravavam-se-lhe no cérebro. O sexteto arrancou com galhardia mórbida os primeiros compassos dum tango. Os pares enlaçavam-se e deslizavam, as luzes desmaiaram e puseram-se violetas. A rapariga tornou-se indistinta e portanto mais bonita, tudo era imaterial, uma embriaguez subia do ritmo dos instrumentos. Um sonho que accitou entrou na alma do homem: Já não era uma pequena sem importância que ali se encontrava. Era a outra! A que se fôra! Tinham vindo ali, depois do teatro, por curiosidade... Era Ela!—Era mentira, sabia-o!

Uma torpe mentira! Mas a comédia valia a pena e a inconsciência dava-lhe as aparências da verdade. Curvou-se sobre a mesa com um sorriso nervoso. A rapariga olhava-o um pouco assustada, estranhando de repente aquela expressão diferente, aquele olhar ardente que parecia despi-la. Riu, tranquilizou-se... os homens tinham manias e não lhe metiam medo. Com secreto contentamento olhou a garrafa de «champagne» que gelava no balde, a ceia cara que elle encomendara, e pensava:—Quem será?—E admirando a cigarreira de ouro:—Parece de ouro!—Pôs-se a escutá-lo e começou a ouvir coisas estranhas. Primeiro não fez grande caso, depois escutou melhor, de novo inquieta, vagamente. Elle falava, falava baixo, curvado para ela, sem um gesto, queimando-a com os olhos. E falava-lhe de amor como ela nunca ouvira falar na sua pobre, curta, miserável existência! Nem compreendia bem, mas estava deslumbrada e aquela voz, baixa, grave, convincente metia-lhe medo. Falava-lhe de amor, dizia-lhe que a adorava e como e porquê, e explicava a tortura dos ciúmes, e o desalento perigoso das separações, e a glória incendiada dos encontros, e a apoteose bárbara e suprema da posse e da entrega!—E quando ela tentou responder, gracejar, o olhar d'ele tornou-se tão pesado e singular que t'oda ella se encolheu, dócil e domada. A mão tivera um gesto imperioso e a voz bruscamente dura ordenara:

—Calate! Ouve!

Não tocava no copo, não comia, não fumava. Falava, falava, e as coisas que agora dizia eram para a mulher como que um conto de fadas: Memórias resplendentes dum passado magnifico, planos surpreendentes dum futuro inacreditável. Duas horas mais tarde calou-se bruscamente. A mulher parecia hipnotizada. Elle fez um gesto, pagou. De soslaio, instintivamente, a pequena notou na carteira o maço de notas grandes... aquilo pareceu acordá-la. O criado vergava-se servilmente:

—Vem!

Ela olhou em volta, os seus olhos interrogaram num relance quasi desesperado o rapaz alto e delgado, bem vestido de mais, bem penteado de mais que parecia esperar com tanta, tanta paciência, sentado a uma mesa próxima. O rapaz mordeu um beijo, imperceptivelmente encolheu hombros acostumados como a dizer:

—Vai! É a vida!

Elle esperava e não parecia ver nada, mas vira, e um momento hesitou, duvidando, como se despertasse; mas a um gesto que ella fez do seu bonito braço, nu até ao ombro, tornou a sentir, desesperadamente, o ferro em braza da imperiosa necessidade de companhia de mulher... E o sonho que sabia ser sonho tornou a dominá-lo.

—Vem! — repetiu, e foram.

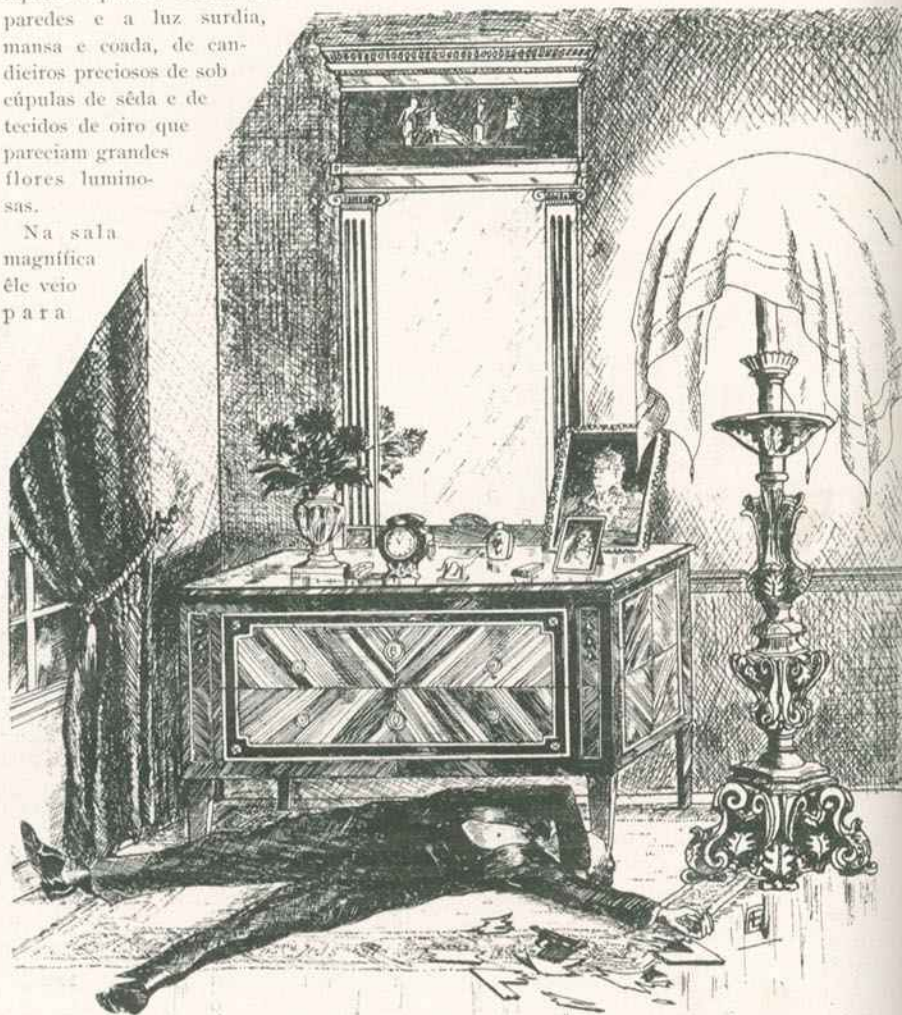
No carro tomou-lhe a mão e levou-a à boca, e ella nunca sentira na sua pobre existência um beijo tão profundo, tão infinitamente carregado de tudo quanto forma, amor, paixão, desejo e devoção! E durante o caminho não trocaram uma única palavra. Na treva inde-

cisa, nas grandes sombras ágeis, nas chapadas de luz dos candieiros à orla dos passeios, os olhos de ambos escureciam ou reluziam sem nunca se largarem.

De novo um arrepio de medo cortado de curiosidade dançou no espirito da rapariga, mas, quando atrás d'ele entrou na casa, ficou tão maravilhada que, com um suspiro trémulo e as mãos sobre o peito, demorou muito quieta, affita e encantada, sem forças para se mover!... E havia gente que tinha casas assim!?...

Elle ia e vinha, sem rumor, cruzando os tapetes espessos. Mexia nas paredes e a luz surdida, mansa e coada, de candieiros preciosos de sob cúpulas de seda e de tecidos de ouro que pareciam grandes flores luminosas.

Na sala magnífica elle veio para



ella com um sorriso calmo; pousou-lhe as mãos sobre os ombros mas... quando ella, intimidada, levantou os seus olhos ficou petrificada, gelada de terror! Por sobre o ombro dela o homem, súbitamente transtornado, pálido de horror, fixava qualquer coisa, qualquer coisa por traz dela, como que uma terrível aparição. As mãos fortes cravaram-se cruelmente nos ombros da pequena, e uma angústia sem nome viveu no rosto do homem!

A custo, bruscamente, t'oda agarrada a elle, louca de medo, voltou os olhos medrosos e nada viu. Sobre uma bela mesa alastrada de livros, de grandes illustrações, junto a uma jarra trasbordando de rosas, um lindo

retrato de mulher sorria tranqüilamente num maravilhoso caixilho—só isso, nada mais! Mas a comédia findara, o sonho esvaira-se e a miséria voltara.

Com uma impreciação o homem afastou-se, levou a mão ao peito, ordenou:

—Dá-me o teu sacco!—Quási lho arrancou; abriu-o e ella, atterrada, atónita, com louca excitação e reprimindo um grito, via-o meter no seu sacco punhados de dinheiros! Notas grandes e mais notas. O estalo do fecho fê-la estremeecer.

Elle tomara-lhe a mão e arrastando-a quasi,

afastou brutalmente um pesado reposteiro, abriu uma alta porta... a rua estava deserta, só lhe disse:

—Vai-te! Perdoa! Vai-te!

Ella arriscou ainda um curto gesto de resistência, um vago protesto murmurado, mas logo se calou, tolhida diante do olhar exasperado do homem.

—Vai-te!—E foi-se agarrada ansiosamente ao seu sacco cheio de ouro!

Cinco minutos mais tarde, aos pés da grande mesa, entre os fragmentos dum lindo retrato de mulher rasgado em cem pedaços, o homem jazia, morto... um tiro no coração!

... Vida Feminina

LENDO há tempos um importante jornal da manhã, chamou-me a atenção um artigo de um escritor, que leio sempre com todo o interesse, porque são sempre interessantes as suas ideias e expressas num esplêndido estilo e em bom português. O título do artigo era «Inimigas» e nesse artigo João Ameal, que não conheço, mas que deve ser um simpático rapaz, desabafava o seu mau humor contra a mulher. A inimiga é para João Ameal a mulher! É isto porque num jornal lera três notícias de crimes passionais em que se dizia terem, por ciúmes, três mulheres morto três homens!

É evidente que essas exaltadas mulheres andaram muito mal em vingiar assim o seu amor ofendido, mas o que teríamos nós que chamar ao homem quando todos os dias os jornais trazem, não três mas muito mais notícias, de homens que matam as mulheres, havendo até nos jornais um título já composto «Marido agressor».

Assombra-se o escritor que tivessem sido mortos três homens, quando são milhares as mulheres mortas pelos homens.

Esqueceu o escritor a dedicação, os sacrifícios de tantas mulheres, porque houve três mulheres enlouquecidas pelo ciúme, que mataram. Não se lembrou da mulher enfermeira que esquece tudo para tratar o doente querido, ainda que na mais infecciosa doença lhe ponha em perigo a vida com o seu contágio, e perde até o instinto de conservação. Esquece as mulheres que tudo fazem por aqueles que amam e senhoras conheço eu que enobrecem o nome de mulher, sabendo amparar maridos que a desgraça feriu cruelmente e cheias de energia e de abnegação são o amparo d'elles na prisão; e cá, fora com a maior dignidade, sabem dirigir a sua vida e minorar o mais possível o sofrimento dos que amam. Mulheres novas que sacrificam a sua mocidade a maridos mais velhos e que o fazem sorrindo. Outras que suportam verdadeiros ultrajes à sua dignidade e são sempre dedicadas. E se é perfida, diplomata e traçoira, epítetos que João Ameal dirige à mulher, não é só ela que tem essas qualidades. Há inúmeros homens perfidos, diplomatas são os homens, porque entre nós ainda não há mulheres diplomatas e traçoiras e não pouco também os há.

No entanto ninguém lhes chamará «O Inimigo». Há uns maus, há outros bons e assim se dá com as mulheres. E há na vida a Mulher que João Ameal esqueceu, que é a Mãe, que dá a vida ao homem, que lhe alimenta com o leite dos seus peitos, que lhe guia os primeiros passos, que vive para o filho unicamente e que é a Amiga, a grande, a única, a verdadeira e sincera Amiga, que o homem tem, aquela que goza profundamente com os seus triunfos, e que sofre atrocemente com os seus desgostos, a que tudo lhe perdôa, até a ingratidão.

Maria de Eça.

A moda

Os vestidos de baile são sempre aqueles que mais nos interessam. São os que nos tornam mais belas, os que mais nos favorecem e os que mais se prestam à fantasia.

Estamos no Carnaval, a época que entre nós traz mais festas nocturnas, mais bailes e em que os vestidos de noite mais precisos são. Damos hoje um lindíssimo modelo de Jeuny, a grande artista da costura. Este lindo vestido é feito em renda branca *lamée*. Sobre a saia, em baixo, vem um fôlho em forma. Uma tira de renda recortada está harmoniosamente disposta em volta do corpo. As costas são amplamente decotadas. A cintura apertada num cinto estreito e detalhe cheio de requinte, as luvas de *suède* branco tem os canhões em renda *lamée*. É uma novidade que torna verdadeiramente encantadora esta *toilette*.

O chapéu é sempre uma das grandes preocupações da mulher elegante e lá o dizem as francesas «le chapeau c'est la femme». Damos hoje um chapéu adorável. Uma boina em fio de pluma cor de rosa modelo de Agnès.

Philippe et Gaston criaram o *tailleur* para a tarde em pano e *Breischwantz*. A saia é toda em pano, o coraco em baixo é em pano e em cima em *Breischwantz*, assim como uma parte das mangas. Este género de *toilette* é de uma grande elegância e de muito utilidade porque, sendo bastante agasalhado, des cansa-nos dos casacos grandes de que já estamos fatigadas.

Meias de seda

As primeiras meias de seda que se viram foram aquelas com que se mostrou em público o rei Henrique II de França, por ocasião do seu casamento com Catarina, em 1533. Numa acta do parlamento inglês há uma referência a tecidos de malha, isto no tempo de Henrique VII, em 1548. Nas crónicas de 1561 há também uma referência às meias de malha de seda da rainha Isabel. É uma preciosa homenagem de Lady Montagu à rainha foi um par de meias de seda. E a rainha ficou tão contente, que... pediu outro. Eduardo VIII, pai da rainha Isabel, já tinha um par de meias de seda, presente dos reis de Espanha. As meias de seda eram só para os reis naqueles felizes tempos. Hoje estão à altura de todas as bolsas e espalham-se cada vez mais nos países civilizados. Na Itália o uso das meias espalhou-se cedo: No século XVI já era vulgar. As meias eram então geralmente tintas de vermelho, dessa cor que sabemos que também usava o divino Miguel Ângelo. E meias vermelhas vemos também reproduzidas nos quadros célebres e ver-

melhas eram as meias que usavam os magistrados de Sicília. A primeira manufactura de meias com carácter industrial, que se confiece, foi estabelecida em 1756, no Castelo de Madrid, mas já em 1608 havia em Paris uma corporação de manufactores de meias que no século XVIII eram em número de 550.

Notas sobre o amor

Ainda que os não amemos achamos sempre que os outros não nos amam o bastante.

Um espirito superior nunca é dominado pelo amor.

O fim da vida não é o amor.

Todo o ser tem em si mil razões de agradar e desagradar, quiere dizer, tem já a história do seu amor e de todos os amores.

Há muito mais amor na amizade do que no amor.

O melhor bem que o amor nos pode dar é fazer-nos crer no amor.

Amar é desejar com paixão um ser que adorariamos, ainda que o não desejássemos.

Nunca pensamos quando julgamos as mulheres, em como é difícil ser mulher.

Se fôssemos absolutamente fortes não pensaríamos no amor.

Seduzimos com mentiras e pretendemos ser amados pelo que somos. — PAUL GÉRALDY.

O feminismo no Japão

No Japão o feminismo avança. A menina Kaneko Marioka, uma jovem de vinte e dois anos, de olhar vivo, assim que saiu de uma escola superior, foi admitida como empregada de policia no commissariado de Nakano, arredores de Tóquio. O commissário dá a entender que tomou esta colaboradora por três motivos: 1.º por economia porque ganha menos que os homens; 2.º para tornar mais leve a atmosfera aborrecida da repartição; 3.º para dar uma impressão agradável aos visitantes. Para evitar, de resto, mal entendidos e complicações nas suas relações com os colegas, é expressamente prohibido à menina Marioka falar com elles excepto por razões de serviço. Não está autorizada a cumprimentá-los, nem a falar-lhes nas ruas.

Higiene e beleza

Um pescoço bonito, branco, roliço, sem ser gordo, é uma das grandes belezas da mulher. Os poetas falam sempre nos pescoços de cisne e de alabastro, das suas musas. As



vezes aparece no pescoço um risco escuro, que se atenua com loções de tintura de benjoim ou limão com água oxigenada a doze volumes. Para fazer com que desapareça esse pano do pescoço, quando não ceda a esta loção, emprega-se a seguinte mistura: Glicerado de amido, 30 gr., água oxigenada a 12 volumes, 6 gr. Aplicando também a seguinte pomada, que é muito enérgica: Naftal 3, 10 gr., óxido de zinco, 15 gr., vaselina amarela, 40 gr., põe-se esta pomada durante uma hora e lava-se depois com água morna onde se deita um pouco de pó de amido. Se a pele ficar um pouco irritada, deve usar-se em seguida, pomada de óxido de zinco. Nunca empregar no pescoço cremes e pós que não sejam de boa qualidade.



Receitas de cosinha

Frango de cabidela — Cortar um frango em pedaços, passá-lo em manteiga até estar dourado, juntar água, uma cebola, salsa, uma cenoura, sal e pimenta e deixar cozer numa caçarola tapada, durante hora e meia. Ao matar o frango, deve conservar-se o sangue, no qual se deita uma colher de sopa de vinagre, para impedir que coagule. Quando o frango está cozido, deita-se no sangue uma colher de farinha e um pouco de água e junta-se tudo, deitando na caçarola que está ao lume, mexendo sempre. Deixa-se ferver um pouco e serve-se quente.

De mulher para mulher

Esperança — Com prazer lhe indicariamos a maneira de fazer com que as suas pestanas dessem ao olhar o brilho fascinador a que aspira, mas desde que são espessas e escuras, dese ser apenas uma preocupação da sua parte, pois nada lhes falta para ensombrar e aveludar o olhar e a pele das pálpebras escura é uma blezaza a mais, pois não vê que a maioria das mulheres a pinta dessa cor? O brilho do olhar vem do interior. Entretenha o seu espírito com pensamentos elevados, leia livros bons e não pense no pouco brilho dos olhos e verá como eles se tornam brilhantes como duas estrelas.

Triste — Sobre isso nada lhe posso dizer. A receita tem sido usada e tentado o melhor resultado. A questão é saber aplicá-la.

Chárlotte — Faça o vestido de bebê, em branco, e o casquinho em lã dos Pirinéus, branca, o chapelinho deve ser em feltro

branco. Nada há que mais favoreça as crianças do que o branco. Pode pôr-lhe luvas e polainas em lã branca. O seu filhinho, assim vestido, ficará um boneco encantador.

Opiniões

O reverendo James Walker, da igreja presbiteriana de Astoria, Estados Unidos da América, fez um inquérito entre as suas ovelhas, que são umas centenas, para saber como elas sonham o homem ideal. Recebeu numerosas respostas. Este género de inquérito é sempre bem recebido na América. Eis as quatro qualidades que mulheres e raparigas apreciam nos homens: 1.ª — bom carácter; 2.ª — educação e inteligência; 3.ª — saúde; 4.ª — ambição e aptidão para ver o lado cómico das coisas. Quatro mulheres responderam: «O esposo deve ser um atleta». Sete declararam que o desejavam de espírito religioso. Uma declarou: «O



homem ideal é o que sabe mandar na mulher». Fez-se também um inquérito aos homens. A maioria respondeu que é necessário que a mulher traga um dote de 500 dólares, pelo menos. Todos foram unânimes em declarar que não casariam com uma mulher desobediente, o que prova que são interesseiros e têm veleidades de tiranizar a mulher. Mas não é, decerto, a mulher americana, cheia de espírito de independência, a mais apta a suportar um jugo pesado.

Trabalhos femininos

É sempre ornamental, numa casa, a guarnição das janelas, e tem grande influência, o seu aspecto, no conjunto de uma sala ou quarto.

Agora, que está em moda o *crochet*, é muito aproveitado para *stores* ou *brises-brise*. Damos hoje um modelo de renda, de muito fácil execução, e que é um belo acabamento para um *store*. Sem as borlas, poderá também servir para uma toalha de mesa ou para a dobra de um lençol. Pode também, com este modelo,

fazer-se um entreméio, suprimindo os bicos e terminando a renda em baixo como na parte de cima. A amostra que damos, para se ver bem a forma de a fazer, é quasi em tamanho natural, sendo o trabalho executado com linha *La Croix C. B.*, em cor crua sendo para *store*, em branco, sendo para toalha ou lençol.

Leviana

Nesta «calma», não vêjas o pudor, a timidez, do pávido donzel... Amo-te até bastante, oh flor cruel; assim eu te encontrasse igual ardor...

E se te não declaro o meu amor nem te prometo o nupcial anel é porque tu, leviana, és como um fel no fundo de uma taça de licôr.

Ao princípio, a doçura tentadora... Mas, depois... ao chegar da prosa a hora ou da lua de mel o esp'rado fim,

voltavas com certeza à moda antiga: paixões, namoros, «flirts»... (o vício obriga) e eu quero uma mulher «só para mim»!

TOMAZ D'EÇA LEM.

A casa

Não há casa *chic* sem candeieiros com bonitos *abat-jours*. Mas é uma coisa que, sendo em seda, rendas ou tule, fica sempre caro. Damos neste número um elegante *abat-jour*, que é também muito económico. Compra-se papel-tela, corta-se o tamanho, dando o devido desconto para o plissado, com uma régua marca-se a largura do plissado e vincase, polendo deixa restar de um dia para o outro, a vincar bem. Depois cola-se e colo-

ca-se uma fita, em veludo ou seda, na cor que vá bem com a ornamentação da sala a que se destina, vincase também e cola-se; depois, fazem-se uns buracos, na parte de cima, e passa-se um cordão de seda da cor da fita. É tudo o que há de mais fácil e, além de bonito, é um género muito moderno.



Precavção

As americanas simplificaram, até ao extremo limite, a indumentária entre a pele

A correspondência de um romancista

UM dos escritores que recebeu maior número de cartas, no grande período do romantismo, foi certamente Walter Scott. Uma coleção existe que compreende seiscentas cartas dirigidas ao célebre romancista escocês e foi adquirida em 1921 pelo escritor inglês Horace Walpole, que as reuniu num volume e as ofereceu à Biblioteca Nacional da Escóssia. Salientam-se as cartas de mulheres e de rapazi-
ninhos entusiastas do romancista, que os fazia viver num país de sonhos. É encantadora, entre outras, a de um estudante de doze anos: «Oh! — exclama o entusiasmado rapazinho — como os seus romances me dão o desejo de ter vivido nos belos tempos da cavalaria! Como me veria com prazer rodeado de vassallos e de servos fieis! Como se devia ser feliz na Idade Média!» Naturalmente os pequenos de hoje acham que os tempos actuais são preferíveis e que o auto substitui vantajosamente os fogosos corceis e as raparigas modernas essas nem falemos, preferem com certeza a vida livre e movimentada que fazem hoje, à das loiras castelãs, que, fechadas nas suas torres, seguiam com o pensamento uma viagem de sonho! É provável que a correspondência do célebre escritor não fôsse agora tão abundante.



zinhos entusiastas do romancista, que os fazia viver num país de sonhos. É encantadora, entre outras, a de um estudante de doze anos: «Oh! — exclama o entusiasmado rapazinho — como os seus romances me dão o desejo de ter vivido nos belos tempos da cavalaria! Como me veria com prazer rodeado de vassallos e de servos fieis! Como se devia ser feliz na Idade Média!» Naturalmente os pequenos de hoje acham que os tempos actuais são preferíveis e que o auto substitui vantajosamente os fogosos corceis e as raparigas modernas essas nem falemos, preferem com certeza a vida livre e movimentada que fazem hoje, à das loiras castelãs, que, fechadas nas suas torres, seguiam com o pensamento uma viagem de sonho! É provável que a correspondência do célebre escritor não fôsse agora tão abundante.

Aventura no electrico

ESTA pequena aventura tem um certo sabor romântico e a candura de uma estampa inglesa. O facto deu-se em Varsóvia. Um jovem voltava a casa depois de um baile, num eléctrico cheio de raparigas; em pé, em frente d'ele, uma linda rapariga tendo espalhada no rosto uma estranha melancolia. Foi uma paragem brusca do eléctrico? Foi um momento de distração produzido pelo clarão da madrugada? O facto é que num certo momento apertava nos braços a menina e beijava-a. O que muito fez rir os presentes, mas a menina não riu e chamou logo um policia. O tribunal de Varsóvia condenou o jovem a pagar cem «zloty» à menina a titulo de danos morais. O jovem ao saldar a sua conta à menina perguntou-lhe se queria ser sua mulher, e ela corando respondeu que sim.

E eis como a aventura, que teve o seu inicio numa fria manhã de Dezembro, acabou alegremente numa igreja de Varsóvia.



segundo o número dos seus membros. Os homens dedicam-se à pesca, as mulheres cultivam os legumes. O que não serve para o consumo local é vendido ou trocado por outra mercadoria. Não há ali erise, nem desemprego, nem baixa da moeda. Não há lutas. Se existe um lugar feliz, quasi de utopia, é a ilha de Hatsushima.

Uma mulher

MORREU com oitenta e seis anos, em Yokama, depois de alguns dias de doença, a senhora Kegio Minejama, viúva de um armador de navios de guerra. Ficou viúva nova e com alguns bens, começou a dedicar-se a negócios de vario genero, mas a sua actividade intensificou-se na compra e venda de terrenos e empréstimos, com grandes juros, aos negociantes de trigo. A infatigável e empreendedora viúva fundou varios bancos e, entre eles, o Owarrria Bank e o Yokama Trust Cy, de grande importância. Mas, apesar de ser considerada a mulher mais rica do Japão, ninguém suspeitava que a sua riqueza atingisse tão fabulosa quantia como a que, depois da sua morte, se constatou existir. A sua herança deixou-a, em parte, aos parentes, e em parte, a obras de beneficência de todo o Celeste Império. Conservou sempre a gerência da sua fortuna, apesar da sua avançada idade, e quando começou a gerir os seus bens ajuda no feminismo não estava em moda.

A maçã

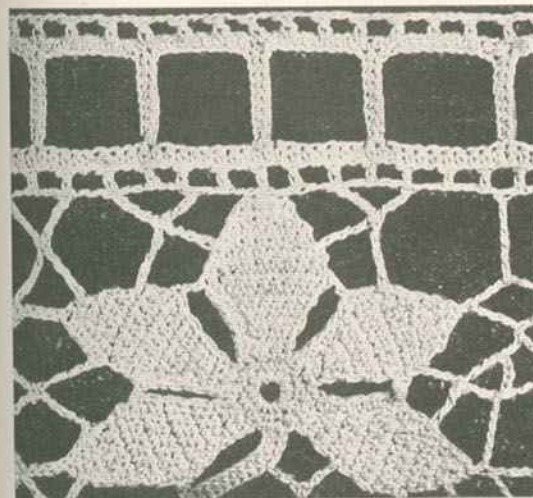
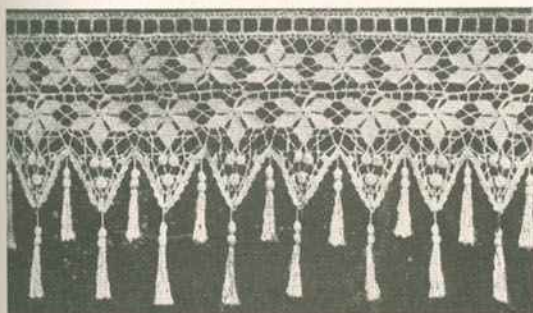
DIZ a revista «Cultura Moderna» que entre os melhores alimentos para o cérebro está a maçã. Um provérbio inglês diz: «Uma maçã por dia afasta o médico, especialmente se for comida antes de ir para a cama». Os americanos dizem: «Estás doente, de mau humor, cansado? Come uma maçã». A maçã é, sem dúvida, a fruta que mais importância tem tido na vida do homem desde Adão até hoje. Com ela se fizeram muitas lendas mitológicas e outras modernas como a de Guilherme Tell. Na Idade Média o sistema para casamentos era em geral fazê-lo quando os nubentes eram crianças, e conta-se que em 1538 um pequeno de pouca idade foi induzido com a promessa de uma maçã a ir à igreja com um tio, que o casou com uma sua filha, porque ele era o herdeiro de uma grande fortuna. Em 1565 James Bullard queixou-se de que tendo encontrado uma donzela, esta, qual Eva, o tentou com uma maçã e o levou à igreja de Colne, onde o fez casar com ela.

e os vestidos, e por esta razão recusam-se, invocando razões higiênicas, a provar os vestidos que os manequins das casas de moda vestiram primeiro. Assim, em Paris, estas casas fizeram fabricar *fourcaus* de papel pergaminho, que a cliente veste a cada prova e isola o corpo do vestido.

Em nome da higiene, este papel servia já para envolver muitos géneros e objectos, mas o que nunca ninguém tinha pensado é que viesse a servir para embrulhar o corpo humano. A vida torna-se cada vez mais complicada, à força de a quererem simplificar. E o caso é que, assim, já se pode dizer que as mulheres vão no embrulho.

Ilha feliz

A um dia de viagem de Tóquio está, no meio do mar, a ilha de Hatsushima. Os navios que ali passam vêem uma praia banhada de águas azues, alguns barcos de pesca e nenhum outro sinal de vida. Escondida entre as plantas, estende-se uma pequena aldeia primitiva, na qual vivem, numa espécie de paraíso, quarenta e duas famílias japonesas. Este número não pode nunca ser aumentado, porque só o filho mais velho de cada família tem o direito de se casar e de viver na ilha. As casinhas são tipicamente japonesas e elevam-se aos lados de uma longa e estreita rua. No fim da rua é o templo e, ao lado, o cemitério. Não há lojas, nem teatros, nem tabernas, nem qualquer outro divertimento. Não faltam, porém, os banhos públicos obrigatórios em todas as povoações japonesas. Os habitantes da aldeia fazem uma vida modesta e são muito tradicionalistas. Todos fazem gala em mostrar, no cemitério, os túmulos dos seus avós, de há oito séculos para cá. A aldeia é administrada patriarcalmente. Cada família recebe uma porção de terreno para cultivar, que varia



Fim de festa

PALAVRAS CRUZADAS

(Problema)

1	2	3	4		5	6	7	8	9
10				11		12			
13			14		15		16		
17		18			19		20		
	21					22			
	23								
24	25							26	
27	28	29						30	
31		32	33				34		
35			36			37			
38					39				

HORIZONTAIS

- 1 — Coragem. 5 — Utensílio de costura.
 10 — Talciga grande. 12 — Líquido fisiológico.
 13 — Partida. 14 — Grande porção de água.
 16 — Soberano. 17 — Tecido fino e transparente.
 18 — Prepara faças. 20 — Florido.
 21 — Bomba portátil. 23 — Aparece com intervalos regulares.
 25 — Tecido. 27 — Caminhar.
 29 — Azedo. 30 — Conjunção. 31 — Letras do alfabeto.
 33 — Medida de tempo. 34 — Aguardente de melão.
 35 — Vértebra do pescoço. 37 — Espécie de coqueiro.
 38 — Ramalhetes. 39 — Possessão portuguesa.

VERTICAIS

- 1 — Lugar de refúgio. 2 — Nascido. 3 — Levanta. 4 — Pedra redonda. 6 — Tempo de verbo. 7 — Sofrimento. 8 — Superfície. 9 — Doirada. 11 — Discorro. 14 — Apanha mariscos. 15 — Guarnecido de renda. 18 — Salário. 19 — Procedido. 21 — Ente. 22 — Composto de ferro e carbono. 24 — Raspar. 26 — Resgatar. 28 — Briga. 30 — Não tem cauda. 32 — Afirmativa. 34 — Órgão do corpo humano. 36 — Isolado. 37 — Lamento.

Preguntava uma senhora amável a um homem de espírito:

— Não me dirá o motivo porque procura tanto o isolamento?

— O motivo é bem simples, respondeu ele; é porque estou mais costumado aos meus defeitos do que aos alheios.



O DOUTOR ESTÉTICO: — CORAGEM, MINHAS SENHORAS. É PRECISO SOFRER PARA SER FORMOSA, DIZ O DITADO.

A mãe: — Já se vê que Adão não devia ter comido a maçã...

O pequeno: — Porquê? A maçã era verde, mãisinha?...

Sendo Fénelon pregador da corte, aconteceu um dia estar a capela real deserta, à hora do officio.

Quando Luís XIV entrou, mostrou-se surpreso, e perguntou qual o motivo.

— A culpa é minha, respondeu o prelado; porque fiz acreditar que Vossa Majestade não viria hoje à capela, a fim de Vossa Majestade conhecer quais são, entre os cortezãos, aqueles que vêm à igreja para adorar Deus, e os que só vêm para adular o rei.

— Segundo a teoria da reencarnação, eu faço agora exactamente o oposto do que fazia na minha existência anterior...

— Então, imagino que na tua primeira existência não fazias outra coisa senão emprestar dinheiro...

Todos sabem que o Januário Pinto é um homem altamente desmemoriado. No outro dia, perguntou-lhe um amigo para que trazia êle um laço de papel na cadeia do relógio:

— É para me lembrar de dizer a meu irmão que me pergunte se eu me esqueci de fazer o que êle me recomendou.

A mãe andava muito preocupada com a profissão que havia de dar ao filho.

— O rapaz dá-me que fazer, dizia ela. É uma natureza sonhadora, apaixonada pelo ideal...

— Faça-o architecto, minha senhora, respondeu alguém que a ouvia. Assim, habilitá-lo-á a construir castelos... no ar.

— É verdade estar aqui preso por ter cometido muitos delitos?

— Nada, não senhor. Estou aqui porque me prenderam.

— Então, seu filho já vai casar, hein? Porque não espera êle para quando tenha mais idade e mais experiência?

— Era bom, era; mas nesse caso, não casaria nunca.

Entre rivais:

— Eu não casava com o Raúl, nem que êle fosse o único homem do mundo!

— Pois já se vê que não. Nesse caso, casaria eu com êle.

Fala-se de dois casados:

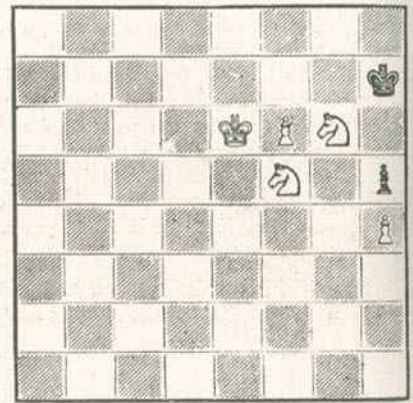
— Mas o marido, observa alguém, não percebe nada?

— Percebe; mas tem, a êsse respeito, a sua especial maneira de ver... que é fechar os olhos!

XADREZ

(Problema)

Pretas — 2 pedras



Branças — 5 pedras

As brancas dão «mate» em dois lances com C. que está em 6. C. R.

PODEM GANHAR-SE AS NOVE VASAS AO BRIDGE?

(Solução)

O Morto joga o As de ouros, sôbre o qual o Andrade deita o As de espadas.

O Morto joga a seguir o Rei de espadas. Se o Cunha deitar trunfo, o Andrade cobre o trunfo, joga depois trunfo e o resto das vasas são dêle.

Mas se o Cunha não deitar trunfo e, em vez disso, se descartar de paus, o Andrade deve cortar e, a seguir, jogar uma carta de paus que o Morto cobrirá. O Morto, então, joga outra carta de espadas sôbre a qual o Andrade deita novamente trunfo e joga uma de paus. O Morto joga, então, a carta de espadas que lhe resta — e quer nesta vasa quer na imediata o Cunha ver-se-á obrigado a jogar trunfo, que o Andrade cobrirá.

Caso o Cunha jogue a Dama, o Andrade cobrirá com o Rei, e, a seguir, jogará, de novo, trunfo, e fará passagem para o As, na hipótese da D. Deolinda não entrar com o Valete.

E assim terá feito tôdas as restantes vasas.

Um tio repreende o sobrinho pelas despesas lúcas a que êste se entrega, e diz-lhe:

— Tens dívidas em tôda a parte; deves a Deus e ao diabo.

— Ora af está, replica o sobrinho: o tio citou precisamente os dois únicos seres a quem não devo nada...



A ESPOSA: — OH! TRÚRCIO, OLHA! ESTIVERAM GATUNGO EM NOSSA CASA, A NOITE PASSADA!
 O MARIDO: — ESTIVERAM, SIM, BEM SEI. OS PALERRES FIZERAM TANTO BARULHO QUE EU NÃO PUDE DORMIR!



UM ASPECTO DO FORMOSÍSSIMO PARQUE DO ESTORIL, VENDO-SE AO FUNDO O CASINO E À DIREITA O PALACE HOTEL

CARNAVAL
1932

ESTORIL

CARNAVAL
1932

CONFORTO — ARTE — ALEGRIA

BAILES DE MASCARAS—CEIAS DE FOLIA

BATALHA DE FLORES

**Interessante e artistico baile
de confronto entre o passado e o presente**

PREMIOS VALIOSOS

**A arte e a elegancia ao serviço da alegria
só no Estoril**



ASPECTO EXTERIOR DO CONFORTÁVEL E ANIMADO CASINO DO ESTORIL EM DIA DE FESTIVAL

LIVRO DE OURO DAS FAMILIAS



Verdadeira Enciclopédia da Vida Prática

COLEÇÃO METÓDICA DE **6.380** RECEITAS

OBRA ILUSTRADA COM **198** GRAVURAS

A MAIS COMPLETA DE QUANTAS EXISTEM PUBLICADAS

LIVRO DE OURO DAS FAMILIAS

é uma obra indispensável em todos os lares. Guia das boas donas de casa, satisfaz também plenamente quantos sobre **todos os ramos profissionais e artísticos** a queiram compulsar, podendo afirmar-se que nela encontrarão incluídos conhecimentos de valia

Obra de incontestável utilidade para toda a gente

No LIVRO DE OURO DAS FAMILIAS

são tratados assuntos que muito interessam à vida prática, como os referentes a: ORNAMENTAÇÃO DO LAR—MEDICINA PRÁTICA—SOCORROS DE URGENCIA—MOBILIÁRIO—LAVANDERIA—FARMÁCIA DOMÉSTICA—JARDINAGEM—PRODUTOS ALIMENTARES—COLAS, GOMAS, VERNIZES E TINTAS—PERFUMARIA—ILUMINAÇÃO E CALEFAÇÃO—SEGREDOS DO TOCADOR—CONSERVAS—ANIMAIS DOMÉSTICOS—MANUAL DO LICOREIRO—METAIS—LIGAS E CIMENTOS—COFROS E PELES—ANIMAIS DANINHOS—COPA E DUCARIA—LAVORES FEMININOS—HIGIENE DA BELEZA—PASSATEMPOS—LAVAGEM DE NÓDOAS—TRICIDOS E VESTUÁRIO—VIDRARIA—ADUBOS—HORTICULTURA—VETERINÁRIA—VINICULTURA E VITICULTURA, ETC.

LIVRO DE OURO DAS FAMILIAS

abrange tudo quanto importa conhecer, especializando-se pelo desenvolvimento, nunca atingido em obras similares, das secções em que o dividimos

A UTILIDADE DE UMA SÓ RECEITA PAGA O LIVRO!

1 GROSSO VOLUME DE 1.152 PÁGINAS LINDAMENTE ENCADERNADO EM PERCALINA A CÔRES E OURO, CUSTA APENAS 30\$00

Pedidos às boas livrarias

Pedidos à S. E. PORTUGAL-BRASIL—Rua da Condessa, 80—LISBOA

Acaba de sair a 9.ª edição

DE

Doida de Amor

NOVELA

por **ANTERO DE FIGUEIREDO**

«Conhece-se através d'êste livro o psicólogo subtil, penetrante, escrupuloso, exacto, capaz de percorrer quilómetros sobre uma folha de rosa, de explicar em vinte volumes de análise a sombra furtiva de um capricho de mulher».

— Julio Dantas.

1 vol. de 276 pags., brochado

10\$00

Pedidos à **Livraria Bertrand**

73, Rua Garrett, 75—LISBOA

O MESTRE POPULAR

ou

O INGLÊS SEM MESTRE

Pronúncia, gramática, conversação, correspondência, literatura, ao alcance de todas as inteligências e de todas as fortunas

Adequado ao uso dos portugueses e dos brasileiros por **JOAQUIM GONÇALVES PEREIRA**

8.ª EDIÇÃO

1 gr. vol. 560 pág. En. Esc. 30\$00

PEDIDOS A

S. E. PORTUGAL-BRASIL

Rua da Condessa, 80—LISBOA

Obras de Norberto de Araujo

MINIATURAS, 1 vol. de 215 pags., brochl. ... **8\$00**

NOVELA DO AMOR HUMILDE, 1 vol. de 308 páginas, brochl. **12\$00**

VARANDA DOS MEUS AMORES, 1 vol. de 145 pags., brochl. **8\$00**

VINHA VINDIMADA, 1 vol. de 208 pags. ... **8\$00**

PEDIDOS À

Livraria BERTRAND

73, RUA GARRETT, 75—LISBOA

NOVO DICIONÁRIO DA LÍNGUA PORTUGUESA

Por CÂNDIDO DE FIGUEIREDO

Da Academia das Ciências de Lisboa, da Academia Brasileira, da Real Academia Espanhola, da Sociedade Asiática de Paris, da Academia de Jurisprudência de Madrid, do Instituto de Coimbra, etc.

QUARTA EDIÇÃO

Muito corrigida e copiosamente aumentada.

O Novo Dicionário é o mais actualizado, autorizado e completo Dicionário da Língua Portuguesa

A aparição do NOVO DICIONÁRIO DA LÍNGUA PORTUGUESA, em 1900, foi calorosamente saudada pela imprensa periódica de Portugal e do Brasil.

Em sessão da Academia das Ciências fez o elogio da obra o falecido académico Gonçalves Viana, grande autoridade portuguesa em assuntos de linguística; e a principal corporação literária e científica da vizinha nação, a Real Academia Espanhola, que raros estrangeiros recebe no seu grémio, elegeu seu sócio o autor do NOVO DICIONÁRIO DA LÍNGUA PORTUGUESA, aprovada a proposta, feita nesse sentido, pelo famoso escritor e diplomata Juan Valera, pelo filólogo e senador Daniel de Cortezar e pelo sábio Mir.

Podemos afirmar que o autor, à custa de longas e incalculáveis fadigas, conseguiu reunir, em todas as esferas da actividade e do saber humano, cerca de 130.000 vocábulos portugueses que ainda não estão registrados nos menos completos e menos imperfeitos dicionários da língua pátria.

Um dicionarista conhecido, cuja obra abrange realmente numeroso vocabulário, ufana-se de que o seu dicionário abranja 66.000 vocábulos. Acrescente-se a esta cifra mais 53.613 e entrever-se-á que os vocábulos reunidos pelo sr. Dr. Cândido de Figueiredo no NOVO DICIONÁRIO DA LÍNGUA PORTUGUESA, abrange nesta nova edição um número que atinge 119.613 vocábulos ou artigos.

2 grossos vol. sólidamente enc. em carneira 250\$00

PEDIDOS A S. E. PORTUGAL-BRASIL
Rua da Condessa, 80 — LISBOA

UM DOS MELHORES BRINDES

Biblioteca das Noivas

Organizada por César de Frias

O Amor — A Mulher — O Lar

Cada volumezinho, broc. 3\$00

Pedidos à Livraria Bertrand

73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

Como obter ideias lucidas e clareza de espirito

POR

G. VOGT

Manual completo para se vencer a preguiça da inteligência, a falta de energia, a fraqueza de espirito, a falta de memória, etc., etc., segundo os experimentados doutores Haig, Cantani e Lévi

1 VOLUME DE 154 PAGINAS, BROCHADO, 7\$00

PEDIDOS À

Livraria BERTRAND

73, RUA GARRETT, 75 — LISBOA



O "Sal de Fructa" ENO, consagrado por sessenta anos de verdadeiros sucessos em todo o mundo, é o remedio mais eficaz para corrigir todas as irregularidades resultantes das perturbações do aparelho digestivo. De preparação salina efervescente, exempto de sal mineral purgativo, o ENO tem uma acção branda e suave, podendo-se tomar em todas as idades e em todas as estações do ano.

Uma colher, das de café, num copo de água pela manhã e a noite.



Depositaros em Portugal: ROBINSON, BARDSLEY, & C. LTD.

8, Caes do Sodré, LISBOA.

BIBLIA DA VIDA

Tesoiro do pensamento humano

COLLECCÃO DE 10.000 MÁXIMAS, PENSAMENTOS E SENTENÇAS COLHIDAS NAS OBRAS DOS MELHORES AUTORES NACIONAIS E ESTRANGEIROS

Por **Morais Leal**

446 assuntos — 1361 autores — Por ordem alfabética:

Este livro, que se apresenta despido de pretensões, procura preencher apenas uma lacuna que, no nosso meio literário, era há muito sentida.

Em todas as línguas cultas existem obras similares, e o apreço em que o público as tem, pode avaliar-se facilmente pelo número das edições, que rapidamente se exgotam, dando lugar a outras sucessivas e sempre melhoradas. Poderíamos citar dezenas de títulos dos livros no género do nosso, que figuram nos catálogos das melhores livrarias estrangeiras, se o nosso intuito fôsse reforçar, por uma curiosa e bem organizada resenha bibliográfica, o que afirmamos e supomos inútil comprovar, sabido como é de todos os que acompanham dia a dia o movimento editorial dos centros de maior expansão literária.

Na BIBLIA DA VIDA, a selecção dos pensamentos, máximas e sentenças colhidas dos melhores autores antigos e modernos foi feita com o maior escrúpulo, observando-se nela o conselho de Thomereau: *o pensamento de três linhas, que não deixar no espirito a impressão de que poderia consagrar-se-lhe um capítulo, carece de valor.*

Obra preciosa para todos os que fazem da pena profissão, julgamo-la também interessantíssima para os que apreciam as boas letras, e tão digna de enfileirar na estante dos eruditos ao lado dos melhores clássicos, como numa escolhida biblioteca feminina a par dos livros que mais encantam o espirito da mulher.

Com este livro o menos culto brilha nas suas conversações

1 GR. VOL. DE 529 PÁGS. ELEGANTEMENTE
ENC. 17\$00; BR. 12\$00

PEDIDOS A S. E. PORTUGAL-BRASIL
Rua da Condessa, 80 — LISBOA

ESTÁ Á VENDA O

Almanach Bertrand

Fundado por Fernandes Costa e coordenado por D. Maria Fernandes Costa

UNICO NO SEU GENERO EM PORTUGAL

A mais antiga e de maior tiragem de todas as publicações em lingua portuguesa—
RECREATIVO, AMENO, INSTRUTIVO— Colaborado pelos melhores autores e dese-
nhistas portugueses e estrangeiros— Passatempo e Enciclopédia de conheci-
mentos úteis, colaboração astronómica e matematica muito interessante por
professores de grande autoridade nestes assuntos.

Um grosso volume de 384 páginas, ornado de 452 gravu-
ras, cartonado **10\$00**
Encadernado luxuosamente **18\$00**

Á VENDA EM TODAS AS LIVRARIAS

33.º — ANO — 1932

**Pedidos à
LIVRARIA BERTRAND**

73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

OS GRILHETAS DO KAISER

por **THEODORE PLIVIER**

Marinheiro alemão durante a Grande Guerra

**A epopeia frágica da esquadra
alemã e a sua destruição**

**A obra máxima sobre
a guerra europeia**

A CELEBRE BATALHA NAVAL DA JUTLANDIA

e os seus horrores, vistos por um marinheiro russo

Este livro, traduzido em quasi todas as linguas, suplantou em exito o celebre
“Nada de Novo na Frente Ocidental”. Apesar de prohibida a sua venda na Ale-
manha, devem-no ter lido em todo o mundo para cima de **50 milhões**
de pessoas

Pedidos à LIVRARIA BERTRAND — 73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

BOLACHIAS

A GRANDE
M A R C A
PORTUGUESA



Variadas e
saborosissimas
qualidades

UM UNICO FABRICO
O MELHOR

NACIONAL

Hoje em dia...

Todos se recordam dêstes
gloriosos feitos:

- A travessia aérea do Atlântico por um hidroavião com 55 toneladas de peso—o Dornier DO-X.
- O vôo de Lindbergh de New York a Paris.
- A travessia do Atlântico Norte por Kingsford Smith.
- O vôo de Byrd sobre o Polo Norte.
- A volta ao mundo pelos aviadores americanos.
- Ovôo de Amélia Earhardt da América à Europa.
- A primeira expedição aérea no continente do Polo Sul, comandada por Wilkins



Muito importante

As vantagens do emprêgo do Mobiloil são indiscutíveis. Assegure-se, porém, de que o adquire sempre em latas fechadas apresentando intacta a cápsula com o GARGOYLE vermelho.



e muitas outras famosas provas no Ar, na Terra e no Mar que foram realizadas com

Mobiloil

Um pouco mais caro — mas vale a diferença

Vacuum Oil Company, Inc.

1048